



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS – IFAL
CAMPUS AVANÇADO BENEDITO BENTES**

PLANO DE CURSO TÉCNICO DE NÍVEL MÉDIO SUBSEQUENTE EM ENFERMAGEM

MACEIÓ
2017



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS – IFAL
CAMPUS AVANÇADO BENEDITO BENTES**

Reitor

Sérgio Teixeira Costa

Pró-Reitor de Ensino

Luiz Henrique de Gouvêa Lemos

Pró-Reitor de Pesquisa e Inovação

Carlos Henrique Almeida Alves

Pró-Reitor de Extensão

Altemir João Sêcco

Pró-Reitor de Administração e Planejamento

Wellington Spencer Peixoto

Pró-Reitor de Desenvolvimento Institucional

José Jonas de Melo Alves

Departamento de Educação Básica

Margareth Nunes da Silva

Departamento de Articulação Pedagógica

Maria Verônica de Medeiros Lopes



ADMINISTRAÇÃO DO CAMPUS AVANÇADO BENEDITO BENTES

DIREÇÃO GERAL

Alexandre Bonfim Barros

CHEFE DO DEPARTAMENTO ACADÊMICO

Max Paulo Giacheto Manhas

COORDENAÇÃO DE APÓIO ACADÊMICO

Jordana Rangely de Almeida Santos

COORDENADORIA DE ADMINISTRAÇÃO E MANUTENÇÃO

Paula Pradines Albuquerque Lôbo



Comissão de Elaboração

Max Paulo Giacheto Manhas

Patrícia Borsato Satírio

Ana Cláudia Garcia de Medeiros André

Salomão Patrício de Souza França

Paulyanne Karlla Araújo Magalhães

Margareth Nunes da Silva

Maria Verônica de Medeiros Lopes

Elaine Kristhine Rocha Monteiro

Beatriz Santana de Souza Lima

Magda Matos de Oliveira

Luanna dos Santos Rocha

Patrícia Cavalcante de Sá Florêncio

Assessoria Pedagógica da PROEN

Margareth Nunes da Silva

Maria Verônica de Medeiros Lopes

Colaboração e Revisão

Glycia Guimarães Souza Mendes

Marciana Barros Correia de Souza

SUMÁRIO

1 IDENTIFICAÇÃO DO CURSO	7
2 JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS	7
3 REQUISITOS E FORMAS DE ACESSO	14
4 PERFIL PROFISSIONAL DE CONCLUSÃO	14
5 ORGANIZAÇÃO CURRICULAR	17
5.1 Prática Profissional	18
5.2 Seminários Temáticos	19
5.3 Matriz Curricular Do Curso De Enfermagem	20
5.3.1 Itinerário Formativo	22
6 CRITÉRIOS DE APROVEITAMENTO DE AVALIAÇÃO, CONHECIMENTOS E EXPERIÊNCIAS ANTERIORES	22
7 BIBLIOTECA, INSTALAÇÕES E EQUIPAMENTOS	24
7.1 Biblioteca	24
7.2 Instalações e Equipamentos	36
8 PERFIL DO PESSOAL DOCENTE E TÉCNICO ADMINISTRATIVO	40
9 CERTIFICADOS E DIPLOMAS A SEREM EMITIDOS	41
10 PROGRAMA DOS COMPONENTES CURRICULARES	41
10.5 Plano De Trabalho De Estágio Supervisionado	87
10.5.1 Objetivo Geral	87
10.5.2 Objetivos Específico	87
10.5.3 Pré-Requisitos	88
10.5.4 Frequência E Aprovação	89
10.5.5 Atribuições Técnicas E Comportamentais do Estagiário	90

10.5.6 Atribuições Do Professor De Estágio	91
10.5.7 Distribuição E Organização	92
10.5.8 Plano Individualizado De Estágio Supervisionado	93
REFERÊNCIAS	112

1 IDENTIFICAÇÃO DO CURSO

Curso Técnico de Nível Médio em Enfermagem na forma Subsequente.

Eixo Tecnológico: Ambiente e Saúde

2 JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS

Este Plano do Curso Técnico de Nível Médio Subsequente em Enfermagem, no Eixo Tecnológico de Ambiente e Saúde, é parte integrante das ofertas do Ifal, Campus Benedito Bentes, no âmbito da educação Básica. E está ancorado no marco normativo da educação brasileira, a Lei nº 9.394/1996, complementada por leis, decretos, pareceres e referenciais curriculares que constituem o arcabouço legal da Educação Profissional de Nível Médio. O plano também segue os elementos constitutivos do Projeto Político Pedagógico Institucional (PPPI), edificados a partir dos princípios: trabalho como princípio educativo; a educação como estratégia de inclusão social; a gestão democrática e participativa; e a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

Em um contexto de grandes transformações, notadamente no âmbito tecnológico, a educação profissional não pode se restringir a uma compreensão linear que apenas treina o cidadão para a empregabilidade, e nem a uma visão reducionista que objetiva simplesmente preparar o trabalhador para executar tarefas instrumentais. Esta constatação, admitida pelo MEC/SETEC, ainda enseja, em função das demandas da atual conjuntura social, política, econômica, cultural e tecnológica, uma formação profissional que apresente uma visão integral do cidadão trabalhador, em que o papel da Educação Profissional e Tecnológica deverá ser de “conduzir à superação da clássica divisão historicamente consagrada pela divisão social do trabalho entre os trabalhadores comprometidos com a ação de executar e aqueles comprometidos com a ação de pensar e dirigir ou planejar e controlar a qualidade dos produtos e serviços oferecidos à sociedade.” (BRASIL, 2012, p. 8), unificando, assim, as dimensões da formação humana: o trabalho, a ciência, a tecnologia e a cultura.

Nesse sentido, é papel da Educação, fundamentada numa perspectiva humanista, formar cidadãos trabalhadores e conhecedores de seus direitos e obrigações que, a partir da apreensão do conhecimento, da instrumentalização e da compreensão crítica desta sociedade, sejam capazes de empreender uma inserção participativa, em condições de atuar qualitativamente no processo de desenvolvimento econômico e de transformação da realidade.

Dessa forma, o Ifal, além de reafirmar a educação profissional e tecnológica como direito e bem público essencial para a promoção do desenvolvimento humano, econômico e social, compromete-se com a redução das desigualdades sociais e regionais; vincula-se ao projeto de nação soberana e de desenvolvimento sustentável, incorporando a educação Básica como requisito mínimo e direito de todos os trabalhadores, mediados por uma escola pública com qualidade social e tecnológica. Ressalta-se que a intencionalidade aqui exposta, aponta para um modelo de nação cujas bases sejam a inclusão social, o desenvolvimento sustentável e a redução das vulnerabilidades sociais, econômicas, culturais, científicas e tecnológicas.

A conjuntura brasileira, marcada pelos efeitos da globalização, pelo avanço da ciência e da tecnologia e pelo processo de modernização e reestruturação produtiva, tem trazido novos debates sobre a educação. Das discussões em torno do tema, tem surgido o consenso de que há necessidade de estabelecer uma adequação mais harmoniosa entre as exigências qualitativas dos setores produtivos e da sociedade em geral e os resultados da ação educativa desenvolvida nas instituições de ensino. As transformações determinadas pela nova ordem econômica mundial caracterizam-se, principalmente, pelo ritmo vertiginoso com que vêm ocorrendo as substituições tecnológicas dos sistemas produtivos.

Assim, afirma-se a oferta de uma educação pública de qualidade, socialmente discutida e construída em processos participativos e democráticos, incorporando experiências que permitam acumular conhecimentos e técnicas, bem como de acesso às inovações tecnológicas e ao mundo do trabalho.

Como caminho metodológico para o cumprimento de tamanhos desafios, o papel da Educação deve ser o de apontar para a superação da dicotomia entre o academicismo superficial e a profissionalização estreita, que sempre pautaram a formulação de políticas educacionais para o nosso país. No que se refere ao Estado de Alagoas, este possui uma área de 27.779,3 km², com 102 municípios e a sua população residente é 3.321.730

peçoas (IBGE, 2014/2015) distribuídas proporcionalmente por faixa etária tendo assim uma densidade demográfica de 112,33 hab/km². O Estado possui ainda uma taxa de urbanização superior a 70%, e a expectativa de vida é 70,4 anos (IBGE/PNAD, 2013).

Seu Produto Interno Bruto –Per Capta – PIB é composto, de acordo com o setor econômico, da seguinte forma: o setor agrícola representa apenas 5,62%, acompanhado do setor da indústria com 22,24% e a maior participação está nos serviços com 72,14% (SEPLANDE, 2011). A população ocupada encontra-se assim distribuída: no setor agropecuário, 34%; no de serviços, 54% e na indústria 12%. Vale salientar que administração pública e comércio estão incluídos no setor de serviço. No setor agropecuário, sobressai-se a cultura da cana-de-açúcar e na pecuária, o principal rebanho é o bovino, que produz, basicamente, carne, couro, leite e seus derivados. Além desse, outros rebanhos merecedores de destaque são os ovinos e os caprinos.

Em virtude da prevalência da monocultura da cana-de-açúcar, Alagoas é um dos estados mais pobres da Federação, o que impõe à sua população nefastas consequências, traduzidas na carência e diversificação de indústrias, o que representa um forte indício de atraso econômico e de desenvolvimento. Segundo dados de pesquisas econômicas, um terço do Produto Interno Bruto do Estado é decorrente das transferências de recursos federais e das políticas sociais do Governo Federal. É a chamada federalização do Estado, segundo Carvalho (2012), significa que mais da metade da população alagoana depende dos recursos federais para sobreviver.

Os dados obtidos em pesquisas do IBGE (2013) que apontam o Estado com o pior IDH – 0,631; pior expectativa de vida; a segunda pior renda e o pior índice do IDEB, além de um dos mais altos índices de mortalidade infantil e a terceira pior renda per capita, indicam a situação de pobreza e até de miséria em que Alagoas está mergulhada. Como nos mostram os dados do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome – MDS, em Alagoas há um total de 674.638 famílias inscritas no Cadastro Único, divididas em 03 (três) grandes grupos: 398.243 famílias têm renda per capita familiar de até R\$ 85,00; com renda per capita familiar entre R\$ 85,01 a R\$ 170,00, 81.353 famílias; com renda per capita familiar entre de R\$ 170,01 a meio salário mínimo 122.226 famílias. Renda per capita acima meio salário mínimo 72.816 famílias (MDS, 2017). Em relação à taxa de desemprego, segundo dados do IBGE (2014/2015), Alagoas apresenta 11%, ficando com a terceira maior taxa do Brasil.

Dados da Pesquisa Nacional por Amostra por Domicílio - PNAD (2012), indicaram que a população economicamente ativa se aproxima de 1,3 milhão de pessoas. Segundo Carvalho (2012) dessas, 21% não possuíam instrução alguma e 34% tinham o ensino fundamental incompleto. Apenas 6% dessa população, com 15 anos ou mais de escolaridade atendiam aos requisitos do competitivo mercado de trabalho. Para superação desse quadro torna-se imprescindível a articulação de políticas públicas voltadas essencialmente para essa finalidade.

Assim, faz-se necessária a oferta de uma educação pública de qualidade, socialmente discutida e construída em processos participativos e democráticos, incorporando experiências que permitam acumular conhecimentos e técnicas, bem como de acesso às inovações tecnológicas e ao mundo do trabalho.

É nesse contexto que surge o Campus Avançado Benedito Bentes, localizado num bairro relativamente novo, construído em 1986 como Conjunto Residencial. Sua população, segundo o último censo 2010 do IBGE, é estimada em 88.084 habitantes, o que representa 9,44% da população de Maceió, com uma população de crianças e jovens, que apresenta idade entre 0 a 14 anos, totalizando 26.866 pessoas. O referido campus nasce com a possibilidade de colaborar com a dinâmica social, econômica, pedagógica e cultural dessa região, promovendo alterações significativas no modo de vida da população, ressignificando as relações de saberes e, com isso, às relações de trabalho, às relações sociais, culturais, éticas e estéticas que se reconfiguram no novo cenário.

Este campus surge como uma instituição de educação de qualidade social referenciada, cujo papel é responder às demandas por profissionais que atendam à necessidade do mundo do trabalho contribuindo, assim, para a melhoria da qualidade de vida da população local. Até porque esta região necessita de uma oferta educacional que eleve a sua qualificação nesse âmbito, uma vez que, dentre outros aspectos socioeconômicos relevantes, a taxa de desemprego no município atinge a média de 16,8% e o nível da população que vive abaixo da linha de pobreza é de 42% (Observatório Socioeconômico e Educacional do Ifal, 2013).

O Campus Avançado Benedito Bentes está localizado na capital do Estado de Alagoas, Maceió, que se situa na parte central da faixa litorânea, ocupando 509,552 km², entre a lagoa mundaú e o oceano atlântico, e se encontra localizada na mesorregião do leste e microrregião que leva seu nome. Esta cidade limita-se: ao norte com os

municípios de Barra de Santo Antônio São Luís do Quitunde, Flexeiras e Messias; ao sul com o município de Marechal Deodoro e Oceano Atlântico; a oeste faz fronteira com Rio Largo, Satuba, Santa Luzia do Norte e Coqueiro Seco; a leste, com o Oceano Atlântico.

Segundo dados do último Censo 2010, realizado pelo IBGE, a capital alagoana apresenta uma população de 1.013.773, densidade demográfica 1.854,10 hab./ km² e índice de desenvolvimento humano municipal (IDHAM) de 0,721. A economia de Maceió baseia-se principalmente na atividade industrial, no comércio e no setor de serviços, cujo Produto Interno Bruto – PIB é de 13.694.800.000, segundo dados do IBGE (2015). Também, é o maior produtor brasileiro de sal-gema. Seu setor industrial diversificado é composto de indústrias químicas, açucareiras e de álcool, de cimento e alimentícias. Possui, agricultura, pecuária e extração de gás natural e petróleo. Embora pouco extensas, ainda existem plantações de cana-de-açúcar na área rural do município. Há também produção de cocos e de frutas como caju, manga e jaca.

O município de Maceió conta ainda com um setor de serviços de saúde pujante com uma atividade amplamente diversificada, crescente e ainda deficitária. Considerando o número de pessoas ocupadas por setor 2007-2013 (Censo 2010 - IBGE), vale destacar que a população apresenta um considerável número de indivíduos atuando na área de serviços e, desta forma, este aparece como sendo o setor da economia que mais emprega. A secretaria do Estado, Planejamento, Gestão e Patrimônio - SEPLAG, por meio do anuário estatístico do Estado de Alagoas – 2016 (publicado em 2017) corrobora com essa informação ao apresentar dados municipais de Maceió que evidenciam um crescimento no número de pessoas com vínculo empregatício em ocupações formais no setor terciário, durante o período de 2015 a 2016.

Em se tratando do setor de saúde, o indicador de leitos hospitalares por mil habitantes é um importante dado situacional da saúde local que reflete o número de leitos hospitalares públicos e privados, vinculados ou não ao SUS, em determinado espaço geográfico no ano considerado. Essa informação permite avaliar e equacionar a demanda de pacientes em relação à capacidade de atendimento. O número de leitos hospitalares à disposição de uma comunidade representa importante fator de limitação do nível de assistência médica que lhe é possível oferecer. Mesmo com essa limitação, alguns estudos apontam como necessidade mínima o número de 4 a 5 leitos por 1.000 habitantes. Segundo o DATASUS/IBGE (2017) Alagoas está abaixo do esperado quanto a este percentil, apresenta indicador de 2,1 de 2012 a 2015, o que aponta indica uma

baixa cobertura de atendimento hospitalar e acessibilidade da população a esses serviços de internamento hospitalar.

Uma dificuldade inicial, em termos de realidade brasileira, é a carência de estudos capazes de indicar os quantitativos de leitos hospitalares necessários ao atendimento da população, bem como o quantitativo de profissionais de enfermagem para esse atendimento. A categoria de Enfermagem representa, hoje, 60% dos trabalhadores da área da saúde, sendo que 81% desse total atuam na rede privada e 19% na rede pública. Segundo DATASUS/ IBGE (2012 – 2015), atualmente o Brasil conta com 1,2 de enfermeiros para cada mil habitantes e Alagoas 0,9 e meio profissional para cada médico, porém a Organização Mundial da Saúde (OMS) recomenda um enfermeiro para cada 500 pessoas. No entanto, essa posição vai ao encontro da crescente necessidade do setor de saúde que, demonstrados pelos dados da área, indicam a incorporação progressiva de profissionais de nível médio no setor.

Paralelo a isto, os indicadores de cobertura populacional da equipe de atenção básica da família, apontam que aproximadamente 19,7% da população do Estado de Alagoas não possui cobertura da Estratégia do Programa de Saúde da Família. Segundo a Diretoria de Atenção Básica da Prefeitura de Maceió, 46,21% da população possui cobertura desse Programa. Este dado aponta uma baixa amplitude de ações de promoção primária em saúde pública, o que resulta na superpopulação dos serviços, de atenção primária e secundária em saúde, gerando impactos diretos nos indicadores de morbimortalidade necessitando de profissionais da referida área que colaborem para uma ação voltada ao atendimento digno da população.

Dessa forma, entende-se que a Enfermagem nesse contexto, é parte integrante e fundamental na construção, promoção e desenvolvimento de políticas de atenção à saúde e recuperação da vida, sendo primordial em toda essa área, pois possibilita a minimização de erros e, conseqüentemente, redução de agravos à saúde.

Em razão da pouca oferta de cursos de enfermagem em instituições públicas e da onerosa oferta pelas instituições privadas, observa-se a enorme carência desses profissionais de saúde que atendam suficientemente a demanda de pessoas que procuram atendimento médico/hospitalar. Embora, com dados em pesquisa, o Ipea (Instituto Brasileiro de Pesquisa Econômica Aplicada) aponte a enfermagem como a quinta área com maior empregabilidade no Brasil.

A ampliação da base de atuação da saúde e da enfermagem, que vem se configurando com a ampliação da oferta de serviços e de incorporação de novas tecnologias, requer, além de formação adequada e permanente, o desenvolvimento de contínuos processos de construção de conhecimento, uma vez que a qualidade do cuidado e da formação, estão relacionados à reflexão crítica sobre a realidade do processo de trabalho e a capacidade de intervenção e proposição de mudanças nessa realidade.

A preocupação com o dimensionamento do profissional dessa área, seja enfermeiro ou técnico de enfermagem, está posto na Resolução Nº 543 de 2017 do Conselho Federal de Enfermagem, que orienta as diretrizes mínimas para o cálculo do quantitativo desses profissionais, para o atendimento à população. Estes cálculos servem para orientação dos serviços de saúde (assistência ou ensino) no planejamento e execução do número necessário de profissionais de enfermagem para execução de suas tarefas.

Este número está diretamente ligado ao grau de dependência do paciente em relação à equipe de enfermagem, chamado de sistema de classificação de pacientes – SCP e, a realidade sociocultural.

O referencial mínimo para o quadro de profissionais de enfermagem, para as 24 horas de cada unidade de internação, considera o SCP, as horas de assistência, a distribuição e percentual do total desses profissionais e a proporção profissional/paciente.

A distribuição percentual do total de profissionais de enfermagem deve observar o SCP e as proporções mínimas de 33% são enfermeiros (mínimo de seis) e os demais auxiliares e/ou técnicos de enfermagem para cuidados mínimos e intermediários; 36% são enfermeiros e os demais técnicos e/ou auxiliares de enfermagem, para cuidados de alta dependência; 42% são enfermeiros e os demais técnicos de enfermagem para cuidados semi-intensivo e 52% são enfermeiros e os demais técnicos de enfermagem para cuidados intensivos.

Para efeito de cálculo devem ser consideradas o SCP e a proporção profissional/paciente nos diferentes turnos de trabalho: no cuidado mínimo - 1 profissional de enfermagem para 6 pacientes; no cuidado intermediário - 1 profissional de enfermagem para 4 pacientes; no cuidado de alta dependência e semi-intensivo - 1 profissional de enfermagem para 2,4 pacientes; no cuidado intensivo - 1 profissional de enfermagem para 1,33.

Deste modo, o número de leitos e de internação hospitalar, representa importante variável na determinação do número de profissionais de enfermagem necessários para o andamento dos serviços de saúde. No final de 2016, Alagoas possuía 4.932 leitos, enquanto a Cidade de Maceió 2.251 leitos registrados.

Dessa forma, a oferta desse curso, além de compatibilizar com a realidade da área de saúde do Estado de Alagoas, representa uma grande oportunidade e alternativa profissional promissora para os jovens de Maceió e adjacências, particularmente no bairro do Benedito Bentes, sendo este um dos mais populosos da capital alagoana, que estão em busca de uma qualificação que lhes garanta inserir-se no setor produtivo proporcionando melhor qualidade de vida.

O curso técnico de nível médio em enfermagem, na modalidade subsequente, tem como objetivo formar profissionais técnicos de nível médio, fornecendo-lhes instrumentos que os qualifiquem para atender as solicitações da área de saúde, formando profissionais com competência técnica, ética e social, bem como com uma visão humanística, atuando de acordo com a Lei n.º 7.498/86, de 25 de junho de 1986, que dispõe sobre a regulamentação do exercício da enfermagem e dá outras providências e no Decreto n.º 94.406 de 08 de junho de 1987, assistindo ao Enfermeiro no planejamento, programação e supervisão das atividades de assistência de Enfermagem, na prestação de cuidados diretos de Enfermagem a pacientes em estado grave, na prevenção e controle das doenças transmissíveis em geral, em programas de Vigilância Epidemiológica, na prevenção e no controle sistemático da infecção hospitalar, na prevenção e controle de danos físicos que possam ser causados a pacientes durante a assistência de saúde.

3 REQUISITOS E FORMAS DE ACESSO

O acesso ao Curso Técnico de Nível Médio em Enfermagem na forma Subsequente, na modalidade presencial, destinado a portadores do certificado de conclusão do Ensino Médio, ou equivalente, através de Processo Seletivo, aberto ao Público, para o primeiro período do curso.

4 PERFIL PROFISSIONAL DE CONCLUSÃO

A crescente cientificidade da vida social e produtiva exige do cidadão trabalhador, cada vez mais, uma maior apropriação do conhecimento científico, tecnológico e político. Assim sendo, é imperativo que a Escola tenha como missão a formação histórica crítica do indivíduo, instrumentalizando-o para compreender as relações sociais em que vive e para participar delas enquanto sujeito, nas dimensões política e produtiva, tendo consciência da sua importância para transformar a sociedade, e o conhecimento científico para dominar a natureza.

Dessa forma, o perfil profissional de conclusão que se almeja deve contemplar uma formação integral, que se constitui em socialização competente para a participação social e em qualificação para o trabalho na perspectiva da produção das condições gerais de existência, nos processos relevantes do conhecimento científico, tecnológico, social e cultural, utilizando suas diferentes linguagens, o que lhe confere autonomia intelectual e moral para acompanhar as mudanças, de modo a intervir no mundo do trabalho que o habilite a desempenhar atividades voltadas para Enfermagem.

O egresso deve estar apto a assumir responsabilidades dentro da equipe de enfermagem e multidisciplinar, capaz de conhecer e intervir sobre os problemas/situações de saúde-doença mais prevalentes no perfil epidemiológico nacional, com ênfase loco-regional, pautada nos cenários biopsico-sociais dos seus determinantes.

De forma a atuar com senso de responsabilidade social e compromisso com a cidadania, e ainda com autonomia na promoção da saúde integral do ser humano em conjunto com a equipe multidisciplinar existente no ambiente hospitalar.

Concluídas as etapas de formação, o técnico de nível médio em enfermagem terá um perfil que lhe possibilite:

- Conhecer e utilizar as formas contemporâneas de linguagem, com vistas ao exercício da cidadania e à preparação para o trabalho, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;
- Compreender a sociedade, sua gênese e transformação e os múltiplos fatores que nela intervêm, como produtos da ação humana e do seu papel como agente social;
- Atuar de forma crítica, política e reflexiva com atitudes éticas, modificadoras de estruturas, relações configuradas nas diretrizes políticas enquanto fatores

determinantes de evolução da prática social da Enfermagem e dos princípios do SUS;

- Demonstrar competência e habilidades técnico-científicas no cuidar prestado ao indivíduo, família, comunidade nos diferentes níveis de promoção e recuperação da saúde;
- Compreender o processo saúde-doença dos indivíduos e coletividades, bem como os fatores condicionantes e determinantes que nele influenciam, para a produção do cenário de saúde da sociedade alagoana;
- Conhecer e identificar a estrutura e a organização do Sistema Único de Saúde;
- Realizar a assistência de enfermagem na promoção, prevenção e recuperação da saúde, nos ciclos da vida humana;
- Trabalhar em equipe multidisciplinar, aprimorar as relações humanas, buscando integrar conhecimentos de diferentes áreas da saúde;
- Interpretar e aplicar normas do exercício profissional, princípios éticos que regem a conduta do profissional de Enfermagem;
- Desenvolver habilidades técnicas para execução dos procedimentos de enfermagem nos ciclos da vida humana;
- Conhecer o corpo humano e identificar seus padrões anatomofisiológicos;
- Auxiliar o enfermeiro no planejamento e organização do trabalho, na perspectiva de um atendimento integral e de qualidade;
- Conhecer e aplicar as normas de biossegurança;
- Conhecer, executar e analisar as rotinas, os protocolos de trabalho;
- Realizar os registros de enfermagem em conformidade com a legislação vigente;
- Orientar os usuários dos serviços de saúde a assumirem, com autonomia, a própria saúde;
- Prestar assistência de enfermagem nas situações de urgência, emergência e alta complexidade, de acordo com sua competência;
- Conhecer noções básicas de farmacologia, com ênfase na preparação e administração dos fármacos;

- Prestar assistência de enfermagem a mulher, destacando o planejamento familiar e atuação no ciclo gravídico-puerperal;
- Prestar assistência de enfermagem ao neonato, criança e adolescente, embasado no Estatuto da Criança e do Adolescente;
- Prestar assistência de enfermagem na atenção à saúde do adulto, enfatizando as doenças transmissíveis, não-transmissíveis e crônico-degenerativas;
- Prestar assistência de enfermagem na atenção à saúde do idoso, de acordo com o Estatuto do Idoso;
- Prestar assistência de enfermagem na atenção à saúde mental;
- Conhecer o funcionamento da Central de Material de Esterilização e desenvolver técnicas de limpeza, preparo, desinfecção, esterilização, estocagem e dispensação;
- Conhecer o funcionamento do Centro Cirúrgico e Sala de Recuperação Pós-anestésica, incluindo estruturas, equipamentos e sua utilização;
- Conhecer a legislação específica na área de saúde do trabalhador, bem como noções básicas de ergonomia e segurança do trabalho;
- Prestar assistência de enfermagem ao usuário criança, mulher, idoso, vítima de violência doméstica e/ou urbana, considerando as normas vigentes de promoção à saúde e proteção da vida.

5 ORGANIZAÇÃO CURRICULAR

O Ifal, na perspectiva de cumprimento de sua missão, que é “promover educação de qualidade social, pública e gratuita, fundamentada no princípio a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, a fim de formar cidadãos críticos para o mundo do trabalho e contribuir para o desenvolvimento sustentável”, afirmada no seu Projeto Político Pedagógico Institucional (PPPI), que a estrutura curricular dos seus cursos tome o trabalho como princípio geradora ação educativa, destacando para tanto a adoção dos seguintes princípios para a condução do ensino:

1. Organização curricular pautada em área de conhecimento e/ou de atuação profissional;
2. Estabelecimento de eixos comuns a áreas e cursos, cujos componentes curriculares deverão ser privilegiados na proposta pedagógica;
3. Indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão por meio da indicação de espaços para atividades Complementares, para aprofundamento de conhecimentos adquiridos, como forma de fomento do debate, da dúvida, da crítica e, portanto, de construção da vida acadêmica e ampliação dos horizontes culturais e profissionais dos alunos;
4. Adoção de conteúdo politécnico numa perspectiva histórica;
5. Opção pelo método teórico/prático, tomando o trabalho como forma de ação transformadora da natureza e de constituição da vida social.

Além dessas ações, ainda compõem a organização curricular, a prática profissional e os seminários temáticos que serão explicitados no item a seguir.

Com base na Resolução CNE/CEB nº 06 de 20 de setembro de 2012, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio, até 20% da carga horária do curso poderá ser ministrado a distância desde que ofereça um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) e professores com formação para desenvolver as atividades por meio desse ambiente de aprendizagem, como também a garantia de suporte tecnológico e atendimento aos alunos por docentes e tutores.

5.1 Prática Profissional

A educação profissional é compreendida como entrelaçamento entre experiências vivenciais e conteúdos / saberes necessários para fazer frente as situações nos âmbitos das relações de trabalho, sociais, históricas e políticas, incidindo também está compreensão na consolidação da aquisição de conhecimentos gerais e conhecimentos operacionais de forma interativa.

Dessa forma, entende-se que é possível nessa prática, conjugar teoria com a prática principalmente, quando se tem como proposta pedagógica, a ideia de conciliar estudos que favoreçam a interdisciplinaridade, a contextualização e a flexibilidade como condição para a superação dos limites entre formação geral e profissional com vistas à consecução da profissionalização que se pretende atingir ao término do curso.

Assim sendo, em consonância com o que propõe o Projeto Político Pedagógico do IFAL, o Curso Técnico Subsequente em Enfermagem, para alcançar o perfil de formação delineado, compreende que a prática profissional se configura no espaço, por excelência, de conjugação teoria/prática, visto que se caracteriza como um procedimento didático-pedagógico que contextualiza, articula e interrelaciona os saberes apreendidos a partir da atitude de desconstrução e (re)construção do conhecimento.

É, na verdade, condição de superação da simples visão de disciplinas isoladas para a culminância de um processo de formação no qual alunos e professores são engajados na composição/implementação de alternativas de trabalho pedagógico do qual derivam diversos projetos, decorrentes de descobertas e recriações, além de programas de intervenção/inserção na comunidade/sociedade.

Na perspectiva de que o estudante possa relacionar teoria e prática a partir dos conhecimentos (re)construídos no respectivo curso, a prática profissional se apresenta através da implementação de atividades tais como:

- Visita Técnica;
- Prestação de Serviços;
- Participação em seminários, através de pôsteres, comunicação oral, promovidos pela instituição ou outras instituições relacionadas à sua área de estudo;
- Estágio curricular;
- Desenvolvimento de projetos de ensino, pesquisa e atividades extencionistas;
- Efetivo Exercício profissional;
- Monitoria na área.

Enfim, a prática profissional, desenvolvida exclusivamente por estágio supervisionado, é composta de, no mínimo, 600 horas acrescidas ao total geral da carga horária dos componentes curriculares do curso, podendo ser desenvolvida a partir do 2ª módulo conforme normativo institucional.

5.2 Seminários Temáticos

Os Seminários Temáticos são atividades Complementares obrigatórias que compõem ações estratégicas didático-pedagógicas que acontecerão a cada semestre de acordo com o calendário letivo do Campus.

O objetivo desses seminários é concretizar o ensino, a pesquisa e a extensão como uma prática plausível cuja finalidade é oportunizar aos docentes e discentes desenvolverem atividades de acordo com a necessidade da agenda local.

Estas atividades podem ser executadas de várias maneiras como, por exemplo: Seminário sobre integração acadêmica, iniciação à pesquisa e extensão, orientação para o desenvolvimento de prática profissional, sociologia do trabalho, visita técnica, qualidade de vida e trabalho, entre outros temas que possam ser de interesse da comunidade acadêmica.

Preferencialmente, estas atividades Complementares deverão ser desenvolvidas no turno normal de aula do aluno e contarão com uma carga horária de no mínimo 10 horas por semestre, distribuídas no total geral de carga horária das disciplinas do semestre.

5.3 Matriz Curricular Do Curso De Enfermagem

O curso Técnico Subsequente em Enfermagem terá seus componentes curriculares divididos em quatro módulos, correspondendo cada módulo a um semestre, sendo o curso com duração total de dois anos. A Matriz Curricular constitui-se de 19 componentes, distribuídos em 1033,3 horas teóricas e 600 horas de prática profissional, totalizando uma carga horária de 1633,3 horas.

MATRIZ CURRICULAR DO CURSO TÉCNICO DE NÍVEL MÉDIO SUBSEQUENTE EM ENFERMAGEM – INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS - CAMPUS BENEDITO BENTES				
	Componentes Curriculares	Aula Semanal	Hora Aula	Hora Relógio
Modulo I	Anatomia e fisiologia	4	80	66,7
	Noções básicas de farmacologia	2	40	33,3
	Fundamentos de enfermagem I	6	120	100
	Saúde coletiva e educação em saúde I	2	40	33,3
	Microbiologia e parasitologia	2	40	33,3
	Ética e legislação profissional	2	40	33,3
	Saúde do trabalhador e biossegurança	2	40	33,3
	Total da carga horária no semestre	20	400	333,3
Modulo II	Fundamentos de enfermagem II	6	120	100
	Enfermagem em saúde mental	4	80	66,7
	Enfermagem em saúde do adulto	4	80	66,7
	Enfermagem em saúde do idoso	2	40	33,3
	Saúde coletiva e educação em saúde II	4	80	66,7
	Enfermagem em Doenças Infecto parasitárias	2	40	33,3
	Subtotal da carga horária das disciplinas no	22	440	366,7
	Estágio supervisionado em Fundamentos de enfermagem			100
	Total da carga horária no semestre			466,7
Modulo III	Enfermagem em saúde da criança e adolescente	4	80	66,7
	Enfermagem em saúde da mulher	4	80	66,7
	Enfermagem peri-operatória e CME	4	80	66,7
	Enfermagem em urgência e emergência	4	80	66,7
	Subtotal da carga horária das disciplinas no	16	320	266,7
	Estágio supervisionado em Saúde Coletiva e Educação em Saúde			80
	Estágio supervisionado de Enfermagem em Saúde do Adulto			50
	Estágio supervisionado de Enfermagem em Saúde do Idoso			50
	Estágio supervisionado de Enfermagem em Saúde Mental			40
	Total da carga horária no semestre			486,7
	Modulo IV	Enfermagem a pacientes em alta complexidade	2	40
Noções de administração dos serviços de enfermagem		2	40	33,3
Subtotal da carga horária das disciplinas no		4	80	66,7
Estágio supervisionado de Enfermagem em Saúde da Criança e			80	
Estágio supervisionado de Enfermagem em Saúde da Mulher			80	
Estágio supervisionado de Enfermagem Peri-operatória e CME			80	
Estágio supervisionado de Enfermagem em urgência e emergência			40	
Subtotal			346,7	
Subtotal Semestres				1033,3
Estágios Supervisionados				600
Total				1633,3

5.3.1 Itinerário Formativo

O curso Técnico em Enfermagem será desenvolvido em quatro módulos, em uma sequência lógica de construção de conhecimentos, aliados à prática profissional. O ingresso aos módulos subsequentes dependerá da aprovação no módulo anterior. O trabalho de ensino-aprendizagem será desenvolvido sob orientação dos professores e dos técnicos, com participação dos alunos, por meio de aulas expositivas e dialogadas, projetos e atividades complementares. As atividades Complementares deverão ser práticas e ocorrerão em unidades hospitalares de internamento, unidade de pronto atendimento, maternidades, unidades básicas de saúde, vigilância epidemiológica, vigilância sanitária, rede de frio.

O curso também deverá possibilitar a participação do aluno em congressos, seminários e workshops, visitas técnicas, atividades em equipe, defesa e apresentação de seminários. As aulas práticas serão desenvolvidas por meio de atividades de campo, bem como nas unidades educativas de produção conveniadas ao Instituto Federal de Alagoas. Há ainda o fomento ao desenvolvimento e defesa de planos e atividades de monitoria, como junção da teoria à prática.

6 CRITÉRIOS DE APROVEITAMENTO DE AVALIAÇÃO, CONHECIMENTOS E EXPERIÊNCIAS ANTERIORES

Conhecimentos adquiridos em experiências profissionais poderão ser aproveitados a partir de avaliação e certificação de conhecimentos previamente comprovados. Tais como:

- Qualificações profissionais e/ou componentes curriculares concluídos em outros cursos de nível técnico;
- Cursos de formação inicial e continuada de trabalhadores;
- Atividades desenvolvidas no trabalho formal e/ou alguma modalidade não formal.

A avaliação necessária à prática escolar almejada pelo PPPI no Ifal concebe o processo educativo como um processo de crescimento da visão de mundo, da compreensão da realidade, de abertura intelectual, de desenvolvimento da capacidade de interpretação e de produção do novo, de avaliação das condições de uma determinada realidade. Há que se avaliar, verificando como o conhecimento está se incorporando nos sujeitos, como modifica a sua compreensão de mundo, bem como eleva a sua capacidade

de participar da realidade onde está vivendo. Essa avaliação não pode acontecer de forma individualizada, tampouco segmentada. Deve ser empreendida como uma tarefa coletiva e não como uma obrigação formal, burocrática e isolada no processo pedagógico.

Nesse sentido, o desenvolvimento da avaliação da aprendizagem do Ifal está fundamentada numa concepção emancipatória, da qual possa ser revelado nos sujeitos sociais como efeito da ação educativa, o desenvolvimento de competências e habilidades num plano multidimensional, envolvendo facetas que vão do individual ao sociocultural, situacional e processual, que não se confunde com mero 'desempenho'.

A avaliação da aprendizagem será realizada considerando os aspectos cognitivos, afetivos e psicossociais do educando, apresentando-se em três momentos avaliativos: diagnóstico, formativo e somativo, além de momentos coletivos de auto e heteroavaliação entre os sujeitos do processo de ensino e aprendizagem.

Enfim, o processo de avaliação de aprendizagem do Curso Técnico em Enfermagem estabelecerá estratégias pedagógicas que assegurem preponderância dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos, contemplando os seguintes aspectos:

- Contribuição para a melhoria da qualidade do processo educativo, possibilitando a tomada de decisões para o (re)dimensionamento e o aperfeiçoamento do mesmo;
- Adoção de práticas avaliativas emancipatórias tendo como pressupostos o diálogo e a pesquisa, assegurando as formas de participação dos alunos como construtores de sua aprendizagem;
- Assegurar o aproveitamento de conhecimentos e experiências mediante a avaliação;
- Garantia de estudos de recuperação paralela ao período letivo;
- Diagnóstico das causas determinantes das dificuldades de aprendizagem, para possível redimensionamento das práticas educativas;
- Diagnóstico das deficiências da organização do processo de ensino, possibilitando reformulação para corrigi-las;
- Definição de um conjunto de procedimentos que permitam traduzir os resultados em termos quantitativos;
- Adoção de transparência no processo de avaliação, explicitando os critérios (o que, como e para que avaliar) numa perspectiva conjunta e interativa, para alunos e professores;
- Garantia da primazia da avaliação formativa, valorizando os aspectos (cognitivo, psicomotor, afetivo) e as funções (reflexiva e crítica), assegurando o caráter dialógico e emancipatório no processo formativo;

- Instituição do conselho de classe como fórum permanente de análise, discussão e decisão para o acompanhamento dos resultados do processo de ensino e aprendizagem;
- Desenvolvimento de um processo mútuo de avaliação docente/discente como mecanismo de viabilização da melhoria da qualidade do ensino e dos resultados de aprendizagem.

Para o acompanhamento e controle do processo de aprendizagem desenvolvido no curso de Enfermagem serão realizados, ao final de cada período, avaliação do desempenho escolar por componente curricular e/ou conjunto de componentes curriculares considerando, também, aspectos de assiduidade e aproveitamento. A assiduidade diz respeito à frequência às aulas teóricas, aos trabalhos escolares, aos exercícios de aplicação e atividades práticas. O aproveitamento escolar será avaliado através de acompanhamento contínuo do aluno e dos resultados por ele obtidos nas atividades avaliativas.

Como forma sistemática do processo de avaliação, serão utilizados instrumentos e técnicas diversificadas, tais como:

- Prova escrita ou oral;
- Observação; autoavaliação;
- Trabalhos individuais e em grupo;
- Apresentação de seminários;
- Desenvolvimento de relatórios de pesquisa e extensão;
- Portfólio;
- Projetos técnicos;
- Conselho de Classe.

Salienta-se que este último tem espaço privilegiado de avaliação coletiva, constituindo-se, portanto, em instância final de avaliação do processo de aprendizagem vivenciado pelo aluno.

7 BIBLIOTECA, INSTALAÇÕES E EQUIPAMENTOS

7.1 Biblioteca

A estrutura da Biblioteca está baseada conforme indicação bibliográfica dos ementários. Com este espaço pretende-se proporcionar aos alunos do curso, um acervo básico e complementar nas diversas áreas do conhecimento, de conformidade com as especificações técnicas requeridas para a consecução do perfil de formação delineado.

Apresenta-se como acervo básico para composição da biblioteca as seguintes referências da formação específica e do núcleo comum.

- AGUIAR, Zenaide Neto (organizadora). SUS - Sistema Único de Saúde: antecedentes, percurso, perspectivas e desafios. 2a. ed. São Paulo: Editora Martinari, 2015.
- ALMEIDA, O. P.; DRATEU, L.; LARANJEIRA, R. Manual de Psiquiatria. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1996.
- AMANTE, L. N.; GIRONDI, J. B. R.; MAIA, A. R. C. R.; NASCIMENTO, K. C.; KNIHS, N. S.; Cuidado de enfermagem no período perioperatório: intervenções para a prática. Vol 1. Curitiba: Editora CRV. 2016. 486 p.
- ANDRADE, D. de; FERREIRA, A.M. Sítio cirúrgico: avaliação e intervenções de enfermagem no pós-operatório. Arq Ciênc Saúde, v.13, n.1, p.27-33, 2006
- ARAUJO, C. E. R. A.; ANTUNES E. D. Anatomia Humana. 1 ed. Curitiba: Editora do Livro Técnico, 2011.
- ARAUJO, C. E. R. A.; SANTOS G. J. B. Fundamentos de Fisiologia Humana. 1 ed. Curitiba: Editora do Livro Técnico, 2012.
- ASPERHEIM, Mary Kaye. Farmacologia para enfermagem. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENFERMAGEM - SEÇÃO RIO DE JANEIRO – ABEN/RJ, Gestão 2004-2017. Cartilha do Trabalhador de Enfermagem: saúde, segurança e boas condições de trabalho. 2007. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cartilha_aben.pdf.
- BARCHIFONTAINE, C. de Paul de; PESSINI, Leo (Org.) et al. Bioética: alguns desafios. São Paulo: Loyola: Centro Universitário São Camilo, 2001.
- BORGES, A.L.V.; FUJIMORI, E. Enfermagem e a saúde do adolescente na atenção básica. Barueri: Manole, 2009.
- BORTOLOTTI, F. Manual do socorrista. Porto Alegre: Expansão, 2008.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Protocolos da Atenção Básica: Saúde das Mulheres / Ministério da Saúde, Instituto Sírio-Libanês de Ensino e Pesquisa – Brasília:

Ministério da Saúde, 2016. Disponível em: http://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/publicacoes/protocolo_saude_mulher.pdf
Acesso em: 05/09/2017.

- BRASIL. Ministério da Saúde. Análise dos indicadores da política nacional de atenção básica no Brasil. Brasília: Ministério da Saúde, 2008. (Série B. Textos Básicos de Saúde). http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/geral/analise_indicadores_politica_nacional_atencao_basica_brasil.pdf
- BRASIL. Ministério da Saúde. Atenção ao pré-natal de baixo risco. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. – Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2012.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Avaliação para melhoria da qualidade da estratégia saúde da família: documento técnico. Brasília: Ministério da Saúde, 2005. (Série B. Textos Básicos de Saúde). http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/geral/doc_tec_amq_portugues.pdf
- BRASIL. Ministério da Saúde. Caderno de atenção domiciliar. v. 1. Brasília, Ministério da Saúde, 2012. (2 volumes). Disponível em: http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/geral/cad_vol1.pdf
- BRASIL. Ministério da Saúde. Envelhecimento e saúde da pessoa idosa. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. (Cadernos de Atenção Básica, n. 19) (Série A. Normas e Manuais Técnicos). Disponível em: http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/cadernos_ab/abcad19.pdf
- BRASIL. Ministério da Saúde. Fundação Nacional de Saúde. Manual de Procedimentos para Vacinação. 4. ed. Brasília: FUNASA, 2001.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Fundação Nacional de Saúde. Tuberculose – guia de vigilância epidemiológica. Brasília: FUNASA, 2002.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Guia prático do cuidador. Brasília: Ministério da Saúde, 2008. (Série A. Normas e Manuais Técnicos). Disponível em: http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/geral/guia_pratico_cuidador.pdf
- BRASIL. Ministério da Saúde. Guia prático do programa saúde da família. Brasília: Ministério da Saúde, 2001. (2 Partes – parte 1). Disponível em: http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/geral/guia_pratico_saude_familia_psf1.pdf.

- BRASIL. Ministério da Saúde. Hipertensão arterial sistêmica para o Sistema Único de Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. (Cadernos de Atenção Básica, n. 15) (Série A. Normas e Manuais Técnicos). Disponível: http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/cadernos_ab/abcad15.pdf. Acesso em 05/09/2017
- BRASIL. Ministério da Saúde. Manual para a organização da atenção básica. Brasília, 1999.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Melhoria contínua da qualidade na atenção primária à saúde: conceitos, métodos e diretrizes. Brasília: Ministério da Saúde, 2010. (Série B. Textos Básicos de Saúde). Disponível em: http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/geral/MCQ_2010.pdf
- BRASIL. Ministério da Saúde. Núcleo de Apoio à Saúde da Família. v. 1. Brasília: Ministério da Saúde, 2014. (Cadernos de Atenção Básica, n. 39). Disponível: <http://dab.saude.gov.br/portaldab/biblioteca.php?conteudo=publicacoes/cab39> Acesso em: 05/09/2017.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Perspectivas e desafios no cuidado às pessoas com obesidade no SUS: resultados do Laboratório de Inovação no manejo
- BRASIL. Ministério da Saúde. Plano de reorganização da atenção à hipertensão arterial e ao diabetes mellitus. Brasília: Ministério da Saúde, 2001. Disponível em: http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/geral/plano_reorganizacao_atencao.pdf
- Brasil. Ministério da Saúde. Política nacional de atenção às urgências / Ministério da Saúde. – 3. ed. ampl. – Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2006. 256 p.: il. – (Série E. Legislação de Saúde): http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_atencao_urgencias_3_ed.pdf
- BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Atenção Básica. Brasília: Ministério da Saúde, 2012. (Série E. Legislação em Saúde). Disponível em: <http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/geral/pnab.pdf> Acesso em: 05/09/2017.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Por uma cultura da paz, a promoção da saúde e a prevenção da violência. Brasília: Ministério da saúde, 2009. (Série F. Comunicação e Educação em Saúde). http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/geral/livreto_pronasci_08_07_09.pdf

- BRASIL. Ministério da Saúde. Práticas integrativas e complementares: plantas medicinais e fitoterapia na atenção básica. Brasília: Ministério da Saúde, 2012. (Série A. Normas e Manuais Técnicos) (Cadernos de Atenção Básica; n. 31). Disponível em: http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/geral/miolo_CAP_31.pdf Acesso em: 05/09/2017.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Procedimentos. Brasília: Ministério da Saúde, 2011. (Série A. Normas e Manuais Técnicos) (Cadernos de Atenção Primária n. 30). Disponível em: http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/cadernos_ab/abcad30.pdf Acesso em: 05/09/2017.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Programa nacional de melhoria do acesso e da qualidade da atenção básica (PMAQ): manual instrutivo. Brasília: Ministério da Saúde, 2012. (Série A. Normas e Manuais Técnicos). Disponível em: http://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/publicacoes/manual_instrutivo_PMAQ_A_B2013.pdf
- BRASIL. Ministério da Saúde. Protocolos da Atenção Básica: Saúde das Mulheres. Ministério da Saúde, Instituto Sírio-Libanês de Ensino e Pesquisa – Brasília: Ministério da Saúde, 2016.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Saúde da Família: um retrato. Brasília: Ministério da Saúde, 2009. (Série I. História da Saúde no Brasil). Disponível: http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/geral/album_foto.pdf Acesso em: 05/09/2017.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Política Nacional de Atenção Básica / Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. – Brasília: Ministério da Saúde, 2012. 110 p. : il. – (Série E. Legislação em Saúde). Disponível em: <http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/geral/pnab.pdf> Acesso em: 05/09/2017.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Controle dos cânceres do colo do útero e da mama / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – 2. ed. – Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2013. Disponível em: <http://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/publicacoes/cab13.pdf> . Acesso em: 05/09/2017.

- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Vigilância em Saúde: Dengue, Esquistossomose, Hanseníase, Malária, Tracoma e Tuberculose / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção a Saúde, Departamento de Atenção Básica. - 2. ed. rev. - Brasília: Ministério da Saúde, 2008. 195 p. : il. - (Série A. Normas e Manuais Técnicos) (Cadernos de Atenção Básica, n. 21), http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/cadernos_ab/abcad21.pdf
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. HIV/Aids, hepatites e outras DST / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – Brasília: Ministério da Saúde, 2006. 197 p. il. - (Cadernos de Atenção Básica, n. 18) (Série A. Normas e Manuais Técnicos), http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/cadernos_ab/abcad18.pdf
- Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Saúde mental / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Brasília: Ministério da Saúde, 2013. 176 p. : il. (Cadernos de Atenção Básica, n. 34) http://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/publicacoes/caderno_34.pdf
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Diretrizes para o cuidado das pessoas com doenças crônicas nas redes de atenção à saúde e nas linhas de cuidado prioritárias / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – Brasília: Ministério da Saúde, 2013. 28 p. : il.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Cuidados em terapia nutricional / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – 1. ed., 1. reimpr. – Brasília : Ministério da Saúde, 2015. Disponível em: http://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/publicacoes/caderno_atencao_domiciliar_vol3.pdf
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Autoavaliação para melhoria do acesso e da qualidade da atenção básica: AMAQ [recurso eletrônico] / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – Brasília: Ministério da Saúde, 2017.

- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Manual de condutas gerais do Programa Nacional de Suplementação de Vitamina A / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – Brasília: Ministério da Saúde, 2013. Disponível em: http://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/publicacoes/manual_vitamina.pdf
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Saúde da criança: crescimento e desenvolvimento. Brasília: Ministério da Saúde, 2012
 - BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Controle dos cânceres do colo do útero e da mama. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – 2. ed. – Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2013.
 - BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Política Nacional de Humanização. Formação e intervenção / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Política Nacional de Humanização. – Brasília: Ministério da Saúde, 2010. 242 p. – (Série B. Textos Básicos de Saúde) (Cadernos HumanizaSUS;v.1): http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cadernos_humanizaSUS.pdf
 - BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Programa Nacional de Suplementação de Ferro: manual de condutas gerais. Brasília: Ministério da Saúde, 2013. Disponível em: http://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/publicacoes/manual_ferro2013.pdf
 - BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. II Caderno de educação popular em saúde / Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. – Brasília: Ministério da Saúde, 2014. 224 p.: il.
 - BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. Política Nacional de Saúde Integral das Populações do Campo e da Floresta / Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, Departamento de Apoio à Gestão Participativa. 1. ed.; 1. reimp. Brasília : Editora do Ministério da Saúde, 2013. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_saude_populacoes_campo.pdf
 - BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Política Nacional de Saúde Integral da População Negra. Brasília – DF: 2007.

Disponível em:
http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_saude_populacao_negra.pdf .

- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Departamento de Atenção Básica. Guia para o Controle da Hanseníase. Brasília: Ministério da Saúde, 2002.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Departamento de Atenção Básica. Área Técnica de Saúde do Trabalhador. Saúde do Trabalhador. Brasília: Ministério da Saúde, 2001. Disponível em:
http://renastonline.ensp.fiocruz.br/sites/default/files/051_Cadernos_de_AB_Saude_do_Trabalhador.pdf
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância Epidemiológica. Doenças Infecciosas e parasitárias: guia de bolso. 7. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2008.
- BRASIL. Ministério da saúde. Secretaria de Vigilância em saúde. Guia de Vigilância em saúde / Ministério da saúde, secretaria de Vigilância em saúde. – Brasília: Ministério da saúde, 2014. 812 p.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Vigilância em Saúde: dengue, esquistossomose, hanseníase, malária, tracoma e tuberculose. Brasília: Ministério da Saúde, 2008. (Cadernos de Atenção Básica, n. 21) (Série A. Normas e Manuais Técnicos). Disponível em:
http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/cadernos_ab/abcad21.pdf Acesso em: 05/09/2017.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Vigilância em Saúde: zoonoses. Brasília: Ministério da Saúde, 2009. (Cadernos de Atenção Básica, n. 22) (Série A. Normas e Manuais Técnicos). Disponível em:
http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/cadernos_ab/abcad22.pdf Acesso em: 05/09/2017.
- BRASIL. Saúde e segurança no trabalho no Brasil: aspectos institucionais, sistemas de informação e indicadores / organizadores: Ana Maria de Resende Chagas, Celso Amorim Salim, Luciana Mendes Santos Servo. – Brasília: Ipea, 2011. Disponível em:
http://www.cpn-nr18.com.br/uploads/documentos-gerais/livro_sst_ipea_e_fundacentro.pdf

- Brasil. Saúde nos Quilombos/ Editado por Anna Volochko e Luís Eduardo Batista. – São Paulo: Instituto de Saúde – SESSP, São Paulo: GTAE – SESSP, 2009. Disponível em: <http://www.saude.sp.gov.br/resources/instituto-de-saude/homepage/temas-saude-coletiva/pdfs/temas09.pdf>
- BRUNNER, L. S.; SUDDARTH, D. S. Tratado de Enfermagem Médico-Cirúrgica . 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.
- CAMPOS, Gastão Vagner de Sousa; et al. Tratado de Saúde Coletiva. São Paulo: Hucitec, 2009.
- CANETTI, D. M. Manual básico de socorro de emergência. 2ª ed. São Paulo. Atheneu. 2007
- CARVALHO, M. G. de. Suporte básico de vida no trauma. São Paulo: LMP, 2008.
- CHEEVER, K. H.; HINKLE, J. L. Brunner & Suddarth - Manual de Enfermagem Médico-Cirúrgica - 13ª Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 2015. 788 p
- CHIAVENATO, I. Administração dos recursos humanos. Ed. 2, v. 1 e 2; Atlas. São Paulo, 1999.
- CIMERMAN, S. Parasitologia Humana e seus Fundamentos Gerais. 1 ed. Rio de Janeiro: Atheneu, 1999.
- CINTRA, E. A; NISHIDA V. M.; NUNES, W. A; Assistência de Enfermagem ao Paciente Gravemente Enfermo. 2 ed. São Paulo: Atheneu, 2001.
- COFEn. Decreto N 94.406/87 – Dispõe sobre o exercício da Enfermagem, e dá outras providências. http://www.coren-ro.org.br/decreto-n-9440687-dispoe-sobre-o-exercicio-da-enfermagem-e-da-outras-providencias_767.html
- COFEn. Lei N 7.498/86, De 25 DE Junho de 1986. http://www.cofen.gov.br/lei-n-749886-de-25-de-junho-de-1986_4161.html
- Confederação Nacional dos Trabalhadores na Saúde. NR32 – Boas Condições de trabalho exigem saúde e segurança para o trabalhador (a). Ed. Baracat, 2007. Disponível em: <file:///G:/Polly/cartilhacnts-nr32.pdf>
- CORINGA, Josias do E. S. Biossegurança. Curitiba: Editora do Livro Técnico, 2010.
- HIRATA, Mario H.; HIRATA, Rosário D. C. Manual de biossegurança. 2 ed. São Paulo: Manole, 2012.
- COSTA, J. F. História da psiquiatria no Brasil. 5ª.ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.
- COSTA, M. A. F. Qualidade em Biossegurança. Rio de Janeiro: Ed. Qualitymark, 2000.

- CZERESNIA, D.; FREITAS, C.M.(Org.). Promoção da Saúde: conceitos, reflexões, tendências. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2009. da obesidade nas Redes de Atenção à Saúde/Ministério da Saúde; Organização Pan-Americana da Saúde. – Brasília : Ministério da Saúde, 2014. Disponível em: http://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/publicacoes/perspectivas_desafios_cuida_do_pessoas_obesidade.pdf Acesso em: 05/09/2017.
- DUNCAN, Bruce B. Medicina Ambulatorial: condutas de atenção primária baseada em evidências. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.
- Estatuto do idoso e outros atos legais: política nacional do idoso. Alagoas: SEADS, 2010. 60p.
- FALCÃO, L. F. dos R.; BRANDÃO, J. C. M. Primeiros Socorros. São Paulo: Martinari, 2010.
- FIALHO, A. C. V.; MOREIRA, F. M. A.; ALMEIDA, C. L. de. Biossegurança na área da saúde: uma abordagem interdisciplinar. São Paulo: EdUfscar, 2011.
- FISCHBACH, F.; Manual de Enfermagem: Exames Laboratoriais & Diagnósticos. 6 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.
- FREITAS, Elizabete Viana de; PY, Ligia; CANÇADO, Flávio Aluizio Xavier. Tratado de geriatria e gerontologia. 3. ed. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, 2013.
- GIOVANELLA, Lígia (Org.). Políticas e Sistema de Saúde no Brasil. 2ª reimpressão- 2ª ed. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2014/2015.
- GONZALEZ, H. Enfermagem em ginecologia e obstetrícia. 15ª Ed. São Paulo: Editora Senac, 2010.
- GUIMARÃES, D.T. (Org.). Dicionário de Termos Médicos e de Enfermagem. 1 ed. São Paulo: Rideel, 2002.
- GUYTON, A. C. Fisiologia Humana. 6 ed Rio de Janeiro. Guanabara Koogan, 2008.
- HERMANN, Hellma - Enfermagem em Doenças Transmissíveis. São Paulo, 1986.
- HINRICHSEN, S. L. Biossegurança e Controle de Infecções: Risco Sanitário Hospitalar. Ed. Medsi, 2004.
- HOCKEMBERRY, M.J.; WILSON, D. Wong: Fundamentos de enfermagem pediátrica [tradução 8ªedição]. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014.
- KATZUNG, B. Farmacologia básica e clínica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2014.
- KURCGANT, P. (Coord.) Administração em Enfermagem. EPU. São Paulo, 1996.

- KURCGANT, P. Gerenciamento em enfermagem. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. 198p.
- LACERDA RA (coord). Controle de Infecção em centro cirúrgico: fatos, mitos e controvérsias. São Paulo: Atheneu, 2003.
- LIMA, I. L.; et al. Manual do Técnico e Auxiliar de Enfermagem. Goiânia: AB editora, 2000.
- LIMA, Idelmina Lopes; MATÃO, Maria Eliane Liégio. Manual do Técnico em Enfermagem. 9. ed. Goiânia: AB, 2010.
- LOWDERMILK, D.L. Obstetrícia e saúde da mulher. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.
- MARQUIS, B. L., HUSTON, C. J. Administração e Liderança em enfermagem. 2ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999
- NASI, A. L. Rotinas em pronto socorro. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed. 2005
- NETO, Amaral - Doenças Transmissíveis
- NETTER, F. H. Atlas de Anatomia Humana. 5 ed. São Paulo: Saraiva, 2011.
- NEVES, D. P. Parasitologia Humana. 10 ed. Rio de Janeiro: Atheneu, 2000. 428p.
- OGUISSO, T.; ZOBOLI, E. Ética e bioética: desafios para enfermagem e a saúde. Barueri: Manole, 2006
- OLIVEIRA, A.C. Infecções hospitalares: epidemiologia, prevenção e controle. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005
- OLIVEIRA, R.G. Blackbook – Pediatria. Belo Horizonte: Black Book Editora, 2011. Série Blackbook – Manual de Referências de Pediatria.
- Organização Pan-Americana da Saúde. Curso Virtual – Gestão das Condições de Trabalho e Saúde dos Trabalhadores da Saúde. / Organização Pan-Americana da Saúde. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde. Ministério da Saúde. Núcleo de Educação em Saúde Coletiva/UFMG. 2010. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/curso_virtual_gestao_condicoes_trabalho.pdf
- PELCZAR JUNIOR, MICHAEL J; KRIEG, NOEL R.; CHAN, E. C. S. Microbiologia, conceitos e aplicações. 2ª ed. São Paulo: Makron Books, 1997. (8)
- PEREIRA, Maurício Gomes. Epidemiologia: teoria e prática. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.
- POLISUK, J.; GOLDFELD, S. Pequeno Dicionário de Termos Médicos. 6. Ed. Rio de Janeiro: Atheneu, 2010
- POSSARI, J. F. Centro de material e esterilização. 2 ed. São Paulo: Iátria, 2005

- POSSO, Maria Belén Salazar. *Semiologia e Semiotécnica de Enfermagem*. São Paulo: Editora Atheneu, 2010.
- POTTER, P. A.; PERRY A. G. *Fundamentos de enfermagem*. 9 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.
- QUEVEDO, J., SHIMITT, R. KAPCZINSKI, F. *Emergências psiquiátricas*. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- ROTHROCK, J. C. *Alexander Cuidados de enfermagem ao paciente cirúrgico*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.
- ROUQUAYROL, Maria Zélia. *Epidemiologia e Saúde*. 7ed. Rio de Janeiro: MEDSI, 2013.
- SÁ, Antonio Lopes de. *Ética e valores humanos*. Curitiba: Juruá, 2007.
- SANTANA J. C. B. *Conflitos éticos na área da saúde: como lidar com esta situação?* 1 ed. São Paulo: Erica, 2012.
- SANTOS, Nívea Cristina Moreira *Urgência e Emergência para a Enfermagem*. – São Paulo: Iátria, 2003
- SANTOS, E. F. *Legislação em enfermagem: atos normativos do exercício e ensino de enfermagem*. São Paulo: Atheneu, 2005.
- SILVA, José Vitor da (Organização). *Saúde do idoso e a enfermagem: processo de envelhecimento sob múltiplos aspectos*. 3. reimpr. São Paulo, SP: Iátria, 2012. 320 p
- SILVA, P. *Farmacologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012.
- SMELTZER, Suzane C.; BARE G. *Tratado de Enfermagem Médico-Cirúrgica*. 13.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2014.
- SOBOTTA, J; F. Paulsen; J. Waschke. *Atlas de Anatomia humana*. 23 ed. 3v. Rio de Janeiro. Guanabara Koogan, 2013.
- SOUNIS, Emílio *Epidemiologia Aplicada*, Livraria Atenas, 2º vol. 1985.
- SPRINGHOUSE CORPORATION. *Anatomia e Fisiologia. Série incrivelmente fácil*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.
- STUART, G. W.; LARAIA, M. T. *Enfermagem psiquiátrica: princípios e prática*. 6ª ed. IBSN: 8573077131. Ano: 2001.
- TAMEZ, R.N.; SILVA, M.J.P. *Enfermagem na UTI Neonatal: assistência ao recém-nascido de alto risco*. 5ªed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013.
- UENISHI, E.K. *Enfermagem Médico-Cirúrgica em Unidade de Terapia Intensiva*. São Paulo: SENAC, 1994.

- VÁZQUEZ, A. S. Ética. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- VERONESI, Ricardo - Doenças Infecciosas e Parasitárias Ed. Guanabara 8ª edição
- VITALLE, M.S.S; MEDEIROS, E.H.G.R. O adolescente. In: (org) PUCCINI, R.F; HILÁRIO, O.E. Semiologia da criança e do adolescente. Departamento de Pediatria da Universidade Federal de São Paulo: GUANABARA/KOOGAN, 2008.
- World Health Organization. Envelhecimento ativo: uma política de saúde / World Health Organization; Tradução Suzana Gontijo. – Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005. 60p.: il. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf

7.2 Instalações e Equipamentos

As instalações e equipamentos estão disponíveis e atendem as solicitações, conforme as especificações técnicas necessárias ao processo de formação profissional requerido para a consecução do perfil de formação.

O Ifal – Campus Benedito Bentes conta atualmente com a seguinte infraestrutura:

Local	Descrição dos equipamentos	Capacidade de equipamentos	Capacidade de Alunos	Quantidade atual de equipamentos	Capacidade atual de alunos
Laboratório de Informática	<ul style="list-style-type: none"> • Computadores Desktop Dell e HP com Monitor de 21 polegadas. • Rede de Computadores com acesso a internet. • Cadeiras Acolchoadas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Computadores Processador Core I5 e AMD A6. Memória: 4 GB. HD: 500 GB. 	O laboratório tem capacidade para até 40 alunos.	<ul style="list-style-type: none"> • 20 Computadores • Rede completa para 30 computadores • 40 Cadeiras • 21 mesas 	40 alunos (2 por computador).

Os equipamentos específicos do laboratório de prática de enfermagem, foram adquiridos através de processo licitatório conforme as normas da instituição. Estes equipamentos visam a construção individual e coletiva de competências e habilidades inerentes a cada componente curricular do curso:

- Abaixador de língua;
- Água destilada;
- Agulha hipodérmicas 13x4,5mm;
- Agulha hipodérmicas 25x7;
- Agulha hipodérmicas 40x12;
- Álcool etílico hidratado 70%;

- Algodão hidrófilo;
- Antropômetro;
- Armário vitrine;
- Aspirador cirúrgico sem bateria;
- Aspirador de secreções para rede de vácuo;
- Atadura de crepe atadura;
- Avental hospitalar;
- Bacia de uso hospitalar de 30 e 40 cm;
- Balança antropométrica mecânica 150 kg;
- Balança pediátrica digital;
- Balde em inox;
- Bandeja clínica;
- Biombo triplo;
- Bolsa coletora sistema fechado;
- Bolsa ostomia;
- Bolsa para colostomia;
- Bomba de infusão volumétrica;
- Bomba de seringa;
- Borracha de látex 3m;
- Braço para treino de injeção intravenosa/ intramuscular e intradérmica com sistema circulatório sanguíneo;
- Cadeira de rodas para banho adulto;
- Caixa térmica;
- Cama hospitalar tipo fowler;
- Campo cirúrgico estéril;
- Campo cirúrgico fenestrado;
- Cânula de traqueostomia em metal;
- Cânula de traqueostomia descartável;
- Cânula orofaríngea;
- Capacete de oxigênio tipo hood;
- Carro de emergência;
- Carro maca clínica;
- Catéteres de aspiração traqueal;
- Catéteres intravenoso de tubo vinílico
- Catéteres intravenoso teflon/vialon;

- Cateter nasal para oxigênio tipo óculos;
- Cloreto de sódio 0,9% solução injetável;
- Clorexidina digluconato degermante a 2%;
- Cobertor para solteiro;
- Colar cervical;
- Colchão para cama hospitalar em napa na cor azul;
- Coletor de materiais perfuro cortantes;
- Comadre (urinol);
- Compadre;
- Compressa de gaze;
- Conjunto drenagem tórax;
- Conjunto kit de curativo;
- Cuba uso hospitalar tipo redonda;
- Cuba uso hospitalar tipo rim;
- Desfibrilador externo;
- Dispositivo incontinência urinária;
- Dreno cirúrgico de kerr em "t";
- Dreno cirúrgico de penrose;
- Dreno cirúrgico de sucção;
- Eletrocardiografo portátil;
- Equipo bomba infusora;
- Equipo macrogotas de infusão;
- Equipo microgotas de infusão;
- Equipo para infusão parenteral;
- Escada para uso medico-hospitalar com 02 degraus;
- Esfigmomanômetro, analógico aneroide;
- Esparadrapo;
- Esqueleto de aproximadamente 1,70cm;
- Estetoscópio, biauricular adulto;
- Estufa laboratório;
- Extensão de oxigênio 15m;
- Extensor equipo de soro;
- Frasco coletor de urina;
- Frasco coletor para fluídos corporais;
- Frasco umidificador para oxigênio;

- Garrote adulto;
- Gaveteiro 04 gavetas;
- Gelo re-utilizável;
- Gorro hospitalar não tecido;
- Head block (imobilizador de cabeça);
- Indicador químico;
- Jarra uso hospitalar;
- Jogo de cama de solteiro;
- Kit glicosímetro (monitor e medidor de glicose);
- Kit micronebulizador tamanho adulto;
- Lanceta para lancetador;
- Lanterna clínica com luz branca;
- Laringoscópio;
- Lençol plástico meia cama;
- Luva cirúrgica;
- Luva para procedimento não estéril;
- Manequim eletrônico adulto de reanimação cardiopulmonar;
- Manequim bebê;
- Manequim bissexual adulto;
- Manta térmica de alumínio;
- Máscara cirúrgica;
- Máscara facial para oxigenoterapia com sistema venturi;
- Máscara n95;
- Mesa auxiliar hospitalar;
- Mesa mayo;
- Modelo anatômico assexuado;
- Monitor de ssvv multiparâmetro para pacientes adulto;
- Óculos de proteção individual, policarbonato, anti-embaçante, infradura, extra anti-risco, com proteção lateral;
- Oftalmoscópio;
- Otoscópio clínico;
- Oxímetro de uso hospitalar;
- Papel crepado;
- Pinça metálica collin coração;
- Pinça metálica kelly reta e curva;

- Pinça metálica pean;
- Pisseta/almotolia em polietileno;
- Prancha de polietileno (adulto);
- Reanimador ambú;
- Régua de ar comprimido e oxigênio;
- Sapatilha hospitalar não tecido;
- Seringas de 1cc, 3cc, 5cc, 10cc e 20cc;
- Simulador de cuidados para úlcera de decúbito;
- Simulador de injeção intramuscular no glúteo;
- Simulador de parto natural/vaginal;
- Sonda trato digestivo oro/ nasogástrica/ nasoenteral;
- Sonda trato urinário tipo foley de 2 e 3 vias;
- Sonda uretral/vesical;
- Suporte para saco hamper;
- Suporte para soro;
- Swab-haste flexível;
- Termômetro analógico para estufas;
- Termômetro analógico tipo;
- Termômetro clínico vidro com coluna de mercúrio até 45°C uso axilar e oral, embalagem individual;
- Termômetro digital;
- Toalha de banho;
- Toalha de rosto;
- Travessa em lençol;
- Travessa impermeável hospitalar;
- Travesseiro hospitalar;
- Tubo endotraqueal;
- Válvula reguladora para cilindro com fluxômetro e manômetro ar comprimido.

8 PERFIL DO PESSOAL DOCENTE E TÉCNICO ADMINISTRATIVO

Quadro próprio decorrente de nomeação a partir de concurso público, contemplando os seguintes perfis:

- Professores para o núcleo profissional da formação específica do currículo do curso.
- Pessoal Técnico Administrativo - Pedagogos, Técnicos em Assuntos Educacionais, Técnicos de Laboratório específicos do curso.

9 CERTIFICADOS E DIPLOMAS A SEREM EMITIDOS

Integralizados os componentes curriculares que compõem o curso técnico de nível médio Subsequente em Enfermagem, bem como realizada a prática profissional correspondente, será conferido ao aluno o diploma de Técnico de Nível Médio em Enfermagem.

10 PROGRAMA DOS COMPONENTES CURRICULARES

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS – IFAL
PRÓ-REITORIA DE ENSINO
CAMPUS BENEDITO BENTES**

CURSO	TÉCNICO DE NÍVEL MÉDIO EM ENFERMAGEM	FORMA	SUBSEQUENTE	MÓDULO	1º
EIXO TECNOLÓGICO	AMBIENTE E SAÚDE				
COMPONENTE CURRICULAR	ANATOMIA E FISILOGIA				
CH SEMESTRAL	80 HORAS / AULA	CH SEMANAL	04 HORAS / AULA	FATOR	1

EMENTA	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecimento da anátomo-fisiologia extracelular humana. Classificações e sistemas corporais.
OBJETIVOS	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer a anatomia e fisiologia humana básica com foco no sistema ósseo, muscular e vascular. • Estudar das funções dos tecidos e dos diferentes sistemas corporais.
CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS	<ul style="list-style-type: none"> • Estudo da célula e tecidos: Classificação, tipos e estrutura; • Introdução ao estudo da anatomia e fisiologia humana. • Planos de secção. • Órgãos dos sentidos; • O estudo anátomo-fisiológico de diversos sistemas orgânicos: <ul style="list-style-type: none"> - Sistema ósseo, sistema articular, sistema muscular; - Sistema neurológico, respiratório, cardiovascular, digestório, geniturinário, reprodutor masculino e feminino, tegumentar, sistema endócrino, sistema linfático.
METODOLOGIAS DE ENSINO APLICÁVEIS	<ul style="list-style-type: none"> • Aulas expositivas • Visitas técnicas • Seminários • Aula teórico dialogadas
METODOLOGIAS DE AVALIAÇÃO APLICÁVEIS	<ul style="list-style-type: none"> • Prova teórica • Prova pratica • Seminário • Dinâmica de grupo • Assiduidade • Participação • Atitude • Estudo de caso • Problematização • Simulação

	<ul style="list-style-type: none"> • Quis • Pesquisa
RECURSOS DIDÁTICOS NECESSÁRIOS	<ul style="list-style-type: none"> • Quadro branco • Datashow • Recurso multimídia • Tics (tecnologia da informação e comunicação) • Cartolina, papel 40 kilos • Material reciclável • Material para maquetes
BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA	<p>ARAUJO, C. E. R. A.; ANTUNES E. D. Anatomia Humana. 1 ed. Curitiba: Editora do Livro Técnico, 2011.</p> <p>ARAUJO, C. E. R. A.; SANTOS G. J. B. Fundamentos de Fisiologia Humana. 1 ed. Curitiba: Editora do Livro Técnico, 2012.</p> <p>GUYTON, A. C. Fisiologia Humana. 6 ed Rio de Janeiro. Guanabara Koogan, 2008.</p> <p>NETTER, F. H. Atlas de Anatomia Humana. 5 ed. São Paulo: Saraiva, 2011.</p> <p>SPRINGHOUSE CORPORATION. Anatomia e Fisiologia. Série incrivelmente fácil. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.</p> <p>SOBOTTA, J; F. Paulsen; J. Waschke. Atlas de Anatomia humana. 23 ed. 3v. Rio de Janeiro. Guanabara Koogan, 2013.</p>

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS – IFAL
PRÓ-REITORIA DE ENSINO
CAMPUS BENEDITO BENTES**

CURSO	TÉCNICO DE NÍVEL MÉDIO EM ENFERMAGEM	FORMA	SUBSEQUENTE	MÓDULO	1º
EIXO TECNOLÓGICO	AMBIENTE E SAÚDE				
COMPONENTE CURRICULAR	NOÇÕES BÁSICAS DE FARMACOLOGIA				
CH SEMESTRAL	40 HORAS / AULA	CH SEMANAL	02 HORAS / AULA	FATOR	1

EMENTA	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecimento básico de farmacologia geral, mecanismos de ação dos fármacos, farmacocinética e interação medicamentosa. Legislação das atividades de administração de medicamentos.
OBJETIVOS	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer noções de farmacologia geral; farmacocinética, mecanismo de ação de fármacos, interação medicamentosa, fármacos que atuam nos diferentes sistemas.
CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS	<ul style="list-style-type: none"> • Introdução a farmacologia; • Medicamentos e forma farmacêutica; • Vias de administração de fármacos; • Noções de farmacocinética e farmacodinâmica; • Interações medicamentosa; efeitos colaterais; • Cálculo de medicação; • Interação fármaco e nutrientes; • Legislação das atividades de administração de medicamentos.
METODOLOGIAS DE ENSINO APLICÁVEIS	<ul style="list-style-type: none"> • Aulas expositivas • Estudo Dirigido • Seminários • Estudo de casos
METODOLOGIAS DE AVALIAÇÃO APLICÁVEIS	<ul style="list-style-type: none"> • Prova teórica • Prova prática • Seminário • Dinâmica de grupo • Assiduidade • Participação • Atitude • Estudo de caso • Problematização • Simulação • Quis • Pesquisa
RECURSOS DIDÁTICOS NECESSÁRIOS	<ul style="list-style-type: none"> • Quadro branco • Datashow • Recurso multimídia • Tics (tecnologia da informação e comunicação)

	<ul style="list-style-type: none">• Cartolina, papel 40 kilos• Material reciclável• Material para maquetes
BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA	ASPERHEIM, Mary Kaye. Farmacologia para enfermagem. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003. KATZUNG, B. Farmacologia básica e clínica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2014. SILVA, P. Farmacologia. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012.

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS – IFAL
PRÓ-REITORIA DE ENSINO
CAMPUS BENEDITO BENTES**

CURSO	TÉCNICO DE NÍVEL MÉDIO EM ENFERMAGEM	FORMA	SUBSEQUENTE	MÓDULO	1º
EIXO TECNOLÓGICO	AMBIENTE E SAÚDE				
COMPONENTE CURRICULAR	FUNDAMENTOS DE ENFERMAGEM I				
CH SEMESTRAL	120 HORAS / AULA	CH SEMANAL	06 HORAS / AULA	FATOR	3

EMENTA	<ul style="list-style-type: none"> • História e evolução do cuidado humano e do exercício da enfermagem. Processo de sistematização da assistência de enfermagem. Cuidado de Enfermagem na avaliação da saúde do paciente. Conhecimento das necessidades básicas da pessoa no campo da higiene, conforto e segurança. Aspectos fundamentais dos procedimentos de enfermagem em relação à admissão, alta da pessoa e transferência do paciente hospitalizado. Humanização da assistência de enfermagem. Técnica da lavagem das mãos. Medidas antropométricas e sinais. Administração de medicamentos.
OBJETIVOS	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer e atender as necessidades básicas da pessoa no campo da higiene, conforto e segurança; • Especificar os aspectos fundamentais dos procedimentos de enfermagem em relação à admissão, alta da pessoa e transferência do paciente hospitalizado; • Sensibilizar o aluno acerca da humanização da assistência de enfermagem; • Conhecer e executar a técnica da lavagem das mãos como um dos procedimentos básicos no controle de infecção hospitalar; • Identificar e caracterizar as medidas antropométricas e sinais vitais e reconhecer a importância das mesmas na avaliação da saúde do paciente. • Conhecer e prestar assistência de enfermagem ao paciente quanto a administração de medicamentos.
CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS	<ul style="list-style-type: none"> • Processo histórico do cuidado e da História de enfermagem aos tempos atuais. Processo de sistematização da assistência de enfermagem; • Cuidado de Enfermagem na avaliação da saúde do paciente: <ul style="list-style-type: none"> ✓ Anamnese e Exame físico do paciente; ✓ Medidas antropométricas; ✓ Avaliação e controle dos sinais vitais: Temperatura; Pulso; Respiração; Pressão Arterial; Avaliação e controle da dor. • Aspectos fundamentais dos procedimentos de enfermagem em relação à admissão, alta da pessoa e transferência e do paciente hospitalizado e Humanização do cuidado de enfermagem. <ul style="list-style-type: none"> ✓ Papel do técnico de enfermagem frente à hospitalização. ✓ A composição da equipe multiprofissional. ✓ O processo de hospitalização: admissão, transferência e alta. ✓ Prontuário. • Humanização do cuidado de enfermagem. • Cuidados de Enfermagem de Higiene, Conforto e Segurança: <ul style="list-style-type: none"> ✓ Técnica de lavagem básica das mãos; ✓ Arrumação e limpeza da unidade do paciente, tipos de cama; ✓ Mobilização, posicionamento e transporte do paciente no leito; ✓ Posições terapêuticas/exames;

	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Tipos de higiene: couro cabeludo, ocular, nasal; oral; banho no leito e higiene de genitália; ✓ Massagem de conforto; ✓ Cuidados e Preparo do corpo pós morte. <ul style="list-style-type: none"> • Cuidados de Enfermagem na administração de medicações: <ul style="list-style-type: none"> ✓ Administração de medicações: via otológica, via oftalmológica, via nasal, via oral, via retal, via intradérmica, via subcutânea, via intramuscular, via endovenosa. ✓ Cálculo de gotejamento, insulino terapia e dosagem. • Registro e anotações de enfermagem.
<p>METODOLOGIAS DE ENSINO APLICÁVEIS</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação do conteúdo através de aulas expositivas e dialogadas; • Práticas em laboratório de enfermagem; • Contextualização do conteúdo por meio de casos clínicos; • Leitura de material complementar;
<p>METODOLOGIAS DE AVALIAÇÃO APLICÁVEIS</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Prova teórica • Prova pratica • Seminário • Dinâmica de grupo • Assiduidade • Participação • Atitude • Estudo de caso • Problematização • Simulação • Quis • Pesquisa.
<p>RECURSOS DIDÁTICOS NECESSÁRIOS</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Projetor multimídia; • Computador; • Folhas de papel 40; • Pilotos para quadro branco; • Quadro branco; • Material e equipamentos para desenvolvimento das aulas práticas em laboratório; • Caixa de som.
<p>BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA</p>	<p>POTTER, P. A.; PERRY A. G. Fundamentos de enfermagem. 9 ed. Rio de Janeiro: Elsevier,2013.</p> <p>LIMA, Idelmira Lopes; MATÃO, Maria Eliane Liégio. Manual do Técnico em Enfermagem. 9. ed. Goiânia: AB, 2010.</p> <p>SMELTZER, Suzane C.; BARE G. Tratado de Enfermagem Médico-Cirúrgica. 13.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2014.</p> <p>POSSO, Maria Belén Salazar. Semiologia e Semiotécnica de Enfermagem. São Paulo: Editora Atheneu, 2010.</p>

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS – IFAL
PRÓ-REITORIA DE ENSINO
CAMPUS BENEDITO BENTES**

CURSO	TÉCNICO DE NÍVEL MÉDIO EM ENFERMAGEM	FORMA	SUBSEQUENTE	MÓDULO	1º
EIXO TECNOLÓGICO	AMBIENTE E SAÚDE				
COMPONENTE CURRICULAR	SAÚDE COLETIVA E EDUCAÇÃO EM SAÚDE I				
CH SEMESTRAL	40 HORAS / AULA	CH SEMANAL	02 HORAS /AULA	FATOR	1

EMENTA	<ul style="list-style-type: none"> • Estudo do processo saúde doença e seus determinantes e condicionantes. Relações entre saúde, sociedade, ambiente e cultura. Medidas de promoção à saúde e qualidade de vida. Trajetória das políticas públicas de saúde no Brasil. Papel do Estado no desenvolvimento das políticas públicas com ênfase no SUS. Educação popular e estratégias de educação e saúde.
OBJETIVOS	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender o processo saúde doença, identificando os seus determinantes e condicionantes; • Discutir as relações entre saúde, sociedade, ambiente e cultura, pautando-se na perspectiva da promoção à saúde e qualidade de vida; • Discutir a trajetória das políticas públicas de saúde no Brasil e identificar o papel do Estado no desenvolvimento das políticas públicas com ênfase no SUS.
CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS	<ul style="list-style-type: none"> • Estudo do processo saúde-doença: <ul style="list-style-type: none"> ✓ Condicionantes e determinantes do processo saúde e doença; ✓ Condições socioeconômicas, políticas, culturais e ambientais; ✓ Processo de saúde-doença-cuidado; ✓ História natural da doença. • Políticas Públicas de Saúde no Brasil: <ul style="list-style-type: none"> ✓ Evolução das políticas públicas de saúde brasileiras e criação/consolidação do Sistema Único de Saúde (SUS). ✓ Organização do Sistema Único de Saúde (SUS) – Níveis da atenção à saúde no Brasil; ✓ Modelos assistenciais de saúde no Brasil; • Vigilância em Saúde: <ul style="list-style-type: none"> ✓ Vigilância Epidemiológica; ✓ Sanitária; ✓ Ambiental; ✓ Indicadores de Saúde; ✓ Lista de Doenças e Agravos de Notificação Compulsória; ✓ Noções de doenças transmissíveis; ✓ Sistemas de Informação e notificação (SISAB/E-SUS); • Cuidados de enfermagem em: <ul style="list-style-type: none"> ✓ Promoção; ✓ Prevenção; ✓ Reestabelecimento da saúde; ✓ Autocuidado. • Educação popular e estratégias de educação e saúde: <ul style="list-style-type: none"> ✓ Sala de espera; ✓ Metodologia baseada em problemas;

	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Educação em saúde na comunidade.
METODOLOGIAS DE ENSINO APLICÁVEIS	<ul style="list-style-type: none"> • Aulas expositivas • Visitas técnicas • Seminários • Aula teórico dialogadas
METODOLOGIAS DE AVALIAÇÃO APLICÁVEIS	<ul style="list-style-type: none"> • Prova teórica • Prova pratica • Seminário • Dinâmica de grupo • Assiduidade • Participação • Atitude • Estudo de caso • Problematização • Simulação • Quis • Pesquisa
RECURSOS DIDÁTICOS NECESSÁRIOS	<ul style="list-style-type: none"> • Projetor multimídia; • Computador; • Folhas de papel 40; • Pilotos para quadro branco; • Quadro branco; • Material e equipamentos para desenvolvimento das aulas práticas em laboratório; • Caixa de som.
BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA	<p>AGUIAR, Zenaide Neto (organizadora). SUS-Sistema Único de Saúde: antecedentes, percurso, perspectivas e desafios. 2a. ed. São Paulo: Editora Martinari, 2015.</p> <p>BRASIL. Ministério da saúde. Secretaria de Vigilância em saúde. Guia de Vigilância em saúde / Ministério da saúde, secretaria de Vigilância em saúde. – Brasília: Ministério da saúde, 2014. 812 p.</p> <p>BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. II Caderno de educação popular em saúde / Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. – Brasília: Ministério da Saúde, 2014. 224 p.: il.</p> <p>BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Departamento de Atenção Básica. Guia para o Controle da Hanseníase. Brasília: Ministério da Saúde, 2002.</p> <p>BRASIL. Ministério da Saúde. Fundação Nacional de Saúde. Tuberculose – guia de vigilância epidemiológica. Brasília: FUNASA, 2002.</p> <p>BRASIL. Ministério da Saúde. Fundação Nacional de Saúde. Manual de Procedimentos para Vacinação. 4. ed. Brasília: FUNASA, 2001</p> <p>BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Política Nacional de Atenção Básica / Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. – Brasília: Ministério da Saúde, 2012. 110 p. : il. – (Série E. Legislação em Saúde). Disponível em: http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/geral/pnab.pdf Acesso em: 05/09/2017.</p> <p>BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Controle dos cânceres do colo do útero e da mama / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – 2. ed. – Brasília : Editora do Ministério da Saúde, 2013.</p> <p>Disponível em: http://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/publicacoes/cab13.pdf . Acesso em: 05/09/2017.</p> <p>BRASIL. Ministério da Saúde. Vigilância em Saúde: dengue, esquistossomose, hanseníase, malária, tracoma e tuberculose. Brasília: Ministério da Saúde, 2008.</p>

(Cadernos de Atenção Básica, n. 21) (Série A. Normas e Manuais Técnicos). Disponível em: http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/cadernos_ab/abcd21.pdf Acesso em: 05/09/2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Vigilância em Saúde: zoonoses. Brasília: Ministério da Saúde, 2009. (Cadernos de Atenção Básica, n. 22) (Série A. Normas e Manuais Técnicos). Disponível em: http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/cadernos_ab/abcd22.pdf Acesso em: 05/09/2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Práticas integrativas e complementares: plantas medicinais e fitoterapia na atenção básica. Brasília: Ministério da Saúde, 2012. (Série A. Normas e Manuais Técnicos) (Cadernos de Atenção Básica; n. 31). Disponível em: http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/geral/miolo_CAP_31.pdf Acesso em: 05/09/2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Núcleo de Apoio à Saúde da Família. v. 1. Brasília: Ministério da Saúde, 2014. (Cadernos de Atenção Básica, n. 39). Disponível: <http://dab.saude.gov.br/portaldab/biblioteca.php?conteudo=publicacoes/cab39> Acesso em: 05/09/2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Saúde da Família: um retrato. Brasília: Ministério da Saúde, 2009. (Série I. História da Saúde no Brasil). Disponível: http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/geral/album_foto.pdf Acesso em: 05/09/2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Atenção Básica. Brasília: Ministério da Saúde, 2012. (Série E. Legislação em Saúde). Disponível em: <http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/geral/pnab.pdf> Acesso em: 05/09/2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Procedimentos. Brasília: Ministério da Saúde, 2011. (Série A. Normas e Manuais Técnicos) (Cadernos de Atenção Primária n. 30). Disponível em: http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/cadernos_ab/abcd30.pdf Acesso em: 05/09/2017.

CAMPOS, Gastão Vagner de Sousa; et al. Tratado de Saúde Coletiva. São Paulo: Hucitec, 2009.

CZERESNIA, D.; FREITAS, C.M.(Org.). Promoção da Saúde: conceitos, reflexões, tendências. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2009.

DUNCAN, Bruce B. Medicina Ambulatorial: condutas de atenção primária baseada em evidências. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.

GIOVANELLA, Lúgia (Org.). Políticas e Sistema de Saúde no Brasil. 2ª reimpressão- 2ª ed. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2014/2015.

PEREIRA, Maurício Gomes. Epidemiologia: teoria e prática. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.

ROUQUAYROL, Maria Zélia. Epidemiologia e Saúde. 7ed. Rio de Janeiro: MEDSI, 2013. BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância Epidemiológica. Doenças Infecciosas e parasitárias: guia de bolso. 7. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2008.

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS – IFAL
PRÓ-REITORIA DE ENSINO
CAMPUS BENEDITO BENTES**

CURSO	TÉCNICO DE NÍVEL MÉDIO EM ENFERMAGEM	FORMA	SUBSEQUENT E	MÓDULO	1º
EIXO TECNOLÓGICO	AMBIENTE E SAÚDE				
COMPONENTE CURRICULAR	MICROBIOLOGIA E PARASITOLOGIA				
CH SEMESTRAL	40 HORAS / AULA	CH SEMANAL	02 HORAS /AULA	FATOR	1

EMENTA	<ul style="list-style-type: none"> • Compreensão da Microbiologia e a Parasitologia como processo de relação interespecífica e entendimento das relações micro-organismo-hospedeiro. Morfologia, biologia e classificação dos principais micro-organismos bacterianos, não bacterianos e parasitas do homem. Estrutura, funcionamento, fatores de virulência, patogenia, epidemiologia dos principais micro-organismos bacterianos, não bacterianos. Medidas de controle e prevenção de agravos. Microbiota normal humana e suas interações com o organismo humano. Entendimento da coleta e transporte de material clínico humano. Estudo das Infecções Hospitalares e as formas de controle e prevenção.
OBJETIVOS	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender a Microbiologia e a Parasitologia como um processo de relação interespecífica e entendimento das relações micro-organismo-hospedeiro; • Compreender a morfologia, biologia e classificação dos principais micro-organismos bacterianos, não bacterianos e parasitas do homem, dando ênfase a sua estrutura e funcionamento, seus fatores de virulência, patogenia, epidemiologia, e medidas de controle e prevenção; • Estudar a microbiota normal humana e suas interações com o organismo humano; • Fornecer elementos para o entendimento da coleta e transporte de material clínico humano. • Estudar as Infecções Hospitalares e as formas de controle e prevenção.
CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS	<ul style="list-style-type: none"> • Caracterização e classificação dos micro-organismos; • Bactérias: morfologia, classificação, reprodução e crescimento; • Principais mecanismos de virulência bacteriana; • Microbiologia médica: <ul style="list-style-type: none"> ✓ Infecções por cocos gram positivos; ✓ Infecções por gram negativos; ✓ Urocultura, coprocultura, hemocultura; ✓ Antibiograma; • Micro-organismos não bacterianos: fungos, protozoários, vírus; • Controle microbiano: por agentes físicos, por agentes físicos e por antibióticos; • Definição de parasitismos, parasita e hospedeiro; • Ciclo biológico e classificação dos parasitas; • O processo infeccioso/ Resistência natural do parasitismo e resistência adquirida; • Principais protozoários parasitos do homem: <ul style="list-style-type: none"> ✓ Trypanossoma cruzi; ✓ Leishmania; ✓ Entamoeba coli; ✓ E. hystolytica; ✓ Giardia lamblia;

	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Trichomona vaginalis; ✓ Toxoplasma gondhii; ✓ Schistossoma mansoni; ✓ Taenia solium; ✓ Taenia saginata; ✓ Ascaris lumbricoides; ✓ Enterobius vermicularis; ✓ Ancylostoma duodenale; ✓ Necatur americanos; ✓ Strongyloides stercoralis; <ul style="list-style-type: none"> • Coleta e transporte de material clínico humano; • Infecções Hospitalares e as formas de controle e prevenção;
METODOLOGIAS DE ENSINO APLICÁVEIS	<ul style="list-style-type: none"> • Exposição dialogada; • Estudos de caso; • Visita técnica; • Discussão de leituras de textos pertinentes a aula.
METODOLOGIAS DE AVALIAÇÃO APLICÁVEIS	<ul style="list-style-type: none"> • Prova teórica • Prova pratica • Seminário • Dinâmica de grupo • Assiduidade • Participação • Atitude • Estudo de caso • Problematização • Simulação • Quis • Pesquisa
RECURSOS DIDÁTICOS NECESSÁRIOS	<ul style="list-style-type: none"> • Projetor multimídia; • Computador; • Folhas de papel 40; • Pilotos para quadro branco; • Quadro branco; • Material e equipamentos para desenvolvimento das aulas práticas em laboratório; • Caixa de som.
BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA	<p>Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Vigilância em Saúde: Dengue, Esquistossomose, Hanseníase, Malária, Tracoma e Tuberculose / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção a Saúde, Departamento de Atenção Básica . - 2. ed. rev. - Brasília : Ministério da Saúde, 2008. 195 p. : il. - (Série A. Normas e Manuais Técnicos) (Cadernos de Atenção Básica, n. 21), http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/cadernos_ab/abcdad21.pdf</p> <p>Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. HIV/Aids, hepatites e outras DST / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – Brasília : Ministério da Saúde, 2006. 197 p. il. - (Cadernos de Atenção Básica, n. 18) (Série A. Normas e Manuais Técnicos), http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/cadernos_ab/abcdad18.pdf</p> <p>CIMERMAN, S. Parasitologia Humana e seus Fundamentos Gerais. 1 ed. Rio de Janeiro: Atheneu, 1999.</p> <p>GUIMARÃES, D.T. (Org.). Dicionário de Termos Médicos e de Enfermagem. 1 ed. São Paulo: Rideel, 2002.</p> <p>NEVES, D. P. Parasitologia Humana. 10 ed. Rio de Janeiro: Atheneu, 2000. 428p.</p>

PELCZAR JUNIOR, MICHAEL J; KRIEG, NOEL R.; CHAN, E. C. S. Microbiologia, conceitos e aplicações. 2ª ed. São Paulo: Makron Books, 1997. (8)

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS – IFAL
PRÓ-REITORIA DE ENSINO
CAMPUS BENEDITO BENTES**

CURSO	TÉCNICO DE NÍVEL MÉDIO EM ENFERMAGEM	FORMA	SUBSEQUENTE	MÓDULO	1º
EIXO TECNOLÓGICO	AMBIENTE E SAÚDE				
COMPONENTE CURRICULAR	ÉTICA E LEGISLAÇÃO PROFISSIONAL				
CH SEMESTRAL	40 HORAS / AULA	CH SEMANAL	02 HORAS /AULA	FATOR	1

EMENTA	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecimento dos princípios da bioética, ética e lei do exercício profissional. Pressupostos históricos da moral, dos bons costumes e da ética. Dilemas éticos na prática de enfermagem. Exercício profissional e interdisciplinaridade em saúde. Direitos do usuário dos serviços de saúde. Entidades de classe e suas responsabilidades. Qualidade e segurança na prestação de serviços de saúde.
OBJETIVOS	<ul style="list-style-type: none"> • Habilitar o aluno no conhecimento dos princípios da bioética, ética e lei do exercício profissional; • Conhecer os pressupostos históricos da moral, dos bons costumes e da ética; • Identificar os vários dilemas éticos comuns na prática de enfermagem; • Especificar estratégias que podem ser úteis na tomada de decisão ética; • Correlacionar os objetivos de realizar trabalho em equipe, tendo em vista o caráter interdisciplinar da Área de saúde; • Interpretar a legislação referente aos direitos do usuário dos serviços de saúde; Reconhecer os princípios de cidadania na promoção do cuidado em saúde sem discriminação de qualquer tipo; • Conhecer a legislação do Exercício profissional e inter-relacionamento com profissionais da área de saúde; • Conhecer as entidades de classe e as organizações de interesse da área da saúde e de defesa da cidadania; • Utilizar as ferramentas da tecnologia da informática, com a finalidade de facilitar a prestação atendimento ao cliente, em apoio aos serviços do sistema de saúde; Empregar princípios da qualidade e segurança na prestação de serviços de saúde.
CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS	<ul style="list-style-type: none"> • Fundamentos da conduta profissional: <ul style="list-style-type: none"> ✓ Conceitos de moral, valor e ética; ✓ Princípios que norteiam a bioética; ✓ Instrumentos legais – lei, norma, estatuto; • Instrumentos do cidadão para a defesa do interesse público: negligência, imprudência e imperícia. • Declaração universal dos direitos humanos e direitos dos pacientes. • Situações e dilemas ético-legais: <ul style="list-style-type: none"> ✓ Aborto; ✓ Eutanásia (morte assistida); ✓ Distanásia; ✓ Direito de morrer com dignidade e o processo de morrer; ✓ Transplante de órgãos; ✓ Pena de Morte; ✓ Alimentos transgênicos; ✓ Biopirataria ;

	<ul style="list-style-type: none"> • Aspectos éticos na Enfermagem: <ul style="list-style-type: none"> ✓ O sigilo profissional; ✓ O respeito aos direitos do paciente; ✓ Do descumprimento ao código de ética profissional; • Legislação reguladora do exercício profissional: <ul style="list-style-type: none"> ✓ Código do exercício profissional de enfermagem; ✓ Constituição Federal; ✓ Lei nº 7498/86; ✓ Decreto nº 94406/87; ✓ Lei nº 8967; ✓ Lei orgânica da saúde; ✓ Resolução COFEN 271/2002; • Órgãos de classe: ABEn, COFEn, COREn. Sindicatos. • O trabalho multiprofissional e interdisciplinar em saúde. • Relacionamento interpessoal na equipe de saúde.
METODOLOGIAS DE ENSINO APLICÁVEIS	<ul style="list-style-type: none"> • Aulas expositivas • Seminários • Aula teórico dialogadas
METODOLOGIAS DE AVALIAÇÃO APLICÁVEIS	<ul style="list-style-type: none"> • Prova teórica • Prova pratica • Seminário • Dinâmica de grupo • Assiduidade • Participação • Atitude • Estudo de caso • Problematização • Simulação • Quis • Pesquisa
RECURSOS DIDÁTICOS NECESSÁRIOS	<ul style="list-style-type: none"> • Quadro branco • Datashow • Recurso multimídia • Tics (tecnologia da informação e comunicação) • Cartolina, papel 40 kilos • Material reciclável • Material para maquetes
BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA	<p>BARCHIFONTAINE, C. de Paul de; PESSINI, Leo (Org.) et al. Bioética: alguns desafios. São Paulo: Loyola: Centro Universitário São Camilo, 2001.</p> <p>COFEn. Lei N 7.498/86, De 25 DE Junho de 1986. http://www.cofen.gov.br/lei-n-749886-de-25-de-junho-de-1986_4161.html</p> <p>COFEn. Decreto N 94.406/87 – Dispõe sobre o exercício da Enfermagem, e dá outras providências. http://www.coren-ro.org.br/decreto-n-9440687-dispoe-sobre-o-exercicio-da-enfermagem-e-da-outras-providencias_767.html</p> <p>OGUISSO, T.; ZOBOLI, E. Ética e bioética: desafios para enfermagem e a saúde. Barueri: Manole, 2006</p> <p>SANTOS, E. F. Legislação em enfermagem: atos normativos do exercício e ensino de enfermagem. São Paulo: Atheneu, 2005.</p> <p>VÁZQUEZ, A. S. Ética. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.</p> <p>SÁ, Antonio Lopes de. Ética e valores humanos. Curitiba: Juruá, 2007.</p>

	SANTANA J. C. B. Conflitos éticos na área da saúde: como lidar com esta situação? 1 ed. São Paulo: Erica, 2012.
--	--

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS – IFAL
PRÓ-REITORIA DE ENSINO
CAMPUS BENEDITO BENTES**

CURSO	TÉCNICO DE NÍVEL MÉDIO EM ENFERMAGEM	FORMA	SUBSEQUENTE	MÓDULO	3º
EIXO TECNOLÓGICO	AMBIENTE E SAÚDE				
COMPONENTE CURRICULAR	SAÚDE DO TRABALHADOR E BIOSSEGURANÇA				
CH SEMESTRAL	40 HORAS / AULA	CH SEMANAL	02 HORAS / AULA	FATOR	1

EMENTA	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecimento das principais políticas públicas relacionadas à saúde e segurança do trabalhador. Normas regulamentadoras (NR) do Ministério do Trabalho e Emprego. Principais órgãos e instituições da rede de atenção saúde do trabalhador. Notificação de agravos e doenças relacionadas ao trabalho; Entendimento dos princípios da segurança no trabalho.
OBJETIVOS GERAL	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer as principais políticas públicas relacionadas à saúde e segurança do trabalhador; • Conhecer as principais normas regulamentadoras (NR) estabelecidas pelo Ministério do Trabalho e Emprego; • Conhecer os principais órgãos e instituições existentes na rede de atenção saúde do trabalhador; • Conhecer a função do técnico de enfermagem na saúde do trabalhador; • Implementar os procedimentos para a notificação obrigatória dos agravos e doenças relacionados ao trabalho; • Compreender a importância do trabalho multiprofissional e interdisciplinar em saúde do trabalhador; • Entender os princípios da segurança no trabalho.
CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS	<ul style="list-style-type: none"> • Política Nacional de Saúde do Trabalhador: <ul style="list-style-type: none"> ✓ Princípios e Diretrizes; ✓ Rede Nacional de Atenção Integral a Saúde do Trabalhador; • Vigilância em Saúde do Trabalhador: <ul style="list-style-type: none"> ✓ Objetivos; ✓ Agravos e doenças de notificação compulsória relacionadas ao trabalho; ✓ Atribuições do técnico de enfermagem na saúde do trabalhador. • Normas regulamentadoras (NR) relativas à saúde e segurança no trabalho: <ul style="list-style-type: none"> ✓ NR4; ✓ NR5; ✓ NR6; ✓ NR7; ✓ NR9; ✓ NR15; ✓ NR16; ✓ NR17; ✓ NR32; • Riscos ocupacionais; • Biossegurança: <ul style="list-style-type: none"> ✓ Imunização; ✓ Equipamentos de segurança (EPC e EPI);

	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Acidentes com exposição a material biológico; • Legislações e normas locoregionais de segurança e os elementos básicos de prevenção de acidentes no trabalho; • Estratégia de Gerenciamento de Resíduos no Serviço de saúde: <ul style="list-style-type: none"> ✓ Técnicas adequadas de descarte de resíduos biológicos; ✓ Técnicas adequadas de descarte de resíduos físicos; ✓ Técnicas adequadas de descarte de resíduos químicos; ✓ Técnicas adequadas de descarte de resíduos radioativos; • Princípios Ergonômicos na realização do trabalho. • Questões éticas direcionadas a: <ul style="list-style-type: none"> ✓ Identificação; ✓ Registro; ✓ Comunicação de ocorrência relativas à saúde e segurança no trabalho; • SESMET, CIPA e outras comissões;
METODOLOGIAS DE ENSINO APLICÁVEIS	<ul style="list-style-type: none"> • Aulas expositivas • Visitas técnicas • Seminários • Aula teórico dialogadas
METODOLOGIAS DE AVALIAÇÃO APLICÁVEIS	<ul style="list-style-type: none"> • Prova teórica • Prova pratica • Seminário • Dinâmica de grupo • Assiduidade • Participação • Atitude • Estudo de caso • Problematização • Simulação • Quis • Pesquisa
RECURSOS DIDÁTICOS NECESSÁRIOS	<ul style="list-style-type: none"> • Quadro branco • Datashow • Recurso multimídia • Tics (tecnologia da informação e comunicação) • Cartolina, papel 40 kilos. • Material reciclável • Material para maquetes • Material médico-hospitalar. • Manequins e sistemas do corpo humano.
BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA	<p>ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENFERMAGEM- SEÇÃO RIO DE JANEIRO – ABEN/RJ, Gestão 2004-2017. Cartilha do Trabalhador de Enfermagem: saúde, segurança e boas condições de trabalho. 2007. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cartilha_aben.pdf.</p> <p>BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Departamento de Atenção Básica. Área Técnica de Saúde do Trabalhador. Saúde do Trabalhador. Brasília: Ministério da Saúde, 2001. Disponível em: http://renastonline.ensp.fiocruz.br/sites/default/files/051_Cadernos_de_AB_Saude_d_o_Trabalhador.pdf</p>

BRASIL. Saúde e segurança no trabalho no Brasil : aspectos institucionais, sistemas de informação e indicadores / organizadores: Ana Maria de Resende Chagas, Celso Amorim Salim, Luciana Mendes Santos Servo. – Brasília : Ipea, 2011. Disponível em: http://www.cpn-nr18.com.br/uploads/documentos-gerais/livro_sst_ipea_e_fundacentro.pdf

Confederação Nacional dos Trabalhadores na Saúde. NR32 – Boas Condições de trabalho exigem saúde e segurança para o trabalhador (a). Ed. Baracat, 2007. Disponível em: <file:///G:/Polly/cartilhacnts-nr32.pdf>

CORINGA, Josias do E. S. Biossegurança. Curitiba: Editora do Livro Técnico, 2010.

HIRATA, Mario H.; HIRATA, Rosário D. C. Manual de biossegurança. 2 ed. São Paulo: Manole, 2012.

COSTA, M. A. F. Qualidade em Biossegurança. Rio de Janeiro: Ed. Qualitymark, 2000.

FIALHO, A. C. V.; MOREIRA, F. M. A.; ALMEIDA, C. L. de. Biossegurança na área da saúde: uma abordagem interdisciplinar. São Paulo: EdUfscar, 2011.

HINRICHSEN, S. L. Biossegurança e Controle de Infecções: Risco Sanitário Hospitalar. Ed. Medsi, 2004.

Organização Pan-Americana da Saúde. Curso Virtual – Gestão das Condições de Trabalho e Saúde dos Trabalhadores da Saúde. / Organização Pan-Americana da Saúde. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde. Ministério da Saúde. Núcleo de Educação em Saúde Coletiva/UFMG. 2010. Disponível em: http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/curso_virtual_gestao_condicoes_trabalho.pdf

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS – IFAL
PRÓ-REITORIA DE ENSINO
CAMPUS BENEDITO BENTES**

CURSO	TÉCNICO DE NÍVEL MÉDIO EM ENFERMAGEM	FORMA	SUBSEQUENTE	MÓDULO	2º
EIXO TECNOLÓGICO	AMBIENTE E SAÚDE				
COMPONENTE CURRICULAR	FUNDAMENTOS DE ENFERMAGEM II				
CH SEMESTRAL	120 HORAS / AULA	CH SEMANAL	06 HORAS / AULA	FATOR	3

EMENTA	<ul style="list-style-type: none"> • Compreensão dos processos de cicatrização e tipos de ferida. Prestação dos cuidados de enfermagem em oxigenoterapia, drenagem postural, sondagem nasogástrica e nasoenteral, gavagem, lavagem gástrica, controle de diurese, cateterismo vesical de alívio e de demora e lavagem intestinal.
OBJETIVOS	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver no aluno de competências e habilidades cognitivas, afetivas, psicomotora na realização de procedimentos invasivos de enfermagem, respeitando os princípios científicos envolvidos, utilizando instrumentos que possibilitem a prestação de uma assistência sistematizada de enfermagem ao ser humano.
CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS	<ul style="list-style-type: none"> • Processo de cicatrização: <ul style="list-style-type: none"> ✓ Tratamento de feridas; ✓ Fatores que afetam o processo de cicatrização; ✓ Lesões por pressão: definição, fases, cuidados de enfermagem preventivos e curativos. ✓ Classificação de feridas: limpa, potencialmente contaminada, contaminada e infectada. ✓ Curativo: tipos, técnica e soluções anti-sépticas; <ul style="list-style-type: none"> ▪ Abertura de pacotes, manuseio de material esterilizado, curativo com pinças metálicas. ✓ Bandagem: definição, indicação, tipos e princípios relacionados a sua aplicação. • Técnica de aspiração de secreção: asséptica e séptica. • Cuidados de enfermagem na oxigenoterapia: <ul style="list-style-type: none"> ✓ Definição de oxigenoterapia; ✓ Sistemas de baixo e alto fluxo; ✓ Meios de oferta de oxigênio: <ul style="list-style-type: none"> ✓ Cateter nasal; ✓ Máscara de venturi; ✓ Máscara com reservatório; ✓ Dispositivo bolsa-válvula-máscara; ✓ Tenda de oxigênio e Hood; • Drenagem postural, tapotagem e vibração; • Sondagem nasogástrica e nasoenteral, gavagem e cuidados de enfermagem; • Lavagem gástrica; • Eliminação vesical: controle de diurese, cateterismo vesical de alívio e de demora, masculino e feminino; • Eliminação intestinal: lavagem intestinal, clister, fleet enema.

METODOLOGIAS DE ENSINO APLICÁVEIS	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação do conteúdo através de aulas expositivas e dialogadas; • Práticas em laboratório de enfermagem; • Contextualização do conteúdo por meio de casos clínicos; • Leitura de material complementar;
METODOLOGIAS DE AVALIAÇÃO APLICÁVEIS	<ul style="list-style-type: none"> • Prova teórica • Prova pratica • Seminário • Dinâmica de grupo • Assiduidade • Participação • Atitude • Estudo de caso • Problematização • Simulação • Quiz • Pesquisa
RECURSOS DIDÁTICOS NECESSÁRIOS	<ul style="list-style-type: none"> • Projetor multimídia; • Computador; • Folhas de papel 40; • Pilotos para quadro branco; • Quadro branco; • Material e equipamentos para desenvolvimento das aulas práticas em laboratório; • Caixa de som.
BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA	<p>POTTER, P. A.; PERRY A. G. Fundamentos de enfermagem. 9 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.</p> <p>LIMA, Idelmina Lopes; MATÃO, Maria Eliane Liégio. Manual do Técnico em Enfermagem. 9. ed. Goiânia: AB, 2010.</p> <p>SMELTZER, Suzane C.; BARE G. Tratado de Enfermagem Médico-Cirúrgica. 13.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2014.</p> <p>POSSO, Maria Belén Salazar. Semiologia e Semiotécnica de Enfermagem. São Paulo: Editora Atheneu, 2010.</p>

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS – IFAL
PRÓ-REITORIA DE ENSINO
CAMPUS BENEDITO BENTES**

CURSO	TÉCNICO DE NÍVEL MÉDIO EM ENFERMAGEM	FORMA	SUBSEQUENTE	MÓDULO	2º
EIXO TECNOLÓGICO	AMBIENTE E SAÚDE				
COMPONENTE CURRICULAR	ENFERMAGEM EM SAÚDE MENTAL				
CH SEMESTRAL	80 HORAS / AULA	CH SEMANAL	04 HORAS / AULA	FATOR	1

EMENTA	<ul style="list-style-type: none"> Entendimento dos fundamentos da Psicologia Comportamental. Formas de desenvolvimento do sofrimento psíquico; Níveis de prevenção e áreas de atuação de enfermagem psiquiátrica, características, atribuições e serviços de assistência psiquiátrica; Patologias e métodos terapêuticos utilizados em psiquiatria. Diferenciação de doente e doença mental. Formas de comportamento e proteção ao paciente psiquiátrico. Política Nacional de Atenção ao doente mental: promoção e a proteção da saúde do doente psiquiátrico e sua reintegração social.
OBJETIVOS	<ul style="list-style-type: none"> Discutir acerca dos fundamentos da Psicologia Comportamental: estresses e suas interfaces, medidas de enfrentamento, resiliência e as formas de desenvolvimento do sofrimento psíquico; Instrumentalizar o aluno quanto a saúde mental nos níveis de prevenção e áreas de atuação de enfermagem psiquiátrica, características, atribuições e serviços de assistência psiquiátrica; Estudar as patologias e métodos terapêuticos utilizados em psiquiatria Diferenciar doente e doença mental, bem como as formas de comportamento e proteção ao paciente psiquiátrico; Refletir sobre a Política Nacional de Atenção ao doente mental: promoção e a proteção da saúde do doente psiquiátrico e sua reintegração social.
CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS	<ul style="list-style-type: none"> Considerações gerais sobre a disciplina; Tipos de estresse e as principais formas de desenvolvimento e adoecimento psíquico; Conceito de resiliência e as principais medidas de enfrentamento; Fatores físicos ou biológicos, fatores genéticos e fatores na doença mental Estrutura psicológica e desenvolvimento de personalidade; Conceito sobre saúde mental e doença mental. Neuroses e Psicoses; História da Loucura; Principais desafios da evolução histórica da psiquiatria e o processo de desinstitucionalização da Reforma Psiquiátrica Brasileira; Políticas que regem a assistência a saúde mental no contexto do SUS: <ul style="list-style-type: none"> ✓ Centro de Apoio Psicossocial (CAPS); Definição, sinais e sintomas e tratamentos dos quadros agudos e crônicos de sofrimento psíquico; Transtornos decorrentes do uso abusivo de álcool e outras drogas.
METODOLOGIAS DE ENSINO APLICÁVEIS	<ul style="list-style-type: none"> Exposição dialogada; Estudos de caso; Discussão de leituras de textos pertinentes a aula;

<p>METODOLOGIAS DE AVALIAÇÃO APLICÁVEIS</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Prova teórica • Prova pratica • Seminário • Dinâmica de grupo • Assiduidade • Participação • Atitude • Estudo de caso • Problematização • Simulação • Quis • Pesquisa
<p>RECURSOS DIDÁTICOS NECESSÁRIOS</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Multimídia; • Vídeos; • Quadro; • Clube de Revista.
<p>BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA</p>	<p>Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Saúde mental / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Brasília : Ministério da Saúde, 2013. 176 p. : il. (Cadernos de Atenção Básica, n. 34) http://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/publicacoes/caderno_34.pdf</p> <p>ALMEIDA, O. P.; DRATEU, L.; LARANJEIRA, R. Manual de Psiquiatria. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1996.</p> <p>COSTA, J. F. Historia da psiquiatria no Brasil. 5ª.ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.</p> <p>QUEVEDO, J., SHIMITT, R. KAPCZINSKI, F. Emergências psiquiátricas. Porto Alegre: Artmed, 2008.</p> <p>STUART, G. W.; LARAIA, M. T. Enfermagem psiquiátrica: princípios e prática. 6ª ed. IBSN: 8573077131. Ano: 2001.</p>

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS – IFAL
PRÓ-REITORIA DE ENSINO
CAMPUS BENEDITO BENTES**

CURSO	TÉCNICO DE NÍVEL MÉDIO EM ENFERMAGEM	FORMA	SUBSEQUENTE	MÓDULO	2º
EIXO TECNOLÓGICO	AMBIENTE E SAÚDE				
COMPONENTE CURRICULAR	ENFERMAGEM EM SAÚDE DO ADULTO				
CH SEMESTRAL	80 HORAS / AULA	CH SEMANAL	04 HORAS / AULA	FATOR	1

EMENTA	<ul style="list-style-type: none"> • Compreensão dos princípios básicos de nutrição e dietoterapia ao adulto. Principais doenças crônico-degenerativas agudas. Doenças auto-imune. Entendimento de exames diagnósticos mais utilizados.
OBJETIVOS	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver conhecimentos técnicos-científicos de ensino clínico relacionado a saúde do adulto, visando o atendimento de Enfermagem para mediante os conhecimentos da disciplina. • Prestar assistência de enfermagem ao cliente, família e comunidade, nos problemas clínicos; • Promover o conhecimento na manutenção e recuperação da saúde; • Relacionar os problemas reais e potenciais dentro do processo saúde-doença; • Aplicar princípios éticos humanizados durante a assistência ao indivíduo adulto.
CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS	<ul style="list-style-type: none"> • Princípios básicos de nutrição e dietoterapia: <ul style="list-style-type: none"> ✓ Macro e micronutrientes e sua absorção e metabolização; ✓ Pirâmides alimentares; ✓ Tipos de dieta oral: livre ou normal, líquida, líquida de prova, líquidos claros, líquido-pastosa, pastosa, hipossódica, hipo e hipercalórica, hipo e hiperproteica, livre de resíduo; ✓ Tipos de dieta enteral; • Doenças crônicas degenerativas agudas; • Assistência de Enfermagem nos problemas decorrentes das afecções dos sistemas: <ul style="list-style-type: none"> ✓ Neurológico – Acidente vascular cerebral; Parkinson; Alzheimer e outras; ✓ Cardiovascular – Hipertensão arterial; Doença arterial coronária; Angina do peito; Infarto agudo do miocárdio; Edema agudo de pulmão; ✓ Respiratório – pneumonia, doença pulmonar obstrutiva crônica, asma, bronquite e outras; ✓ Digestório – esofagite, úlceras gástricas, gastrite e outras; ✓ Sistema Urinário – Insuficiência renal aguda e crônica, infecção urinária, litíase e outras; ✓ Endócrino – diabetes, alterações tireoideanas e outras; • Doenças auto-imunes; • Exames diagnósticos (Laboratoriais, RAIOS X, USG, ECG, EEG e outros).
METODOLOGIAS DE ENSINO APLICÁVEIS	<ul style="list-style-type: none"> • Aulas Expositivas; • Aulas Práticas; • Pesquisa Bibliográfica; • Listas de Exercícios;

	<ul style="list-style-type: none"> • Relatórios de Aulas Práticas; • Portfólio.
METODOLOGIAS DE AVALIAÇÃO APLICÁVEIS	<ul style="list-style-type: none"> • Prova teórica; • Prova prática; • Seminário; • Dinâmica de grupo; • Assiduidade; • Participação atitude; • Estudo de caso; • Problematização; • Simulação; • Quis; • Pesquisa; • Lista de exercícios.
RECURSOS DIDÁTICOS NECESSÁRIOS	<ul style="list-style-type: none"> • Quadro Branco; • Data Show; • Computador; • Lápis e Apagador para Quadro Branco; • Simuladores de órgãos humanos; manequins.
BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA	<p>SMELTZER, S. C.; BARE, B. G.; BRUNNER& SUDDARTH. Tratado de enfermagem médico-cirúrgica. 12. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan,2014.</p> <p>FISCHBACH, F.; Manual de Enfermagem: Exames Laboratoriais & Diagnósticos. 6 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.</p> <p>LIMA, I. L.; et al. Manual do Técnico e Auxiliar de Enfermagem. Goiânia: AB editora, 2000.</p> <p>POLISUK, J.; GOLDFELD, S. Pequeno Dicionário de Termos Médicos. 6. Ed. Rio de Janeiro: Atheneu, 2010</p>

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS – IFAL
PRÓ-REITORIA DE ENSINO
CAMPUS BENEDITO BENTES**

CURSO	TÉCNICO DE NÍVEL MÉDIO EM ENFERMAGEM	FORMA	SUBSEQUENTE	MÓDULO	2º
EIXO TECNOLÓGICO	AMBIENTE E SAÚDE				
COMPONENTE CURRICULAR	ENFERMAGEM EM SAÚDE DO IDOSO				
CH SEMESTRAL	40 HORAS / AULA	CH SEMANAL	02 HORAS / AULA	FATOR	1

EMENTA	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecimentos técnicos-científicos clínico relacionado a saúde do idoso dentro do processo de envelhecimento normal e a Política Nacional de Saúde do idoso. , visando o atendimento de Enfermagem para mediante os conhecimentos da disciplina. Aspectos fisiológicos e psicossociais da saúde do idoso. Medidas preventivas, curativas e de reabilitação no processo saúde-doença. Autonomia, Independência e Incapacidades Instituição de Longa Permanência para Idosos. Problemas de saúde decorrentes dos sistemas orgânicos.
OBJETIVOS	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver conhecimentos técnicos-científicos de ensino clínico relacionado a saúde do idoso, visando o atendimento de Enfermagem para mediante os conhecimentos da disciplina. • Prestar assistência de enfermagem ao cliente, família e comunidade, nos problemas clínicos e cirúrgicos no paciente idoso; • Promover o conhecimento na manutenção e recuperação da saúde; • Relacionar os problemas reais e potenciais dentro do processo saúde-doença; • Aplicar princípios éticos humanizados durante a assistência ao indivíduo idoso.
CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS	<ul style="list-style-type: none"> • Política Nacional de Saúde do Idoso; • Estatuto do Idoso (Violência contra o idoso); • O processo do envelhecimento normal: Conceitos; • Aspectos fisiológicos e psicossociais da saúde do idoso; • Medidas preventivas, curativas e de reabilitação no processo saúde-doença; • Medidas terapêuticas gerais da saúde do idoso. • Envelhecimento ativo; • Autonomia, Independência e Incapacidades Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPIS) • Problemas de saúde decorrentes dos sistemas: <ul style="list-style-type: none"> ✓ Respiratório; ✓ Cardiovascular; ✓ Urinário; ✓ Órgão reprodutor; ✓ Gastrointestinal; ✓ Neurológico; ✓ Músculo-esquelético; ✓ Sensorial. • Problemas psicossociais; • Principais riscos de traumas no idoso.
METODOLOGIAS DE ENSINO APLICÁVEIS	<ul style="list-style-type: none"> • Aulas Expositivas; • Aulas Práticas;

	<ul style="list-style-type: none"> • Pesquisa Bibliográfica; • Listas de Exercícios; • Relatórios de Aulas Práticas; • Portfólio.
METODOLOGIAS DE AVALIAÇÃO APLICÁVEIS	<ul style="list-style-type: none"> • Prova teórica; • Prova prática; • Seminário; • Dinâmica de grupo; • Assiduidade; • Participação atitude; • Estudo de caso; • Problematização; • Simulação; • Quis; • Pesquisa; • Lista de exercícios.
RECURSOS DIDÁTICOS NECESSÁRIOS	<ul style="list-style-type: none"> • Quadro Branco; • Data Show; Computador; • Lápis e Apagador para Quadro Branco; • Simuladores de órgãos humanos; • Manequins.
BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA	<p>Estatuto do idoso e outros atos legais: política nacional do idoso. Alagoas: SEADS, 2010. 60p.</p> <p>FREITAS, Elizabete Viana de; PY, Ligia; CANÇADO, Flávio Aluizio Xavier. Tratado de geriatria e gerontologia. 3. ed. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, 2013.</p> <p>SILVA, José Vitor da (Organização). Saúde do idoso e a enfermagem: processo de envelhecimento sob múltiplos aspectos. 3. reimpr. São Paulo, SP: Iátria, 2012. 320 p</p> <p>BRASIL. Ministério da Saúde. Envelhecimento e saúde da pessoa idosa. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. (Cadernos de Atenção Básica, n. 19) (Série A. Normas e Manuais Técnicos). Disponível em: http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/cadernos_ab/abcd19.pdf</p> <p>World Health Organization. Envelhecimento ativo: uma política de saúde / World Health Organization; Tradução Suzana Gontijo. – Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005. 60p.: il. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf</p>

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS – IFAL
PRÓ-REITORIA DE ENSINO
CAMPUS BENEDITO BENTES**

CURSO	TÉCNICO DE NÍVEL MÉDIO EM ENFERMAGEM	FORMA	SUBSEQUENTE	MÓDULO	2º
EIXO TECNOLÓGICO	AMBIENTE E SAÚDE				
COMPONENTE CURRICULAR	SAÚDE COLETIVA E EDUCAÇÃO EM SAÚDE II				
CH SEMESTRAL	80 HORAS / AULA	CH SEMANAL	04 HORAS / AULA	FATOR	1

EMENTA	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecimento dos programas de atenção integral à saúde do SUS voltado para as populações nos diferentes ciclos e contextos de vida e saúde, regulamentados pelo Ministério da Saúde. Reflexão acerca das atribuições do técnico de enfermagem nos programas de atenção integral à saúde como membro da equipe de atenção básica e estratégia de saúde da família. Sistemas de Informação e suas ferramentas para o registro das ações inerentes ao cuidado na atenção básica em saúde.
OBJETIVOS	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer os programas de atenção integral à saúde do SUS voltado para as populações nos diferentes ciclos e contextos de vida e saúde, regulamentados pelo Ministério da Saúde; • Conhecer e discutir acerca das atribuições do técnico de enfermagem nos programas de atenção integral à saúde como membro da equipe de atenção básica e estratégia de saúde da família; • Conhecer os Sistemas de Informação e suas ferramentas para o registro das ações inerentes ao cuidado na atenção básica em saúde.
CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS	<ul style="list-style-type: none"> • Política Nacional de Atenção Básica, com ênfase na Estratégia Saúde da Família. • Sistematização da assistência de enfermagem nos programas da atenção básica: <ul style="list-style-type: none"> ✓ Saúde da Mulher; ✓ Saúde do Homem; ✓ Saúde do Idoso; ✓ Hipertensos; ✓ Diabéticos; ✓ Doenças Respiratórias crônicas. • Sistematização da assistência de enfermagem nos programas da atenção básica: <ul style="list-style-type: none"> ✓ Atendimento domiciliar; ✓ Pacientes acamados; ✓ Obesos; ✓ Tuberculose; ✓ Hanseníase; ✓ NASF; ✓ CAPS. • Sistematização da assistência de enfermagem nos programas da atenção básica: <ul style="list-style-type: none"> ✓ Planejamento familiar; ✓ Saúde na Escola; ✓ Programa atenção à saúde do indígena e Quilombos. • Sistematização da assistência de enfermagem nos programas da atenção básica: <ul style="list-style-type: none"> ✓ Saúde da criança; ✓ PNI e Rede de Frio; ✓ Programa Nacional de suplementação de Vitamina A;

	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Programa de Melhoria da qualidade da atenção;
METODOLOGIAS DE ENSINO APLICÁVEIS	<ul style="list-style-type: none"> • Aulas expositivas • Visitas técnicas • Seminários • Aula teórico dialogadas
METODOLOGIAS DE AVALIAÇÃO APLICÁVEIS	<ul style="list-style-type: none"> • Prova teórica • Prova pratica • Seminário • Dinâmica de grupo • Assiduidade • Participação • Atitude • Estudo de caso • Problematização • Simulação • Quis • Pesquisa
RECURSOS DIDÁTICOS NECESSÁRIOS	<ul style="list-style-type: none"> • Quadro branco • Datashow • Recurso multimídia • Tics (tecnologia da informação e comunicação) • Cartolina, papel 40 kilos • Material reciclável • Material para maquetes • Material médico-hospitalar. • Manequins e sistemas do corpo humano.
BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA	<p>BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Diretrizes para o cuidado das pessoas com doenças crônicas nas redes de atenção à saúde e nas linhas de cuidado prioritárias / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – Brasília : Ministério da Saúde, 2013. 28 p. : il.</p> <p>BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Departamento de Atenção Básica. Guia para o Controle da Hanseníase. Brasília: Ministério da Saúde, 2002.</p> <p>BRASIL. Ministério da Saúde. Fundação Nacional de Saúde. Tuberculose – guia de vigilância epidemiológica. Brasília: FUNASA, 2002.</p> <p>BRASIL. Ministério da Saúde. Fundação Nacional de Saúde. Manual de Procedimentos para Vacinação. 4. ed. Brasília: FUNASA, 2001.</p> <p>BRASIL. Ministério da Saúde. Protocolos da Atenção Básica : Saúde das Mulheres / Ministério da Saúde, Instituto Sírio-Libanês de Ensino e Pesquisa – Brasília : Ministério da Saúde, 2016. Disponível em: http://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/publicacoes/protocolo_saude_mulher.pdf Acesso em: 05/09/2017.</p> <p>BRASIL. Ministério da Saúde. Perspectivas e desafios no cuidado às pessoas com obesidade no SUS: resultados do Laboratório de Inovação no manejo da obesidade nas Redes de Atenção à Saúde/Ministério da Saúde; Organização Pan-Americana da Saúde. – Brasília : Ministério da Saúde, 2014. Disponível em: http://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/publicacoes/perspectivas_desafios_cuidado_pessoas_obesidade.pdf Acesso em: 05/09/2017.</p> <p>BRASIL. Ministério da Saúde. Hipertensão arterial sistêmica para o Sistema Único de Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. (Cadernos de Atenção Básica, n. 15) (Série A. Normas e Manuais Técnicos). Disponível: http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/cadernos_ab/abcd15.pdf . Acesso em 05/09/2017</p>

BRASIL. Ministério da Saúde. Caderno de atenção domiciliar. v. 1. Brasília, Ministério da Saúde, 2012. (2 volumes). Disponível em: http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/geral/cad_vol1.pdf

BRASIL. Ministério da Saúde. Caderno de atenção domiciliar. v. 2. Brasília: Ministério da Saúde, 2013. (2 volumes). Disponível em: http://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/publicacoes/cad_vol2.pdf

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Cuidados em terapia nutricional / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – 1. ed., 1. reimpr. – Brasília : Ministério da Saúde, 2015. Disponível em: http://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/publicacoes/caderno_atencao_domiciliar_vol3.pdf

BRASIL. Ministério da Saúde. Plano de reorganização da atenção à hipertensão arterial e ao diabetes mellitus. Brasília: Ministério da Saúde, 2001. Disponível em: http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/geral/plano_reorganizacao_atencao.pdf

BRASIL. Ministério da Saúde. Análise dos indicadores da política nacional de atenção básica no Brasil. Brasília: Ministério da Saúde, 2008. (Série B. Textos Básicos de Saúde). http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/geral/analise_indicadores_politica_nacional_atencao_basica_brasil.pdf

BRASIL. Ministério da Saúde. Avaliação para melhoria da qualidade da estratégia saúde da família: documento técnico. Brasília: Ministério da Saúde, 2005. (Série B. Textos Básicos de Saúde). http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/geral/doc_tec_amq_portugues.pdf

BRASIL. Ministério da Saúde. Por uma cultura da paz, a promoção da saúde e a prevenção da violência. Brasília: Ministério da Saúde, 2009. (Série F. Comunicação e Educação em Saúde). http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/geral/livreto_pronasci_08_07_09.pdf

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Autoavaliação para melhoria do acesso e da qualidade da atenção básica : AMAQ [recurso eletrônico] / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – Brasília : Ministério da Saúde, 2017. Disponível em: http://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/publicacoes/amaq_2017.pdf

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Programa Nacional de Suplementação de Ferro: manual de condutas gerais. Brasília: Ministério da Saúde, 2013. Disponível em: http://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/publicacoes/manual_ferro2013.pdf

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Manual de condutas gerais do Programa Nacional de Suplementação de Vitamina A / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – Brasília : Ministério da Saúde, 2013. Disponível em: http://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/publicacoes/manual_vitamina.pdf

BRASIL. Ministério da Saúde. Programa nacional de melhoria do acesso e da qualidade da atenção básica (PMAQ): manual instrutivo. Brasília: Ministério da Saúde, 2012. (Série A. Normas e Manuais Técnicos). Disponível em: http://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/publicacoes/manual_instrutivo_PMAQ_AB_2013.pdf

BRASIL. Ministério da Saúde. Guia prático do cuidador. Brasília: Ministério da Saúde, 2008. (Série A. Normas e Manuais Técnicos). Disponível em: http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/geral/guia_pratico_cuidador.pdf

BRASIL. Ministério da Saúde. Guia prático do programa saúde da família. Brasília: Ministério da Saúde, 2001. (2 Partes – parte 1). Disponível em: http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/geral/guia_pratico_saude_familia_psf1.pdf.

BRASIL. Ministério da Saúde. Guia prático do programa saúde da família. Brasília: Ministério da Saúde, 2001. (2 Partes – Parte 2). Disponível em: http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/geral/guia_pratico_saude_familia_psf2.pdf.

BRASIL. Ministério da Saúde. Melhoria contínua da qualidade na atenção primária à saúde: conceitos, métodos e diretrizes. Brasília: Ministério da Saúde, 2010. (Série B.

	<p>Textos Básicos de Saúde). Disponível em: http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/geral/MCQ_2010.pdf</p> <p>BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. Política Nacional de Saúde Integral das Populações do Campo e da Floresta / Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, Departamento de Apoio à Gestão Participativa. 1. ed.; 1. reimp. Brasília : Editora do Ministério da Saúde, 2013.</p> <p>Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_saude_populacoes_campo.pdf</p> <p>BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Política Nacional de Saúde Integral da População Negra. Brasília – DF: 2007.</p> <p>Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_saude_populacao_negra.pdf .</p> <p>Brasil. Saúde nos Quilombos/ Editado por Anna Volochko e Luís Eduardo Batista. – São Paulo: Instituto de Saúde – SESSP, São Paulo: GTAE – SESSP, 2009.</p> <p>Disponível em: http://www.saude.sp.gov.br/resources/instituto-de-saude/homepage/temas-saude-coletiva/pdfs/temas09.pdf</p> <p>CAMPOS, Gastão Vagner de Sousa; et al. Tratado de Saúde Coletiva. São Paulo: Hucitec, 2009.</p> <p>CZERESNIA, D.; FREITAS, C.M.(Org.). Promoção da Saúde: conceitos, reflexões, tendências. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2009.</p> <p>DUNCAN, Bruce B. Medicina Ambulatorial: condutas de atenção primária baseada em evidências. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.</p> <p>PEREIRA, Maurício Gomes. Epidemiologia: teoria e prática. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.</p> <p>ROUQUAYROL, Maria Zélia. Epidemiologia e Saúde. 7ed. Rio de Janeiro: MEDSI, 2013.</p> <p>BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância Epidemiológica. Doenças Infecciosas e parasitárias: guia de bolso. 7. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2008.</p>
--	--

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS – IFAL
PRÓ-REITORIA DE ENSINO
CAMPUS BENEDITO BENTES**

CURSO	TÉCNICO DE NÍVEL MÉDIO EM ENFERMAGEM	FORMA	SUBSEQUENTE	MÓDULO	4º
EIXO TECNOLÓGICO	AMBIENTE E SAÚDE				
COMPONENTE CURRICULAR	ENFERMAGEM EM DOENÇAS INFECTO- PARASITÁRIAS				
CH SEMESTRAL	40 HORAS / AULA	CH SEMANAL	02 HORAS AULA	FATOR	1

EMENTA	<ul style="list-style-type: none"> • Compreensão de medidas de prevenção e controle das Doenças Transmissíveis incidentes na região. Bases epidemiológicas das doenças. Identificação das principais Doenças Tropicais e suas formas de controle. Atuação nos níveis de prevenção das Doenças Transmissíveis.
OBJETIVOS	<ul style="list-style-type: none"> • Refletir e propor medidas de prevenção e controle das Doenças Transmissíveis incidentes na região; • Identificar as formas de controle da Doenças Tropicais; • Atuar nos níveis de prevenção das Doenças Transmissíveis
CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS	<ul style="list-style-type: none"> • Bases epidemiológicas das doenças: cadeia epidemiológica, agente e fonte infectante, modos de contágio, vias de penetração, susceptibilidade e imunidade • Doenças causadas por bactérias: tuberculose, hanseníase, difteria, coqueluche, salmonelose, cólera, tétano, meningite, leptospirose; • Doenças causadas por protozoários e vetores: doença de chagas, amebíase, toxoplasmose, giardíase, chikungunya, dengue, zika, malária, leishmaniose, filaríase. • Doenças causadas por helmintos: ancilostomíase; teníase, esquistossomose, enterobíase; estrogiloidíase. • Doenças causadas por vírus: rubéola, poliomielite, sarampo, herpes, raiva, hepatite, coqueluche, parotidite, varicela, SIDA.
METODOLOGIAS DE ENSINO APLICÁVEIS	<ul style="list-style-type: none"> • Exposição dialogada; • Estudos de caso; • Visita técnica; • Discussão de leituras de textos pertinentes a aula.
METODOLOGIAS DE AVALIAÇÃO APLICÁVEIS	<ul style="list-style-type: none"> • Prova teórica • Prova pratica • Seminário • Dinâmica de grupo • Assiduidade • Participação • Atitude • Estudo de caso • Problematização • Simulação • Quis

	<ul style="list-style-type: none">• Pesquisa
RECURSOS DIDÁTICOS NECESSÁRIOS	<ul style="list-style-type: none">• Multimídia; Vídeos;• Quadro;• Clube de Revista.
BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA	HERMANN, Hellma - Enfermagem em Doenças Transmissíveis. São Paulo, 1986. NETO, Amaral - Doenças Transmissíveis SOUNIS, Emílio Epidemiologia Aplicada, Livraria Atenas, 2º vol. 1985. VERONESI, Ricardo - Doenças Infecciosas e Parasitárias Ed. Guanabara 8ª edição

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS – IFAL
PRÓ-REITORIA DE ENSINO
CAMPUS BENEDITO BENTES**

CURSO	TÉCNICO DE NÍVEL MÉDIO EM ENFERMAGEM	FORMA	SUBSEQUENTE	MÓDULO	3º
EIXO TECNOLÓGICO	AMBIENTE E SAÚDE				
COMPONENTE CURRICULAR	ENFERMAGEM EM SAÚDE DA CRIANÇA E ADOLESCENTE				
CH SEMESTRAL	80 HORAS / AULA	CH SEMANAL	04 HORAS /AULA	FATOR	1

EMENTA	<ul style="list-style-type: none"> • Compreensão da Política Nacional de Atenção Integral a Saúde da Criança e do Adolescente. Prestação da assistência de enfermagem ao recém-nascido, lactente, pré-escolar, escolar e adolescente em processo de saúde-doença, terapêutico e preventivo. Entendimento de crescimento e desenvolvimento.
OBJETIVOS	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender a importância da sistemática e correta mensuração pondero estatural para o acompanhamento do desenvolvimento infantil; • Conhecer e habilitar as técnicas básicas de enfermagem com enfoque na especificidade pediátrica; • Reconhecer por meio do exame físico as principais alterações no recém-nascido, lactente, pré-escolar, escolar e adolescentes; • Conhecer aspectos biopsicossociais da saúde da criança; • Operar equipamentos e manusear materiais e instrumentos utilizados no cuidado de enfermagem à criança e ao pré-adolescente; • Registrar o acompanhamento do crescimento e desenvolvimento da criança e do pré-adolescente; • Realizar ações que promovam o bem-estar e melhorem a qualidade de vida da mulher, da criança e do adolescente. • Habilitar o estudante a reconhecer situações de risco e agravamento da saúde da criança e do adolescente.
CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS	<ul style="list-style-type: none"> • Política Nacional de Atenção Integral a Saúde da Criança e do Adolescente; • Crescimento e desenvolvimento; • Enfermagem holística e humanística ao recém-nascido, lactente, pré-escolar, escolar e adolescente em processo de saúde-doença; • Atendimento inicial ao Rn e escala de Apgar; • Triagem neonatal e testes; • Assistência de enfermagem durante a fototerapia; • Puericultura; • Situações de risco e agravamento da saúde da criança e do adolescente e a hospitalização; • Patologias prevalentes da infância: diarreias agudas, desidratação, IRA, GNDA; • Prevenção de doenças e promoção da saúde; • Calendário Vacinal das crianças.
METODOLOGIAS DE ENSINO APLICÁVEIS	<ul style="list-style-type: none"> • Aulas expositivas • Seminários • Aula teórico dialogadas

<p>METODOLOGIAS DE AVALIAÇÃO APLICÁVEIS</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Prova teórica • Prova pratica • Seminário • Dinâmica de grupo • Assiduidade • Participação • Atitude • Estudo de caso • Problematização • Simulação • Quis • Pesquisa
<p>RECURSOS DIDÁTICOS NECESSÁRIOS</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Quadro branco • Datashow • Recurso multimídia • Tics (tecnologia da informação e comunicação) • Cartolina, papel 40 kilos • Material reciclável • Material para maquetes
<p>BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA</p>	<p>HOCKEMBERRY, M.J.; WILSON, D. Wong: Fundamentos de enfermagem pediátrica [tradução 8ªedição]. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014.</p> <p>BORGES, A.L.V.; FUJIMORI, E. Enfermagem e a saúde do adolescente na atenção básica. Barueri: Manole, 2009.</p> <p>TAMEZ, R.N.; SILVA, M.J.P. Enfermagem na UTI Neonatal: assistência ao recém-nascido de alto risco. 5ªed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013.</p> <p>OLIVEIRA, R.G. Blackbook – Pediatria. Belo Horizonte: Black Book Editora, 2011. Série Blackbook – Manual de Referências de Pediatria.</p> <p>VITALE, M.S.S; MEDEIROS, E.H.G.R. O adolescente. In: (org) PUCCINI, R.F; HILÁRIO, O.E. Semiologia da criança e do adolescente. Departamento de Pediatria da Universidade Federal de São Paulo: GUANABARA/KOOGAN, 2008.</p> <p>BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Saúde da criança: crescimento e desenvolvimento. Brasília: Ministério da Saúde, 2012</p>

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS – IFAL
PRÓ-REITORIA DE ENSINO
CAMPUS BENEDITO BENTES**

CURSO	TÉCNICO DE NÍVEL MÉDIO EM ENFERMAGEM	FORMA	SUBSEQUENTE	MÓDULO	3º
EIXO TECNOLÓGICO	AMBIENTE E SAÚDE				
COMPONENTE CURRICULAR	ENFERMAGEM EM SAÚDE DA MULHER				
CH SEMESTRAL	80 HORAS / AULA	CH SEMANAL	04 HORAS /AULA	FATOR	1

EMENTA	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecimento das políticas e programas de assistência integral a saúde da mulher. Processo evolutivo da mulher e as fases do ciclo reprodutivo; Desenvolvimento de atividades educacionais e assistenciais de enfermagem relacionadas à promoção da saúde e incentivo ao autocuidado às mulheres nos diversos períodos do ciclo vital. Prestação da assistência de enfermagem durante o ciclo gravídico-puerperal;
OBJETIVOS	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer as políticas e programas de assistência integral a saúde da mulher; • Conhecer o processo evolutivo da mulher, as fases do ciclo reprodutivo; • Conhecer a política de planejamento familiar, incluindo os métodos contraceptivos; • Desenvolver atividades educacionais e assistenciais de enfermagem relacionadas à promoção da saúde e incentivo ao autocuidado às mulheres nos diversos períodos do ciclo vital; • Prestar assistência de enfermagem durante o ciclo gravídico-puerperal;
CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS	<ul style="list-style-type: none"> • O papel da mulher na sociedade contemporânea; • Políticas públicas na atenção à saúde da mulher; • Noções de citocologia; • Prevenção e enfrentamento a violência contra a mulher; • Desenvolvimento reprodutivo feminino; • Planejamento familiar e métodos contraceptivos; • Prevenção e controle dos cânceres de mama e colo uterino; • Climatério e menopausa; • Cuidados de enfermagem no pré-natal, trabalho de parto/parto e puerpério; • Cuidados de Enfermagem nas complicações obstétricas; • Aleitamento materno: anatomofisiologia, indicações e contraindicações, benefícios, cuidados gerais.
METODOLOGIAS DE ENSINO APLICÁVEIS	<ul style="list-style-type: none"> • Aulas expositivas dialogadas; • Aulas práticas; • Seminários; • Filmes e vídeos; • Atividades em grupo; • Listas de exercícios; • Estudo dirigido
METODOLOGIAS DE AVALIAÇÃO APLICÁVEIS	<ul style="list-style-type: none"> • Prova teórica • Prova pratica • Seminário • Dinâmica de grupo

	<ul style="list-style-type: none"> • Assiduidade • Participação • Atitude • Estudo de caso • Problematização • Simulação • Quis • Pesquisa.
<p>RECURSOS DIDÁTICOS NECESSÁRIOS</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Quadro Branco; • Projetor multimídia; • Computador; • Caixa de som.
<p>BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA</p>	<p>BRASIL. Ministério da Saúde. Atenção ao pré-natal de baixo risco. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. – Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2012.</p> <p>BRASIL. Ministério da Saúde. Protocolos da Atenção Básica: Saúde das Mulheres. Ministério da Saúde, Instituto Sírio-Libanês de Ensino e Pesquisa – Brasília: Ministério da Saúde, 2016.</p> <p>BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Controle dos cânceres do colo do útero e da mama. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – 2. ed. – Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2013.</p> <p>GONZALEZ, H. Enfermagem em ginecologia e obstetrícia. 15ª Ed. São Paulo: Editora Senac, 2010.</p> <p>LOWDERMILK, D.L. Obstetrícia e saúde da mulher. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.</p> <p>BRASIL. Ministério da Saúde. Protocolos da Atenção Básica : Saúde das Mulheres / Ministério da Saúde, Instituto Sírio-Libanês de Ensino e Pesquisa – Brasília : Ministério da Saúde, 2016. Disponível em: http://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/publicacoes/protocolo_saude_mulher.pdf Acesso em: 05/09/2017.</p>

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS – IFAL
PRÓ-REITORIA DE ENSINO
CAMPUS BENEDITO BENTES**

CURSO	TÉCNICO DE NÍVEL MÉDIO EM ENFERMAGEM	FORMA	SUBSEQUENTE	MÓDULO	3º
EIXO TECNOLÓGICO	AMBIENTE E SAÚDE				
COMPONENTE CURRICULAR	ENFERMAGEM PERI-OPERATÓRIA E CME				
CH SEMESTRAL	80 HORAS / AULA	CH SEMANAL	04 HORAS / AULA	FATOR	1

EMENTA	<ul style="list-style-type: none"> • Compreensão dos princípios de limpeza, acondicionamento, esterilização, armazenamento e controle dos artigos médico-hospitalares; Discussão das ações do técnico de enfermagem e demais membros da equipe na unidade de central de material, compreendendo as responsabilidades éticas e legais; Importância da Comissão de Controle de Infecção Hospitalar e suas responsabilidades. Estrutura física e funcionamento organizacional da clínica cirúrgica e centro-cirúrgico. Assistência ao paciente peri-operatório. Prestação da assistência de enfermagem nas afecções cirúrgicas neurológicas, cardiovasculares, respiratórias, digestórias e geniturinárias.
OBJETIVOS	<ul style="list-style-type: none"> • Aplicar os princípios de limpeza, acondicionamento, esterilização, armazenamento e controle dos artigos médico-hospitalares; • Descrever as ações do técnico de enfermagem e demais membros da equipe na unidade de central de material, compreender as responsabilidades éticas e legais; • Identificar a importância da Comissão de Controle de Infecção Hospitalar. • Descrever a estrutura física e o funcionamento organizacional da clínica cirúrgica e centro-cirúrgico; • Conhecer as fases da assistência ao paciente perioperatório; • Assistir a pessoa no período peri-operatório, da recepção no centro cirúrgico à transferência para a unidade de internação, SRPA ou alta; • Realizar os procedimentos pertinentes ao circulante cirúrgico; • Operar equipamentos próprios da unidade cirúrgica; • Conhecer e aplicar a montagem da mesa cirúrgica identificando os tempos cirúrgicos na instrumentação; • Prestar assistência de enfermagem nas afecções cirúrgicas neurológicas, cardiovasculares, respiratórias, digestórias e geniturinárias.
CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS	<ul style="list-style-type: none"> • Área física do CME: <ul style="list-style-type: none"> ✓ Tipos de CME ✓ Ambientes de apoio ✓ Localização ✓ Dinâmica e fluxo no CME • Critérios mínimos recomendados para processamento dos produtos para saúde: • Classificação dos artigos segundo o potencial de transmissão de infecção: <ul style="list-style-type: none"> ✓ Artigos críticos; ✓ Artigos semicríticos; ✓ Artigos não-críticos; • Conceitos importantes nas recomendações de processamento: Reprocessamento e reesterilização; • Desinfecção de produtos para saúde:

	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Métodos de desinfecção processo físico e químico; ✓ Desinfecção manual e automatizada; ✓ Testes microbiológicos; <ul style="list-style-type: none"> • Recomendações para o preparo e o empacotamento de produtos para saúde; • Seleção de embalagens para os produtos para saúde: características e tipos das embalagens: <ul style="list-style-type: none"> ✓ Tecido de algodão; ✓ Embalagem composta de papel grau cirúrgico e filme laminado; ✓ Papel grau cirúrgico encrespado conhecido como papel crepado.; ✓ Papel kraft; ✓ Filmes transparentes; ✓ Lâminas de alumínio e caixas metálicas; ✓ Sistema de contêineres rígidos; ✓ Vidros refratários; • Tipos de processos de esterilização: <ul style="list-style-type: none"> ✓ Processos físicos <ul style="list-style-type: none"> ○ Esterilização por vapor saturado sob pressão ○ Esterilização por calor seco ✓ Processos físico-químicos: formaldeído óxido de etileno • Monitoramento dos processos de Esterilização: mecânico, biológico e químico; • Recomendações para o armazenamento e distribuição dos artigos esterilizados • Estrutura física e o funcionamento organizacional da clínica cirúrgica e centro-cirúrgico; • Fases da assistência ao paciente perioperatório; • Atribuições e responsabilidades do circulante cirúrgico; • Assistência de enfermagem nas afecções cirúrgicas neurológicas, cardiovasculares, respiratórias, digestórias, geniturinárias, ortopédicas; • Sala de Recuperação Pós-anestésica; • Comissão de Controle de Infecção Hospitalar.
<p>METODOLOGIAS DE ENSINO APLICÁVEIS</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Aulas expositivas dialogadas; • Seminários; • Atividades em grupo; • Listas de exercícios; • Estudo dirigido.
<p>METODOLOGIAS DE AVALIAÇÃO APLICÁVEIS</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Prova teórica • Prova pratica • Seminário • Dinâmica de grupo • Assiduidade • Participação • Atitude • Estudo de caso • Problematização • Simulação • Quis • Pesquisa.
<p>RECURSOS DIDÁTICOS NECESSÁRIOS</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Quadro Branco; • Projetor multimídia; • Computador; • Caixa de som.

**BIBLIOGRAFIA
RECOMENDADA**

AMANTE, L. N.; GIRONDI, J. B. R.; MAIA, A. R. C. R.; NASCIMENTO, K. C.; KNIHS, N. S.; Cuidado de enfermagem no período perioperatório: intervenções para a prática. Vol 1. Curitiba: Editora CRV. 2016. 486 p.

ANDRADE, D. de; FERREIRA, A.M. Sítio cirúrgico: avaliação e intervenções de enfermagem no pós-operatório. Arq Ciênc Saúde, v.13, n.1, p.27-33, 2006

CHEEVER, K. H.; HINKLE, J. L. Brunner & Suddarth - Manual de Enfermagem Médico-Cirúrgica - 13ª Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 2015. 788 p

Lacerda RA (coord). Controle de Infecção em centro cirúrgico: fatos, mitos e controvérsias. São Paulo: Atheneu, 2003.

OLIVEIRA, A.C. Infecções hospitalares: epidemiologia, prevenção e controle. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005

POSSARI, J. F. Centro de material e esterilização. 2 ed. São Paulo: Iátria, 2005

ROTHROCK, J. C. Alexander Cuidados de enfermagem ao paciente cirúrgico. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS – IFAL
PRÓ-REITORIA DE ENSINO
CAMPUS BENEDITO BENTES**

CURSO	TÉCNICO DE NÍVEL MÉDIO EM ENFERMAGEM	FORMA	SUBSEQUENTE	MÓDULO	3º
EIXO TECNOLÓGICO	AMBIENTE E SAÚDE				
COMPONENTE CURRICULAR	ENFERMAGEM EM URGÊNCIA E EMERGÊNCIA				
CH SEMESTRAL	80 HORAS / AULA	CH SEMANAL	04 HORAS / AULA	FATOR	1

EMENTA	<ul style="list-style-type: none"> Entendimento e discussão da Política Nacional de Atenção às Urgências e Emergências, abordando diferenças conceituais entre urgência e emergência e classificação de risco. Compreensão do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência. Prestação de primeiros socorros à vítimas em situações de urgência e emergência, desenvolvendo técnicas de Suporte Básico de Vida; Identificação e interpretação de sinais e sintomas, tratamentos e os cuidados e procedimentos de enfermagem utilizados nos atendimentos de urgência e emergência e a pacientes graves, além dos materiais, e equipamentos mais comuns utilizados em emergência.
OBJETIVOS	<ul style="list-style-type: none"> Discutir a Política Nacional de Atenção às Urgências e Emergências, abordando diferenças conceituais entre urgência e emergência e classificação de risco; Compreender o Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU/192) para orientar a população nos casos de emergência; Prestar primeiros socorros à vítimas em situações de urgência e emergência, desenvolvendo técnicas de Suporte Básico de Vida; Interpretar sinais e sintomas, tratamentos e os cuidados e procedimentos de enfermagem utilizados nos atendimentos de urgência e emergência e a pacientes graves; Identificar os materiais, e equipamentos mais comuns utilizados em emergência;
CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS	<ul style="list-style-type: none"> APH (Atendimento pré-hospitalar – SAMU): Organização, Tipos de veículos de transporte; Urgências e Emergências médicas mais comuns: <ul style="list-style-type: none"> ✓ Queimaduras, afogamentos, traumatismos menores, acidentes com animais peçonhentos Suporte Básico de Vida em situações de trauma: Avaliação inicial, sequências de atendimento, noções de hemostasia, cuidados com a coluna cervical, Fraturas, ABC do Trauma, imobilização e transporte da vítima Conceitos de Urgência e Emergência: Estrutura, organização e funcionamento da Unidade de Emergência; Assistência de enfermagem em emergências: <ul style="list-style-type: none"> De desequilíbrio hidroeletrólítico Neurológicas: TCE, AVCI e AVCH, Traumatismo Medular, escala de coma de Glasgow. Cardiovascular: IAM, angina, arritmias, PCR e RCP. Pulmonares: Edema Agudo de Pulmão, enfisema, derrame pleural, pneumotórax, hemotórax. Gastrointestinais: Hemorragia Digestiva Alta, Hemorragia digestiva baixa, abdômen agudo. Oftalmológica: deslocamento de retina, corpo estranho. Otorrinolaringológica: perfuração, corpo estranho, epistaxe.

	<ul style="list-style-type: none"> • Notificação de agravos de violência contra a criança, mulher e idoso.
METODOLOGIAS DE ENSINO APLICÁVEIS	<ul style="list-style-type: none"> • Exposição dialogada; • Estudos de caso; • Visita técnica; • Discussão de leituras de textos pertinentes a aula.
METODOLOGIAS DE AVALIAÇÃO APLICÁVEIS	<ul style="list-style-type: none"> • Prova teórica • Prova pratica • Seminário • Dinâmica de grupo • Assiduidade • Participação • Atitude • Estudo de caso • Problematização • Simulação • Quis • Pesquisa
RECURSOS DIDÁTICOS NECESSÁRIOS	<ul style="list-style-type: none"> • Multimídia; Vídeos; • Quadro; • Clube de Revista.
BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA	<p>BORTOLOTTI, F. Manual do socorrista. Porto Alegre: Expansão, 2008.</p> <p>Brasil. Ministério da Saúde. Política nacional de atenção às urgências / Ministério da Saúde. – 3. ed. ampl. – Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2006. 256 p.: il. – (Série E. Legislação de Saúde): http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_atencao_urgencias_3e_d.pdf</p> <p>CARVALHO, M. G. de. Suporte básico de vida no trauma. São Paulo: LMP, 2008.</p> <p>FALCÃO, L. F. dos R.; BRANDÃO, J. C. M. Primeiros Socorros. São Paulo: Martinari, 2010.</p> <p>NASI, A. L. Rotinas em pronto socorro. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed. 2005</p> <p>Canetti, D. M. Manual básico de socorro de emergência. 2ª ed. São Paulo. Atheneu. 2007</p> <p>SANTOS, Nívea Cristina Moreira Urgência e Emergência para a Enfermagem.– São Paulo: látria, 2003</p>

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS – IFAL
PRÓ-REITORIA DE ENSINO
CAMPUS BENEDITO BENTES**

CURSO	TÉCNICO DE NÍVEL MÉDIO EM ENFERMAGEM	FORMA	SUBSEQUENTE	MÓDULO	4º
EIXO TECNOLÓGICO	AMBIENTE E SAÚDE				
COMPONENTE CURRICULAR	ENFERMAGEM A PACIENTES EM ALTA COMPLEXIDADE				
CH SEMESTRAL	40 HORAS / AULA	CH SEMANAL	02 HORAS /AULA	FATOR	1

EMENTA	<ul style="list-style-type: none"> • Discussão e entendimento da Política Nacional Humanização. Compreensão dos aspectos organizacionais e legais em terapia intensiva; Identificação e interpretação de sinais e sintomas, tratamentos, cuidados e procedimentos de enfermagem utilizados nos atendimentos a pacientes graves; Identificação de materiais, equipamentos e tratamentos mais comuns utilizados em terapia intensiva. Prestação de assistência de enfermagem qualificada ao paciente oncológico.
OBJETIVOS	<ul style="list-style-type: none"> • Discutir a Política Nacional Humanização; • Compreender os aspectos organizacionais e legais em terapia intensiva; • Interpretar sinais e sintomas, tratamentos e os cuidados e procedimentos de enfermagem utilizados nos atendimentos a pacientes graves; • Identificar os materiais, equipamentos e terapêuticas mais comuns utilizados em terapia intensiva; • Prestar assistência qualificada ao paciente oncológico.
CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS	<ul style="list-style-type: none"> • HumanizaSUS; • Aspectos organizacionais e legais do funcionamento da unidade de terapia intensiva; • As relações interpessoais com o cliente, família e a equipe multidisciplinar frente a situações de alta complexidade e no processo morte-morrer; • Assistência de enfermagem a paciente em hemodiálise e diálise peritoneal; • Assistência de enfermagem a pacientes com distúrbios nutricionais graves em uso de nutrição enteral e parenteral; • Técnica de PVC; • Assistência de enfermagem a pacientes em uso de bomba de infusão contínua, oximetria de pulso, monitorização cardíaca contínua e ventilação artificial; • Assistência de enfermagem a pacientes portadores de acesso venoso central e flebotomia; • Principais vias de acesso aéreo em terapia intensiva e seus cuidados de enfermagem: intubação orotraqueal e traqueostomia; • Técnica de eletrocardiograma. • Assistência de enfermagem ao paciente oncológico. • Balanço hídrico
METODOLOGIAS DE ENSINO APLICÁVEIS	<ul style="list-style-type: none"> • Exposição dialogada; • Estudos de caso; • Visita técnica; • Discussão de leituras de textos pertinentes a aula.

<p>METODOLOGIAS DE AVALIAÇÃO APLICÁVEIS</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Prova teórica • Prova pratica • Seminário • Dinâmica de grupo • Assiduidade • Participação • Atitude • Estudo de caso • Problematização • Simulação • Quis • Pesquisa
<p>RECURSOS DIDÁTICOS NECESSÁRIOS</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Multimídia; Vídeos; • Quadro; • Clube de Revista.
<p>BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA</p>	<p>BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Política Nacional de Humanização. Formação e intervenção / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Política Nacional de Humanização. – Brasília : Ministério da Saúde, 2010. 242 p. – (Série B. Textos Básicos de Saúde) (Cadernos HumanizaSUS;v.1): http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cadernos_humanizaSUS.pdf</p> <p>BRUNNER, L. S.; SUDDARTH, D. S. Tratado de Enfermagem Médico-Cirúrgica . 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.</p> <p>CINTRA, E. A ; NISHIDA V. M.; NUNES, W. A; Assistência de Enfermagem ao Paciente Gravemente Enfermo. 2 ed. São Paulo: Atheneu, 2001.</p> <p>UENISHI, E.K. Enfermagem Médico-Cirúrgica em Unidade de Terapia Intensiva. São Paulo: SENAC, 1994.</p>

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS – IFAL
PRÓ-REITORIA DE ENSINO
CAMPUS BENEDITO BENTES**

CURSO	TÉCNICO DE NÍVEL MÉDIO EM ENFERMAGEM	FORMA	SUBSEQUENTE	MÓDULO	4º
EIXO TECNOLÓGICO	AMBIENTE E SAÚDE				
COMPONENTE CURRICULAR	NOÇÕES DE ADMINISTRAÇÃO DOS SERVIÇOS DE ENFERMAGEM				
CH SEMESTRAL	40 HORAS / AULA	CH SEMANAL	02 HORAS /AULA	FATOR	1

EMENTA	<ul style="list-style-type: none"> • Discussão das formas de planejamento, organização e sistemas de qualidade da assistência nos serviços de saúde e de Enfermagem. Métodos de resolução de problemas de liderança e administração/ tomada de decisão; Avaliação da qualidade da assistência de Enfermagem e estratégias de empreendedorismo em enfermagem.
OBJETIVOS	<ul style="list-style-type: none"> • Colaborar no planejamento e organização da assistência nos serviços de saúde e de Enfermagem; • Identificar métodos de implementação de sistemas de qualidade da assistência de enfermagem; • Identificar e avaliar métodos para a resolução de problemas de liderança e administração/ tomada de decisão; • Ajudar a estabelecer parâmetros para avaliação da qualidade da assistência de Enfermagem; • Interagir com a equipe de trabalho e com o cliente/paciente em prol da organização e eficácia dos serviços de saúde; • Discutir estratégias de empreendedorismo em enfermagem.
CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS	<ul style="list-style-type: none"> • Conceitos e objetivos da Administração Geral; • Relação trabalho, saúde e equipe interdisciplinar; • Relações e comunicação interpessoal; • Tipos de hospital e unidades hospitalares; • Estrutura Organizacional: organização formal e informal; • Princípios organizativos; • Organograma e Fluxograma; • Sistemas de avaliação da qualidade da assistência de enfermagem. • Administração de recursos materiais: previsão, provisão, organização e controle; • Liderança em enfermagem; • Qualificação e capacitação de pessoal; • Mercado de trabalho.
METODOLOGIAS DE ENSINO APLICÁVEIS	<ul style="list-style-type: none"> • Aulas expositivas dialogadas; • Seminários; • Atividades em grupo; • Listas de exercícios; • Estudo dirigido.

<p>METODOLOGIAS DE AVALIAÇÃO APLICÁVEIS</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Prova teórica • Prova pratica • Seminário • Dinâmica de grupo • Assiduidade • Participação • Atitude • Estudo de caso • Problematização • Simulação • Quis • Pesquisa
<p>RECURSOS DIDÁTICOS NECESSÁRIOS</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Quadro Branco; • Projetor multimídia; • Computador; • Caixa de som.
<p>BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA</p>	<p>BRASIL. Ministério da Saúde. Manual para a organização da atenção básica. Brasília, 1999.</p> <p>CHIAVENATO, I. Administração dos recursos humanos. Ed. 2, v. 1 e 2; Atlas. São Paulo, 1999.</p> <p>KURCGANT, P. (Coord.) Administração em Enfermagem. EPU. São Paulo, 1996.</p> <p>KURCGANT, P. Gerenciamento em enfermagem. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. 198p.</p> <p>MARQUIS, B. L., HUSTON, C. J. Administração e Liderança em enfermagem. 2ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999</p>

10.5 Plano De Trabalho De Estágio Supervisionado

Este é plano visa definições e orientações, com o objetivo de facilitar e normatizar a execução da prática do estágio curricular supervisionado, além de definir os critérios de avaliação e os papéis dos membros envolvidos nesse processo.

O estágio é de caráter obrigatório para os alunos do Curso Subsequente de Técnico em Enfermagem, a fim de facilitar o desempenho da prática profissional, sendo desenvolvido a partir do segundo semestre do curso, previsto na Resolução CEB N.º 4, de 8 de dezembro de 1999, Resolução COFEn N.º 0441/2013, Resolução COFEn N.º 0509/2016, Resolução CS/Ifal N.º 34/2013, Lei n.º 11.788/2008.

10.5.1 Objetivo Geral

Proporcionar ao aluno o desempenho da prática de Enfermagem em situações reais da vida e trabalho, aliado ao conhecimento científico e teórico-prático desenvolvido no decorrer do curso.

10.5.2 Objetivos Específico

- Demonstrar habilidade técnica no desempenho da prática de Enfermagem;
- Executar o processo de cuidar como instrumento de interpretação profissional;
- Estabelecer relacionamento com a equipe de Enfermagem, com a Instituição e com o paciente/família/comunidade;
- Conhecer e respeitar o Código de Ética de Enfermagem e demonstrar compromisso com o curso e a profissão;
- Compreender a política de saúde e os modelos de atenção vigentes em âmbito Nacional;
- Refletir sobre a importância do papel do Técnico em Enfermagem na equipe de saúde e assistência dos clientes;
- Habilitar o aluno para identificar situações de risco com intervenções adequadas;
- Identificar as necessidades individuais e coletivas de saúde da população cliente;
- Intervir no processo saúde/doença responsabilizando-se pela qualidade da assistência de enfermagem em seus diferentes níveis de atenção à saúde, na perspectiva da integralidade da assistência, promoção da saúde e proteção da vida.

10.5.3 Pré-Requisitos

ESTÁGIO SUPERVISIONADO	PRÉ-REQUISITOS
Fundamentos de Enfermagem	Anatomia e Fisiologia Noções Básicas de Farmacologia Básica Fundamentos de Enfermagem I Fundamentos de Enfermagem II (em curso) Saúde Coletiva e Educação em Saúde I Ética e legislação Profissional Saúde do Trabalhador e Biossegurança
Saúde Coletiva e Educação em Saúde	Saúde Coletiva e Educação em Saúde I e II Anatomia e Fisiologia Noções Básicas de Farmacologia Fundamentos de Enfermagem I e II Ética e legislação Profissional Saúde do Trabalhador e Biossegurança
Enfermagem em Saúde do Adulto	Anatomia e Fisiologia Noções Básicas de Farmacologia Fundamentos de Enfermagem I e II Ética e legislação Profissional Saúde do Trabalhador e Biossegurança Enfermagem em Saúde do Adulto
Enfermagem em Saúde do Idoso	Anatomia e Fisiologia Noções Básicas de Farmacologia Fundamentos de Enfermagem I e II Ética e legislação Profissional Saúde do Trabalhador e Biossegurança Enfermagem em Saúde do Idoso
Enfermagem em Saúde Mental	Anatomia e Fisiologia Noções Básica de Farmacologia Fundamentos de Enfermagem I e II Ética e legislação Profissional Saúde do Trabalhador e Biossegurança Enfermagem em Saúde Mental

<p>Enfermagem em Saúde da Criança e Adolescente</p>	<p>Anatomia e Fisiologia Noções Básicas de Farmacologia Fundamentos de Enfermagem I e II Ética e legislação Profissional Saúde do Trabalhador e Biossegurança Enfermagem em Saúde da Criança e Adolescente Saúde Coletiva e Educação em Saúde I e II</p>
<p>Enfermagem em Saúde da Mulher</p>	<p>Anatomia e Fisiologia Noções Básicas de Farmacologia Fundamentos de Enfermagem I e II Ética e legislação Profissional Saúde do Trabalhador e Biossegurança Enfermagem em Saúde da Mulher</p>
<p>Enfermagem Peri-operatória e CME</p>	<p>Anatomia e Fisiologia Noções Básicas de Farmacologia Fundamentos de Enfermagem I e II Ética e legislação Profissional Saúde do Trabalhador e Biossegurança Enfermagem Peri-operatória e CME</p>
<p>Enfermagem em Urgência e Emergência</p>	<p>Anatomia e Fisiologia Noções Básicas de Farmacologia Fundamentos de Enfermagem I e II Ética e legislação Profissional Saúde do Trabalhador e Biossegurança Enfermagem Peri-operatória e CME Enfermagem em Urgência e Emergência</p>

10.5.4 Frequência E Aprovação

A frequência do aluno será verificada pelo professor responsável pelo campo de estágio e obrigatoriamente preenchida diariamente através de ficha própria;

- O aluno que faltar por mais de 05 (cinco) dias consecutivos, será notificado à Coordenação, podendo ser reprovado no campo de estágio;

- Ao aluno estagiário que, nos casos previstos por lei (Lei nº 6.202 de 17 de abril de 1975 e Decreto nº 1.044 de 21 de outubro de 1969, anexo II), não puder comparecer ao estágio, terá suas faltas justificadas mediante a apresentação do atestado médico, tendo a oportunidade de reposição da carga horária do campo de estágio em questão;
- O aluno que apresentar faltas que não se enquadrem nos casos supracitados deverá preencher a Justificativa de Falta que será avaliada pelo Coordenador do curso. Caso este julgue a justificativa pertinente, o aluno terá a oportunidade de reposição da carga horária perdida em cronograma estabelecido;
- Faltas não justificadas não serão repostas e, portanto, o aluno será REPROVADO.

Considera-se aprovado o aluno que obtiver aproveitamento de 60% da pontuação total do estágio, referentes às propostas pelo instrumento de avaliação. Além do aproveitamento concernente, o aluno também deverá integralizar o total da carga horária.

10.5.5 Atribuições Técnicas E Comportamentais do Estagiário

- Não se ausentar do campo de práticas, durante o horário de atividades, salvo quando autorizado pelo supervisor;
- Estar com unhas curtas (rente aos dedos) e não usar anéis, com os cabelos presos, brincos pequenos, relógio, colares e pulseiras;
- Observar as normas específicas da instituição na qual se desenvolvem as atividades de estágio;
- Evitar manifestações barulhentas em qualquer recinto da instituição;
- É extremamente proibido: fumar, consumir bebidas alcoólicas, usar drogas ilícitas, dentre outros;
- O aluno deverá recusar qualquer tipo de gratificação pelo trabalho prestado em campo de práticas;
- O aluno deverá portar, obrigatoriamente, crachá de identificação do Instituto Federal de Alagoas;
- Qualquer reclamação, solicitação ou reivindicação deverá ser dirigida, diretamente ao professor do campo de estágio, que fará os devidos encaminhamentos;
- É de responsabilidade do aluno providenciar sua vacinação contra hepatite B e tétano previamente e comprovar a vacinação mediante o xerox do cartão de vacinação;

- Usar roupas adequadas, respeitando o pudor: uniforme branco completo, sendo exigência o uso do jaleco padronizado do Instituto Federal de Alagoas, salvo nas instituições onde o uso do uniforme branco não for exigido. A calça branca deve ser comprida e não ser transparente, não sendo permitido o uso de calça pescador, bermuda ou capri. Os sapatos deverão ser fechados e de material resistente e ser de cor branca;
- O aluno deverá comparecer todos os dias com material de bolso completo (caneta azul ou preta, lápis, borracha, termômetro, garrote, relógio de ponteiro, tesoura e caderneta para anotações);
- O aluno não deverá lanchar em local inapropriado e sem a autorização do supervisor;
- O aluno deverá respeitar o sigilo e a confidencialidade dos atos, fatos e documentos de qualquer natureza de que venham ter conhecimento no decorrer do Estágio, sujeitando-se a responder judicialmente pela infração que vier a praticar, na forma da Lei;
- O aluno deverá preencher Termo de Compromisso de Estágio (anexo), Instrumento para Avaliação do Estágio (anexo) para cada campo de estágio, ficha de frequência e o Termo de Ciência (anexo) antes de iniciar o estágio curricular, certificando-se de compreendeu todas as informações contidas neste manual.

10.5.6 Atribuições Do Professor De Estágio

- Acompanhar a pontualidade e assiduidade dos alunos, bem como do preenchimento da ficha diária de frequência;
- Entrar em contato com a Instituição na qual vai estagiar para se apresentar e conhecer as regras da mesma antes do início do estágio;
- Ter cópia do Contrato de Convênio para seguir as cláusulas acordadas entre as partes;
- Executar o plano de ensino do estágio e atividade prática;
- Acompanhar os alunos nos locais previamente disponibilizados para a realização do estágio;
- Estar devidamente uniformizado segundo padrões estabelecidos e com o crachá de professor, com identificação do Instituto Federal de Alagoas;
- Realizar o feedback das atividades e/ou procedimentos desenvolvidos com os alunos no campo de estágio;
- Analisar as atividades desenvolvidas, pelos alunos, de forma contínua, orientando os quando necessário e exigindo as habilidades requeridas para a prática de estágio;

- Controlar e registrar diariamente a frequência (assiduidade/praticidade) dos alunos nas atividades de estágio;
- Cumprir rigorosamente o cronograma apresentado pela Coordenação do curso;
- Comunicar quaisquer alterações na condição dos alunos estagiários ao Coordenação do curso;
- Realizar a avaliação continuada e final dos alunos estagiários e das atividades desenvolvidas conforme instrumento de avaliação de estágio supervisionado;
- Entregar ficha individual de estágio supervisionado do aluno, em até no máximo, 3 dias úteis após o término do estágio;
- Comparecer às reuniões convocadas a respeito de estágio;
- Incentivar o bom desempenho dos estagiários, bem como contribuir para sua melhor qualificação e utilização de acordo com os objetivos propostos;
- Colaborar para manter um ambiente agradável e ético, com equipes multiprofissionais e demais funcionários dos locais de estágios de cada Instituição;
- Zelar e colaborar pela manutenção e aperfeiçoamento do campo de estágio;
- Detectar e avaliar as condições do campo de estágio, promovendo a qualidade do estágio;
- Zelar pela integridade física de seus alunos, prevenindo situações que possam oferecer risco aos mesmos;
- Dar ciência imediata ao Coordenador de Curso das intercorrências ocorridas no campo de prática;
- Zelar pelo uso racional do material de consumo fornecido pelo Instituto Federal de Alagoas – Campus Benedito Bentes.

10.5.7 Distribuição E Organização

ESTÁGIO SUPERVISIONADO	CARGA HORÁRIA	INSTITUIÇÃO DE SAÚDE
Fundamentos de Enfermagem	100h	Unidades hospitalares de internamento geral
Saúde Coletiva e Educação em Saúde	80h	Unidades de Atenção Básica de demanda espontânea ou ESF
Enfermagem em Saúde do Adulto	50h	Unidades hospitalares de internamento adulto

Enfermagem em Saúde do Idoso	50h	Unidades hospitalares de internamento idoso ou Institutos de Longa Permanência
Enfermagem em Saúde Mental	40h	Centro de Apoio Psicossocial
Enfermagem em Saúde da Criança e Adolescente	80h	Unidades hospitalares de internamento neonatal e criança
Enfermagem em Saúde da Mulher	80h	Unidades hospitalares de internamento da mulher em período gravídico-puerperal/Maternidades
Enfermagem Peri-operatória CME	60h 20h	Centro Cirúrgico, CME e SRPA de Unidades hospitalares
Enfermagem em Urgência e Emergência	40h	Unidades hospitalares ou Unidades de Pronto-atendimento ou Pronto Socorro

10.5.8 Plano Individualizado De Estágio Supervisionado

Devido as peculiaridades do curso de Enfermagem, fica definido que cada professor pode atender de 3 a no máximo até 6 alunos no campo de estágio (de acordo com as exigências de cada instituição de saúde).

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS – IFAL
PRÓ-REITORIA DE ENSINO
CAMPUS BENEDITO BENTES**

CURSO	TÉCNICO DE NÍVEL MÉDIO EM ENFERMAGEM	FORMA	SUBSEQUENTE	MÓDULO	2º
EIXO TECNOLÓGICO	AMBIENTE E SAÚDE				
COMPONENTE CURRICULAR	ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM FUNDAMENTOS DE ENFERMAGEM				
CH SEMESTRAL	100 HORAS / AULA	CH SEMANAL	05 HORAS /AULA	FATOR	1

EMENTA	<ul style="list-style-type: none"> Execução de prática supervisionada em área hospitalar, para a prestação de assistência de enfermagem humanizada ao indivíduo necessitado de procedimentos técnicos de admissão, alta e transferência, medidas antropométricas, sinais vitais, administração de medicamentos, curativo, oxigenoterapia, drenagem postural, sondagem nasogástrica e naso-enteral, gavagem, lavagem gástrica, controle de diurese, cateterismo vesical de alívio e de demora e lavagem intestinal. Execução da técnica de lavagem das mãos, aspiração de secreções e cuidado pós-morte, além de registros de enfermagem.
OBJETIVOS GERAIS	<ul style="list-style-type: none"> Desenvolver competências e habilidades cognitivas, afetivas, psicomotora na realização de procedimentos de enfermagem, respeitando os princípios científicos envolvidos, utilizando instrumentos que possibilitem a prestação de uma assistência sistematizada de enfermagem ao ser humano. Conhecer e atender as necessidades básicas da pessoa no campo da higiene, conforto e segurança; Especificar os aspectos fundamentais dos procedimentos de enfermagem em relação à admissão, alta da pessoa e transferência do paciente hospitalizado; Prestar assistência de enfermagem de forma humanizada; Conhecer e executar técnicas específicas da prática profissional do técnico de enfermagem de forma segura, crítica e com perícia;
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	<ul style="list-style-type: none"> Realizar curativos de lesões de pressão limpa, potencialmente contaminada, contaminada e infectada; Realizar técnica de abertura de pacotes e manuseio de material esterilizado Realizar técnicas de aspiração de secreção; Executar cuidados de enfermagem em diversos tipos de oxigenoterapia; Executar e/ou observar técnica de sondagem nasogástrica, gavagem, lavagem gástrica; Executar e/ou observar técnica de cateterismo vesical de alívio e de demora, masculino e feminino, lavagem intestinal e enteroclise.
METODOLOGIAS DE ENSINO APLICÁVEIS	<ul style="list-style-type: none"> O estágio deverá ser precedido por visita técnica a Instituição de hospitalização clínica ou cirúrgica, a fim de possibilitar in loco o confronto teórico-prático. Toda carga horária será desenvolvida em Instituição de hospitalização clínica ou cirúrgica ou Unidades de Pronto-atendimento, onde o aluno, individualmente e de forma coletiva, deverá alcançar os objetivos gerais e objetivos propostos. Cada grupo será composto por até 6 alunos.

METODOLOGIAS DE AVALIAÇÃO APLICÁVEIS	<ul style="list-style-type: none"> • Usar-se-á instrumento de avaliação próprio, que será dividido em competências comportamentais e éticas (totalizando 4 pontos) e os conhecimentos teóricos e práticos (totalizando 6 pontos).
FREQUÊNCIA	<ul style="list-style-type: none"> • A frequência do aluno será verificada pelo professor responsável pelo campo de estágio e obrigatoriamente preenchida diariamente através de ficha própria; • É exigida a frequência de 75% da carga horária total do estágio; • O aluno que faltar por mais de 05 (cinco) dias consecutivos, será notificado à Coordenação, podendo ser reprovado no campo de estágio; • Ao aluno estagiário que, nos casos previstos por lei (Lei nº 6.202 de 17 de abril de 1975 e Decreto nº 1.044 de 21 de outubro de 1969), não puder comparecer ao estágio, terá suas faltas justificadas mediante a apresentação do atestado médico, tendo a oportunidade de reposição da carga horária do campo de estágio em questão; • O aluno que apresentar faltas que não se enquadrem nos casos supracitados terá que preencher a Justificativa de Falta (anexa) que será avaliada pelo Coordenador do curso. Caso este julgue a justificativa pertinente, o aluno terá a oportunidade de reposição da carga horária perdida em cronograma estabelecido; • Faltas não justificadas não serão repostas e, portanto, o aluno será REPROVADO.
APROVAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> • Considera-se aprovado o aluno que obtiver aproveitamento de 60% da pontuação total do estágio, referentes às propostas pelo instrumento de avaliação. Além do aproveitamento concernente, o aluno também deverá integralizar o total da carga horária.

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS – IFAL
PRÓ-REITORIA DE ENSINO
CAMPUS BENEDITO BENTES**

CURSO	TÉCNICO DE NÍVEL MÉDIO EM ENFERMAGEM	FORMA	SUBSEQUENTE	MÓDULO	3º
EIXO TECNOLÓGICO	AMBIENTE E SAÚDE				
COMPONENTE CURRICULAR	ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM SAÚDE COLETIVA E EDUCAÇÃO EM SAÚDE				
CH SEMESTRAL	80 HORAS / AULA	CH SEMANAL	04 HORAS /AULA	FATOR	1

EMENTA	<ul style="list-style-type: none"> • Execução de prática supervisionada na atenção básica, para a prestação de assistência de enfermagem humanizada ao indivíduo em seu processo saúde doença, com entendimento de seus determinantes e condicionantes sociais, a partir dos Programas de Atenção Integral do SUS e das Políticas Públicas Nacionais. Planejamento e implementação de educação popular e estratégias de educação em saúde. Entendimento dos Sistemas de Informação e suas ferramentas para o registro das ações inerentes ao cuidado na atenção básica em saúde.
OBJETIVOS GERAL	<ul style="list-style-type: none"> • Oportunizar aos discentes a vivência das práticas profissionais vigentes nos ambientes em que estarão inseridos, no exercício da profissão. • Aprimorar o nível de atuação do estagiário, oferecendo-lhe experiências profissionais inovadoras. • Formar um profissional técnico e politicamente competente, que integre em sua atuação os conhecimentos, habilidades, crenças, valores, emoções e compromisso com a realidade da prática profissional. • Propiciar à vivência de situações reais de utilização dos conhecimentos adquiridos, analisando-os, criticando-os, avaliando-os e replanejando as ações coerentes com a realidade profissional e o campo de atuação. • Confrontar teoria e prática durante a formação profissional visando uma formação atualizada e condizente com a realidade.
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender e participar das ações em saúde coletiva. • Aplicar na prática assistencial os conhecimentos adquiridos na disciplina teórica de saúde coletiva; • Desenvolver ações de enfermagem vinculadas ao programa Nacional de Imunização e a rede de Frio. • Implementar ações de saúde dirigidas a diferentes grupos populacionais, de acordo com o perfil epidemiológico de determinada comunidade; • Participar de ações de vigilância em saúde e vigilância epidemiológica desenvolvidas na UBS; • Conhecer os procedimentos para notificação obrigatória; • Atuar no desenvolvimento de ações de enfermagem direcionadas aos grupos prioritários; atuar nos programas de saúde desenvolvidos pelo MS. • Reconhecer a instituição e a das competências dos profissionais da equipe de saúde; • Conhecer as principais necessidades dos portadores de transtornos mentais; • Reconhecer o paciente com sofrimento mental; • Interagir com Equipe Terapêutica e com o paciente portador de sofrimento mental; • Treinar as técnicas básicas em enfermagem; • Realizar os cuidados de enfermagem;

	<ul style="list-style-type: none"> • Participar das atividades de lazer; • Participar dos programas de integração do usuário/comunidade/família.
METODOLOGIAS DE ENSINO APLICÁVEIS	<ul style="list-style-type: none"> • O estágio deverá ser precedido por visita técnica a Instituição de hospitalização clínica ou cirúrgica, a fim de possibilitar in loco o confronto teórico-prático. Toda carga horária será desenvolvida em Instituição de hospitalização clínica ou cirúrgica ou Unidades de Pronto-atendimento, onde o aluno, individualmente e de forma coletiva, deverá alcançar os objetivos gerais e objetivos propostos. Cada grupo será composto por até 6 alunos.
METODOLOGIAS DE AVALIAÇÃO APLICÁVEIS	<ul style="list-style-type: none"> • Usar-se-á instrumento de avaliação próprio, que será dividido em competências comportamentais e éticas (totalizando 4 pontos) e os conhecimentos teóricos e práticos (totalizando 6 pontos).
FREQUÊNCIA	<ul style="list-style-type: none"> • A frequência do aluno será verificada pelo professor responsável pelo campo de estágio e obrigatoriamente preenchida diariamente através de ficha própria; • O aluno que faltar por mais de 05 (cinco) dias consecutivos, será notificado à Coordenação, podendo ser reprovado no campo de estágio; • Ao aluno estagiário que, nos casos previstos por lei (Lei nº 6.202 de 17 de abril de 1975 e Decreto nº 1.044 de 21 de outubro de 1969), não puder comparecer ao estágio, terá suas faltas justificadas mediante a apresentação do atestado médico, tendo a oportunidade de reposição da carga horária do campo de estágio em questão; • O aluno que apresentar faltas que não se enquadrem nos casos supracitados terá que preencher a Justificativa de Falta (anexa) que será avaliada pelo Coordenador do curso. Caso este julgue a justificativa pertinente, o aluno terá a oportunidade de reposição da carga horária perdida em cronograma estabelecido; • Faltas não justificadas não serão repostas e, portanto, o aluno será REPROVADO.
APROVAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> • Considera-se aprovado o aluno que obtiver aproveitamento de 60% da pontuação total do estágio, referentes às propostas pelo instrumento de avaliação. Além do aproveitamento concernente, o aluno também deverá integralizar o total da carga horária.

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS – IFAL
PRÓ-REITORIA DE ENSINO
CAMPUS BENEDITO BENTES**

CURSO	TÉCNICO DE NÍVEL MÉDIO EM ENFERMAGEM	FORMA	SUBSEQUENTE	MÓDULO	3º
EIXO TECNOLÓGICO	AMBIENTE E SAÚDE				
COMPONENTE CURRICULAR	ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE ENFERMAGEM EM SAÚDE DO ADULTO				
CH SEMESTRAL	50 HORAS / AULA	CH SEMANAL	05 HORAS /AULA	FATOR	1

EMENTA	<ul style="list-style-type: none"> • Execução de prática supervisionada na área hospitalar, para a prestação de assistência de enfermagem humanizada ao indivíduo adulto portadores de doenças crônico-degenerativas agudas, doenças auto-imune. Atendimento ao indivíduo e, situações de exames diagnósticos.
OBJETIVOS GERAIS	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver conhecimentos técnicos-científicos de ensino clínico a saúde do adulto, visando o atendimento de Enfermagem para mediante os conhecimentos da disciplina. • Prestar assistência de enfermagem ao cliente, família e comunidade, nos problemas clínicos e cirúrgicos; • Promover o conhecimento na manutenção e recuperação da saúde; • Relacionar os problemas reais e potenciais dentro do processo saúde-doença; • Aplicar princípios éticos humanizados durante a assistência ao indivíduo adulto.
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	<ul style="list-style-type: none"> • Aplicar conhecimentos básicos de dietoterapia, co-relacionando com a prescrição médica; • Administrar dieta enteral conforme prescrição médica do paciente adulto; • Prestar assistência de enfermagem ao paciente adulto portador de doenças crônicas degenerativas agudas, nos problemas decorrentes das afecções neurológicas, cardiovasculares, respiratórias, digestórias, urinárias, endócrinas e auto-imunes. • Auxiliar o paciente em exames laboratoriais, raio X, ultrassonografia, eletrocardiograma, eletroencefalograma e outros.
METODOLOGIAS DE ENSINO APLICÁVEIS	<ul style="list-style-type: none"> • O estágio deverá ser precedido por visita técnica a Instituição de hospitalização clínica ou cirúrgica, a fim de possibilitar <i>in loco</i> o confronto teórico-prático. Toda carga horária será desenvolvida em Instituição de hospitalização clínica ou cirúrgica ou Unidades de Pronto-atendimento, onde o aluno, individualmente e de forma coletiva, deverá alcançar os objetivos gerais e objetivos propostos. Cada grupo será composto por até 6 alunos.
METODOLOGIAS DE AVALIAÇÃO APLICÁVEIS	<ul style="list-style-type: none"> • Usar-se-á instrumento de avaliação próprio, que será dividido em competências comportamentais e éticas (totalizando 4 pontos) e os conhecimentos teóricos e práticos (totalizando 6 pontos).
FREQUÊNCIA	<ul style="list-style-type: none"> • A frequência do aluno será verificada pelo professor responsável pelo campo de estágio e obrigatoriamente preenchida diariamente através de ficha própria;

	<ul style="list-style-type: none">• O aluno que faltar por mais de 05 (cinco) dias consecutivos, será notificado à Coordenação, podendo ser reprovado no campo de estágio;• Ao aluno estagiário que, nos casos previstos por lei (Lei nº 6.202 de 17 de abril de 1975 e Decreto nº 1.044 de 21 de outubro de 1969), não puder comparecer ao estágio, terá suas faltas justificadas mediante a apresentação do atestado médico, tendo a oportunidade de reposição da carga horária do campo de estágio em questão;• O aluno que apresentar faltas que não se enquadrem nos casos supracitados terá que preencher a Justificativa de Falta (anexa) que será avaliada pelo Coordenador do curso. Caso este julgue a justificativa pertinente, o aluno terá a oportunidade de reposição da carga horária perdida em cronograma estabelecido;• Faltas não justificadas não serão repostas e, portanto, o aluno será REPROVADO.
APROVAÇÃO	<ul style="list-style-type: none">• Considera-se aprovado o aluno que obtiver aproveitamento de 60% da pontuação total do estágio, referentes às propostas pelo instrumento de avaliação. Além do aproveitamento concernente, o aluno também deverá integralizar o total da carga horária.

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS – IFAL
PRÓ-REITORIA DE ENSINO
CAMPUS BENEDITO BENTES**

CURSO	TÉCNICO DE NÍVEL MÉDIO EM ENFERMAGEM	FORMA	SUBSEQUENTE	MÓDULO	3º
EIXO TECNOLÓGICO	AMBIENTE E SAÚDE				
COMPONENTE CURRICULAR	ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE ENFERMAGEM EM SAÚDE DO IDOSO				
CH SEMESTRAL	50 HORAS / AULA	CH SEMANAL	05 HORAS /AULA	FATOR	1

EMENTA	<ul style="list-style-type: none"> • Execução de prática supervisionada em área hospitalar e/ou Instituto de Longa Permanência, para a prestação de assistência de enfermagem humanizada ao indivíduo idoso portadores de afecções neurológicas, cardiovasculares, respiratórias, digestórias, urinárias, endócrinas, auto-imunes e problemas psicossociais, a partir da Política Nacional de Saúde do Idoso e do Estatuto do Idoso.
OBJETIVOS GERAIS	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver conhecimentos técnicos-científicos de ensino clínico relacionado a saúde do idoso, visando o atendimento de Enfermagem para mediante os conhecimentos da disciplina. • Prestar assistência de enfermagem ao cliente, família e comunidade, nos problemas clínicos e cirúrgicos no paciente idoso; • Promover o conhecimento na manutenção e recuperação da saúde; • Relacionar os problemas reais e potenciais dentro do processo saúde-doença; • Aplicar princípios éticos humanizados durante a assistência ao indivíduo idoso.
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	<ul style="list-style-type: none"> • Prestar assistência de enfermagem ao indivíduo idoso fundamentado na Política Nacional de Saúde do Idoso e no Estatuto do Idoso; • Prestar assistência de enfermagem ao indivíduo idoso, contextualizada no processo do envelhecimento normal e seus aspectos fisiológicos e psicossociais; • Propor e participar de medidas preventivas, curativas e de reabilitação no processo saúde-doença do indivíduo idoso; • Prestar medidas terapêuticas gerais ao idoso, prevendo autonomia, independência e prevenindo incapacidades; • Prestar assistência de enfermagem ao paciente idoso portador de doenças crônicas degenerativas agudas, nos problemas decorrentes das afecções neurológicas, cardiovasculares, respiratórias, digestórias, urinárias, endócrinas, auto-imunes e problemas psicossociais; • Prestar assistência de enfermagem ao idoso com riscos de traumas ou trauma real.
METODOLOGIAS DE ENSINO APLICÁVEIS	<ul style="list-style-type: none"> • O estágio deverá ser precedido por visita técnica a Instituição de hospitalização clínica ou cirúrgica, a fim de possibilitar <i>in loco</i> o confronto teórico-prático. Toda carga horária será desenvolvida em Instituição de hospitalização clínica ou cirúrgica ou Instituto de Longa Permanência para Idosos, onde o aluno, individualmente e de forma coletiva, deverá alcançar os objetivos gerais e objetivos propostos. Cada grupo será composto por até 6 alunos.

METODOLOGIAS DE AVALIAÇÃO APLICÁVEIS	<ul style="list-style-type: none"> • Usar-se-á instrumento de avaliação próprio, que será dividido em competências comportamentais e éticas (totalizando 4 pontos) e os conhecimentos teóricos e práticos (totalizando 6 pontos).
FREQUÊNCIA	<ul style="list-style-type: none"> • A frequência do aluno será verificada pelo professor responsável pelo campo de estágio e obrigatoriamente preenchida diariamente através de ficha própria; • O aluno que faltar por mais de 05 (cinco) dias consecutivos, será notificado à Coordenação, podendo ser reprovado no campo de estágio; • Ao aluno estagiário que, nos casos previstos por lei (Lei nº 6.202 de 17 de abril de 1975 e Decreto nº 1.044 de 21 de outubro de 1969), não puder comparecer ao estágio, terá suas faltas justificadas mediante a apresentação do atestado médico, tendo a oportunidade de reposição da carga horária do campo de estágio em questão; • O aluno que apresentar faltas que não se enquadrem nos casos supracitados terá que preencher a Justificativa de Falta (anexa) que será avaliada pelo Coordenador do curso. Caso este julgue a justificativa pertinente, o aluno terá a oportunidade de reposição da carga horária perdida em cronograma estabelecido; • Faltas não justificadas não serão repostas e, portanto, o aluno será REPROVADO.
APROVAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> • Considera-se aprovado o aluno que obtiver aproveitamento de 60% da pontuação total do estágio, referentes às propostas pelo instrumento de avaliação. Além do aproveitamento concernente, o aluno também deverá integralizar o total da carga horária.

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS – IFAL
PRÓ-REITORIA DE ENSINO
CAMPUS BENEDITO BENTES**

CURSO	TÉCNICO DE NÍVEL MÉDIO EM ENFERMAGEM	FORMA	SUBSEQUENTE	MÓDULO	4º
EIXO TECNOLÓGICO	AMBIENTE E SAÚDE				
COMPONENTE CURRICULAR	ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE ENFERMAGEM EM SAÚDE MENTAL				
CH SEMESTRAL	40 HORAS / AULA	CH SEMANAL	02 HORAS /AULA	FATOR	1

EMENTA	<ul style="list-style-type: none"> • Execução de prática supervisionada em área hospitalar psiquiátrica e/ou Centro de Atenção Psicossocial, para a prestação de assistência de enfermagem humanizada e terapêutica ao indivíduo portadores sofrimento psíquico e/ou doença mental, a partir da Política Nacional de Saúde Mental.
OBJETIVOS GERAIS	<ul style="list-style-type: none"> • Oportunizar aos discentes a vivência das práticas profissionais vigentes nos ambientes em que estarão inseridos, no exercício da profissão. • Aprimorar o nível de atuação do estagiário, oferecendo-lhe experiências profissionais inovadoras. • Formar um profissional técnico e politicamente competente, que integre em sua atuação os conhecimentos, habilidades, crenças, valores, emoções e compromisso com a realidade da prática profissional. • Propiciar à vivência de situações reais de utilização dos conhecimentos adquiridos, analisando-os, criticando-os, avaliando-os e replanejando as ações coerentes com a realidade profissional e o campo de atuação. • Confrontar teoria e prática durante a formação profissional visando uma formação atualizada e condizente com a realidade.
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer a instituição e a das competências dos profissionais da equipe de saúde; • Conhecer as principais necessidades dos portadores de transtornos mentais; • Reconhecer o paciente com sofrimento mental; • Interagir com Equipe Terapêutica e com o paciente portador de sofrimento mental; • Treinar as técnicas básicas em enfermagem; • Realizar os cuidados de enfermagem; • Participar das atividades de lazer; • Participar dos programas de integração do usuário/comunidade/família.
METODOLOGIAS DE ENSINO APLICÁVEIS	<ul style="list-style-type: none"> • O estágio deverá ser precedido por visita técnica a Instituição de Hospitalização Psiquiátrica, a fim de possibilitar o confronto em loco da desinstitucionalização psiquiátrica. Toda carga horária será desenvolvida em Centro de Atenção Psicossocial – CAPS, onde o aluno, individualmente e de forma coletiva, deverá alcançar os objetivos gerais e objetivos propostos. Cada grupo será composto por 5 alunos.
METODOLOGIAS DE AVALIAÇÃO APLICÁVEIS	<ul style="list-style-type: none"> • Usar-se-á instrumento de avaliação próprio, que será dividido em competências comportamentais e éticas (totalizando 4 pontos) e os conhecimentos teóricos e práticos (totalizando 6 pontos).

FREQUÊNCIA	<ul style="list-style-type: none">• A frequência do aluno será verificada pelo professor responsável pelo campo de estágio e obrigatoriamente preenchida diariamente através de ficha própria;• O aluno que faltar por mais de 05 (cinco) dias consecutivos, será notificado à Coordenação, podendo ser reprovado no campo de estágio;• Ao aluno estagiário que, nos casos previstos por lei (Lei nº 6.202 de 17 de abril de 1975 e Decreto nº 1.044 de 21 de outubro de 1969), não puder comparecer ao estágio, terá suas faltas justificadas mediante a apresentação do atestado médico, tendo a oportunidade de reposição da carga horária do campo de estágio em questão;• O aluno que apresentar faltas que não se enquadrem nos casos supracitados terá que preencher a Justificativa de Falta (anexa) que será avaliada pelo Coordenador do curso. Caso este julgue a justificativa pertinente, o aluno terá a oportunidade de reposição da carga horária perdida em cronograma estabelecido;• Faltas não justificadas não serão repostas e, portanto, o aluno será REPROVADO.
APROVAÇÃO	<ul style="list-style-type: none">• Considera-se aprovado o aluno que obtiver aproveitamento de 60% da pontuação total do estágio, referentes às propostas pelo instrumento de avaliação. Além do aproveitamento concernente, o aluno também deverá integralizar o total da carga horária.

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS – IFAL
PRÓ-REITORIA DE ENSINO
CAMPUS BENEDITO BENTES**

CURSO	TÉCNICO DE NÍVEL MÉDIO EM ENFERMAGEM	FORMA	SUBSEQUENTE	MÓDULO	4º
EIXO TECNOLÓGICO	AMBIENTE E SAÚDE				
COMPONENTE CURRICULAR	ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE ENFERMAGEM EM SAÚDE DA CRIANÇA E ADOLESCENTE				
CH SEMESTRAL	80 HORAS / AULA	CH SEMANAL	04 HORAS /AULA	FATOR	1

EMENTA	<ul style="list-style-type: none"> • Execução de prática supervisionada em área hospitalar, para a prestação de assistência de enfermagem humanizada e terapêutica ao Rn, criança e adolescente portadores de doenças mais prevalentes da infância, a partir do Estatuto da criança e do adolescente.
OBJETIVOS GERAL	<ul style="list-style-type: none"> • Aplicar técnicas de aferição de SSVV e medidas antropométricas em assistência à saúde da criança e adolescente; • Compreender a importância da sistemática e correta mensuração pondero estatural para o acompanhamento do desenvolvimento infantil; • Rever técnicas básicas de enfermagem com enfoque na especificidade pediátrica; • Reconhecer por meio do exame físico as principais alterações no lactente, pré-escolar, escolar e adolescentes; • Conhecer aspectos biopsicossociais da saúde da criança; • Operar equipamentos e manusear materiais e instrumentos utilizados no cuidado de enfermagem à criança e ao pré-adolescente; • Registrar o acompanhamento do crescimento e desenvolvimento da criança e do pré-adolescente; • Realizar ações que promovam o bem-estar e melhorem a qualidade de vida da criança e do adolescente.
OBJETIVO ESPECIFICOS	<ul style="list-style-type: none"> • Realizar medidas antropométricas em crianças e adolescentes; • Realizar aferição de SSVV em crianças e adolescentes; • Realizar exame físico em crianças e adolescentes; • Realizar cuidados neonatais (banho, cuidados com o coto, fototerapia); • Administrar medicamentos em pediatria; • Conhecer e aplicar o esquema de reidratação oral; • Abertura e continuidade de esquema vacinal (aplicação e aprazamento); • Conhecer e utilizar as fichas e gráficos de acompanhamento do crescimento e desenvolvimento da criança e do adolescente; • Aplicar os cuidados de enfermagem nas áreas de hospitalar voltados a neonatologia e pediatria; • Prestar assistência ao trinômio; • Executar técnicas específicas da prática profissional do técnico em enfermagem na saúde da criança e do adolescente de forma segura crítica e com perícia. • Orientar cuidados pós alta. • Atuar frente as questões propostas Estatuto da criança e do adolescente.
METODOLOGIAS DE ENSINO APLICÁVEIS	<ul style="list-style-type: none"> • O estágio deverá ser precedido por visita técnica a Instituição de Hospitalização Pediátrica e neonatal, buscando confrontar o aluno com as possibilidades de

	<p>aplicação prática dos conhecimentos teórico adquiridos. A carga horária será dividida entre: unidade hospitalar clínica cirúrgica pediátrica e alojamento conjunto; onde o aluno, individualmente e de forma coletiva, deverá alcançar os objetivos gerais e objetivos propostos. Cada grupo será composto por até 6 alunos.</p>
<p>METODOLOGIAS DE AVALIAÇÃO APLICÁVEIS</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Usar-se-á instrumento de avaliação próprio, que será dividido em competências comportamentais e éticas (totalizando 4 pontos) e os conhecimentos teóricos e práticos (totalizando 6 pontos).
<p>FREQUÊNCIA</p>	<ul style="list-style-type: none"> • A frequência do aluno será verificada pelo professor responsável pelo campo de estágio e obrigatoriamente preenchida diariamente através de ficha própria; • O aluno que faltar por mais de 05 (cinco) dias consecutivos, será notificado à Coordenação, podendo ser reprovado no campo de estágio; • Ao aluno estagiário que, nos casos previstos por lei (Lei nº 6.202 de 17 de abril de 1975 e Decreto nº 1.044 de 21 de outubro de 1969), não puder comparecer ao estágio, terá suas faltas justificadas mediante a apresentação do atestado médico, tendo a oportunidade de reposição da carga horária do campo de estágio em questão; • O aluno que apresentar faltas que não se enquadrem nos casos supracitados terá que preencher a Justificativa de Falta (anexa) que será avaliada pelo Coordenador do curso. Caso este julgue a justificativa pertinente, o aluno terá a oportunidade de reposição da carga horária perdida em cronograma estabelecido; • Faltas não justificadas não serão repostas e, portanto, o aluno será REPROVADO.
<p>APROVAÇÃO</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Considera-se aprovado o aluno que obtiver aproveitamento de 60% da pontuação total do estágio, referentes às propostas pelo instrumento de avaliação. Além do aproveitamento concernente, o aluno também deverá integralizar o total da carga horária.

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS – IFAL
PRÓ-REITORIA DE ENSINO
CAMPUS BENEDITO BENTES**

CURSO	TÉCNICO DE NÍVEL MÉDIO EM ENFERMAGEM	FORMA	SUBSEQUENTE	MÓDULO	4º
EIXO TECNOLÓGICO	AMBIENTE E SAÚDE				
COMPONENTE CURRICULAR	ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE ENFERMAGEM EM SAÚDE DA MULHER				
CH SEMESTRAL	80 HORAS / AULA	CH SEMANAL	04 HORAS /AULA	FATOR	1

EMENTA	<ul style="list-style-type: none"> • Execução de prática supervisionada em área hospitalar, para a prestação de assistência de enfermagem humanizada e terapêutica ao Rn, criança e adolescente portadores de doenças mais prevalentes da infância, a partir do Estatuto da criança e do adolescente.
OBJETIVOS GERAL	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver habilidades técnicas e relacionais no manejo do cuidado a saúde da mulher em: <ul style="list-style-type: none"> ✓ Planejamento familiar; ✓ Prevenção dos cânceres de mama e colo uterino; ✓ Climatério e menopausa e no ciclo gravídico-puerperal;
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	<ul style="list-style-type: none"> • Orientar a utilização de métodos contraceptivos; • Orientar o auto exame da mama; • Auxiliar e orientar o aleitamento materno; • Auxiliar nos cuidados de enfermagem no pré-natal, trabalho de parto/parto e puerpério; • Prestar assistência de enfermagem visando orientação, prevenção e recuperação da mulher vítima de IST.
METODOLOGIAS DE ENSINO APLICÁVEIS	<ul style="list-style-type: none"> • Usar-se-á instrumento de avaliação próprio, que será dividido em competências comportamentais e éticas (totalizando 4 pontos) e os conhecimentos teóricos e práticos (totalizando 6 pontos).
METODOLOGIAS DE AVALIAÇÃO APLICÁVEIS	<ul style="list-style-type: none"> • A frequência do aluno será verificada pelo professor responsável pelo campo de estágio e obrigatoriamente preenchida diariamente através de ficha própria; • O aluno que faltar por mais de 05 (cinco) dias consecutivos, será notificado à Coordenação, podendo ser reprovado no campo de estágio; • Ao aluno estagiário que, nos casos previstos por lei (Lei nº 6.202 de 17 de abril de 1975 e Decreto nº 1.044 de 21 de outubro de 1969), não puder comparecer ao estágio, terá suas faltas justificadas mediante a apresentação do atestado médico, tendo a oportunidade de reposição da carga horária do campo de estágio em questão; • O aluno que apresentar faltas que não se enquadrem nos casos supracitados terá que preencher a Justificativa de Falta (anexa) que será avaliada pelo Coordenador do curso. Caso este julgue a justificativa pertinente, o aluno terá a oportunidade de reposição da carga horária perdida em cronograma estabelecido; • Faltas não justificadas não serão repostas e, portanto, o aluno será REPROVADO.

FREQUÊNCIA	<ul style="list-style-type: none">• Considera-se aprovado o aluno que obtiver aproveitamento de 60% da pontuação total do estágio, referentes às propostas pelo instrumento de avaliação. Além do aproveitamento concernente, o aluno também deverá integralizar o total da carga horária.
APROVAÇÃO	<ul style="list-style-type: none">• Usar-se-á instrumento de avaliação próprio, que será dividido em competências comportamentais e éticas (totalizando 4 pontos) e os conhecimentos teóricos e práticos (totalizando 6 pontos).

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS – IFAL
PRÓ-REITORIA DE ENSINO
CAMPUS BENEDITO BENTES**

CURSO	TÉCNICO DE NÍVEL MÉDIO EM ENFERMAGEM	FORMA	SUBSEQUENTE	MÓDULO	4º
EIXO TECNOLÓGICO	AMBIENTE E SAÚDE				
COMPONENTE CURRICULAR	ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE ENFERMAGEM PERI-OPERATÓRIA E CME				
CH SEMESTRAL	80 HORAS / AULA	CH SEMANAL	04 HORAS /AULA	FATOR	1

EMENTA	<ul style="list-style-type: none"> • Execução de prática supervisionada em área hospitalar em internamento cirúrgico, em centro cirúrgico, central de material e esterilização, para a prestação de assistência de enfermagem humanizada e terapêutica ao indivíduo portador de afecções cirúrgicas em período peri-operatório. Execução de técnicas de preparo, esterilização, armazenamento e dispensação de artigos hospitalares.
OBJETIVOS GERAIS	<ul style="list-style-type: none"> • Aplicar os princípios de limpeza, acondicionamento, esterilização, armazenamento e controle dos artigos médico-hospitalares; • Descrever as ações do técnico de enfermagem e demais membros da equipe na unidade de central de material, compreender as responsabilidades éticas e legais; • Identificar a importância da Comissão de Controle de Infecção Hospitalar. • Descrever a estrutura física e o funcionamento organizacional da clínica cirúrgica e centro-cirúrgico; • Conhecer as fases da assistência ao paciente perioperatório; • Assistir a pessoa no período peri-operatório, da recepção no centro cirúrgico à transferência para a unidade de internação, SRPA ou alta; • Realizar os procedimentos pertinentes ao circulante cirúrgico; • Operar equipamentos próprios da unidade cirúrgica; • Conhecer e aplicar a montagem da mesa cirúrgica identificando os tempos cirúrgicos na instrumentação; • Prestar assistência de enfermagem nas afecções cirúrgicas neurológicas, cardiovasculares, respiratórias, digestórias e geniturinárias.
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer a área física do CME quanto aos tipos, ambientes de apoio, localização, dinâmica e fluxo. • Compreender os critérios mínimos recomendados para processamento dos produtos para saúde; • Atuar em processos de desinfecção de produtos por meio físico e química; • Executar técnica correta de empacotamento de produtos para saúde, a partir dos diferentes tipos de embalagens e produtos; • Executar e monitorar diversos tipos de processos de esterilização; • Armazenar e distribuir artigos esterilizados • Entender a estrutura física e o funcionamento organizacional da clínica cirúrgica e centro-cirúrgico; • Atuar como circulante cirúrgico em preparos de salas de cirurgia; • Prestar assistência de enfermagem ao indivíduo portador de afecções cirúrgicas neurológicas, cardiovasculares, respiratórias, digestórias, geniturinárias, ortopédicas, no período peri-operatório. • Entender o fluxo operacional da Comissão de Controle de Infecção Hospitalar

<p>METODOLOGIAS DE ENSINO APLICÁVEIS</p>	<ul style="list-style-type: none"> • O estágio deverá ser precedido por visita técnica a Instituição de hospitalização clínica ou cirúrgica, a fim de possibilitar <i>in loco</i> o confronto teórico-prático. Toda carga horária será desenvolvida em unidades hospitalares de internamento cirúrgico, central de material e esterilização e centro-cirúrgico, onde o aluno, individualmente e de forma coletiva, deverá alcançar os objetivos gerais e objetivos propostos. Cada grupo será composto por até 6 alunos.
<p>METODOLOGIAS DE AVALIAÇÃO APLICÁVEIS</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Usar-se-á instrumento de avaliação próprio, que será dividido em competências comportamentais e éticas (totalizando 4 pontos) e os conhecimentos teóricos e práticos (totalizando 6 pontos).
<p>FREQUÊNCIA</p>	<ul style="list-style-type: none"> • A frequência do aluno será verificada pelo professor responsável pelo campo de estágio e obrigatoriamente preenchida diariamente através de ficha própria; • O aluno que faltar por mais de 05 (cinco) dias consecutivos, será notificado à Coordenação, podendo ser reprovado no campo de estágio; • Ao aluno estagiário que, nos casos previstos por lei (Lei nº 6.202 de 17 de abril de 1975 e Decreto nº 1.044 de 21 de outubro de 1969), não puder comparecer ao estágio, terá suas faltas justificadas mediante a apresentação do atestado médico, tendo a oportunidade de reposição da carga horária do campo de estágio em questão; • O aluno que apresentar faltas que não se enquadrem nos casos supracitados terá que preencher a Justificativa de Falta (anexa) que será avaliada pelo Coordenador do curso. Caso este julgue a justificativa pertinente, o aluno terá a oportunidade de reposição da carga horária perdida em cronograma estabelecido; • Faltas não justificadas não serão repostas e, portanto, o aluno será REPROVADO.
<p>APROVAÇÃO</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Considera-se aprovado o aluno que obtiver aproveitamento de 60% da pontuação total do estágio, referentes às propostas pelo instrumento de avaliação. Além do aproveitamento concernente, o aluno também deverá integralizar o total da carga horária.

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS – IFAL
PRÓ-REITORIA DE ENSINO
CAMPUS BENEDITO BENTES**

CURSO	TÉCNICO DE NÍVEL MÉDIO EM ENFERMAGEM	FORMA	SUBSEQUENTE	MÓDULO	4º
EIXO TECNOLÓGICO	AMBIENTE E SAÚDE				
COMPONENTE CURRICULAR	ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE ENFERMAGEM EM URGÊNCIA E EMERGÊNCIA				
CH SEMESTRAL	40 HORAS / AULA	CH SEMANAL	02 HORAS /AULA	FATOR	1

EMENTA	<ul style="list-style-type: none"> Execução de prática supervisionada em área hospitalar em unidades de pronto-atendimento e/ou UE hospitalares, para a prestação de assistência de enfermagem humanizada e terapêutica ao indivíduo em situações de urgência e emergência pré-hospitalar e/ou hospitalar a partir da Política Nacional de Atenção às Urgências e Emergências.
OBJETIVOS GERAIS	<ul style="list-style-type: none"> Prestar assistência de enfermagem a luz da Política Nacional de Atenção às Urgências e Emergências, compreendendo o fluxo do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU/192) e das unidades de pronto-atendimento e hospitalares; Prestar primeiros socorros às vítimas em situações de urgência e emergência; Interpretar sinais e sintomas, tratamentos, cuidados e procedimentos de enfermagem utilizados nos atendimentos de urgência e emergência e a pacientes graves; Identificar os materiais, e equipamentos mais comuns utilizados em emergência;
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	<ul style="list-style-type: none"> Reconhecer a aplicabilidade do APH (Atendimento pré-hospitalar – SAMU) quanto a sua organização e tipos de veículos de transporte; <ul style="list-style-type: none"> ✓ Prestar assistência de enfermagem em urgências e emergências mais comuns como queimaduras, afogamentos, traumatismos menores e acidentes com animais peçonhentos Executar avaliação inicial e as sequências de atendimento segundo protocolo ABCDE; Demonstrar noções de hemostasia, cuidados com a coluna cervical, fraturas, imobilização e transporte da vítima Prestar assistência de enfermagem em emergências de desequilíbrio hidroeletrolítico, neurológicas, cardiovascular, pulmonares, gastrointestinais, oftalmológica, otorrinolaringológica. Entender e participar do processo de reanimação cardiopulmonar; Compreender e notificar agravos de violência contra a criança, mulher e idoso.
METODOLOGIAS DE ENSINO APLICÁVEIS	<ul style="list-style-type: none"> O estágio deverá ser precedido por visita técnica a Instituição de hospitalização clínica ou cirúrgica, a fim de possibilitar <i>in loco</i> o confronto teórico-prático. Toda carga horária será desenvolvida em Serviços de urgência e emergência e unidades de pronto-atendimento, onde o aluno, individualmente e de forma coletiva, deverá alcançar os objetivos gerais e objetivos propostos. Cada grupo será composto por até 6 alunos.

METODOLOGIAS DE AVALIAÇÃO APLICÁVEIS	<ul style="list-style-type: none">• Usar-se-á instrumento de avaliação próprio, que será dividido em competências comportamentais e éticas (totalizando 4 pontos) e os conhecimentos teóricos e práticos (totalizando 6 pontos).
FREQUÊNCIA	<ul style="list-style-type: none">• A frequência do aluno será verificada pelo professor responsável pelo campo de estágio e obrigatoriamente preenchida diariamente através de ficha própria;• O aluno que faltar por mais de 05 (cinco) dias consecutivos, será notificado à Coordenação, podendo ser reprovado no campo de estágio;• Ao aluno estagiário que, nos casos previstos por lei (Lei nº 6.202 de 17 de abril de 1975 e Decreto nº 1.044 de 21 de outubro de 1969), não puder comparecer ao estágio, terá suas faltas justificadas mediante a apresentação do atestado médico, tendo a oportunidade de reposição da carga horária do campo de estágio em questão;• O aluno que apresentar faltas que não se enquadrem nos casos supracitados terá que preencher a Justificativa de Falta (anexa) que será avaliada pelo Coordenador do curso. Caso este julgue a justificativa pertinente, o aluno terá a oportunidade de reposição da carga horária perdida em cronograma estabelecido;• Faltas não justificadas não serão repostas e, portanto, o aluno será REPROVADO.
APROVAÇÃO	<ul style="list-style-type: none">• Considera-se aprovado o aluno que obtiver aproveitamento de 60% da pontuação total do estágio, referentes às propostas pelo instrumento de avaliação. Além do aproveitamento concernente, o aluno também deverá integralizar o total da carga horária.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Agrário. Secretária da Avaliação e Gestão da Informação. Relatório de Informações Sociais: relatório sobre Bolsa Família e Cadastro Único. Brasília, 2017. Disponível em: [https://aplicacoes.mds.gov.br/sagi/Rlv3/geral/relatorio.php#Visão Geral](https://aplicacoes.mds.gov.br/sagi/Rlv3/geral/relatorio.php#Visão%20Geral)

_____. Ministério da Educação. Parecer CNE/CEB 11, de 09 de maio de 2012. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio. Brasília, 2012. Disponível em http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=10804-pceb011-12-pdf&category_slug=maio-2012-pdf&Itemid=30192

_____. Ministério da Educação. SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS. CONSELHO SUPERIOR. RESOLUÇÃO Nº 34/CS, DE 30 DE AGOSTO DE 2013, Brasília, 2013. Disponível em <file:///C:/Users/IFAL%20Benedito/Downloads/Res%20No%2034%20CS-2013%20Aprova%20o%20Regulamento%20de%20%20Estagio%20para%20estudantes%20do%20IFAL.pdf>

_____. Ministério da Educação. Resolução CNE/CEB 3, de 9 de julho de 2008. Catálogo Nacional de Cursos Técnicos. Brasília, 2008. Disponível em http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/rceb003_08.pdf

_____. Ministério da Educação. RESOLUÇÃO CEB N.º 4, DE 8 DE DEZEMBRO DE 1999, Brasília, 2008. Disponível em http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb004_99.pdf

_____. Ministério da Educação. Resolução CNE/CEB 4, de 6 de junho de 2012. Catálogo Nacional de Cursos Técnicos. Brasília, 2012. Disponível em http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=10941-rceb004-12&category_slug=maio-2012-pdf&Itemid=30192

_____. Ministério da Educação. Índice de Desenvolvimento da Ed. Básica – IBGE. 2011.

_____. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996. Brasília:1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm

_____. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. LEI Nº 11.788, DE 25 DE SETEMBRO DE 2008. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/lei/111788.htm

_____. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. LEI No 7.498, DE 25 DE JUNHO DE 1986. Brasília: 1986. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7498.htm

_____. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. DECRETO No 94.406, DE 8 DE JUNHO DE 1987. Brasília: 1987. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1980-1989/d94406.htm

_____. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: síntese de indicadores 2014 / IBGE, Coordenação de Trabalho e Rendimento. - Rio de Janeiro: IBGE, 2015. 102 p. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv94935.pdf>

_____. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios : síntese de indicadores 2013 / IBGE, Coordenação de Trabalho e Rendimento. Vol. 33. Rio de Janeiro: IBGE, 2015. 102 p. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/59/pnad_2013_v33_br.pdf

_____. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios : síntese de indicadores 2012 / IBGE, Coordenação de Trabalho e Rendimento. Rio de Janeiro: IBGE, 2015. 102 p. Disponível em: http://prattein.com.br/home/images/stories/230813/Gestao_Publica/pnad_sintese_2012.pdf

GOVERNO DO ESTADO DE ALAGOAS/Secretaria de Estado do Planejamento e do Desenvolvimento Econômico (SEPLANDE). Projeção da População dos Municípios Alagoanos. – Ano 2011, n.3 – (2005). Maceió:, 2011. v.: il. Color.: 21Cm

_____/ Secretaria de Estado do Planejamento, Gestão e Patrimônio – SEPLAG. Anuário Estatístico do Estado de Alagoas. - Ano 22, n. 22 (1975) - v.: il. Color.; 21cm. Maceió: 2017. Disponível em: <http://dados.al.gov.br/dataset/4510081e-80b9-4b1e-9d93-9c6a775587fd/resource/e7015c87-944f-46f6-8ee5-d0727578ee7f/download/anuario2016v.2221.03.2017.pdf>

_____. Secretaria de Estado do Planejamento, Gestão e Patrimônio – SEPLAG: Superintendência de Produção da Informação e do conhecimento. Indicadores básicos de alagoas. – Ano 3, n. 3 (2014) - Maceió: 2017. Disponível em:

<http://dados.al.gov.br/dataset/79fa1657-a13f-41a2-9087-95d1fc8ca12b/resource/d2c97b5a-fe1b-4f74-b63b-1a267c37e47f/download/indicadoresbasicos.pdf>

CARVALHO, Cícero Pérciles. Economia Popular. 5ª ed. rev. amp. Maceió: EDUFAL, 2012. Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação – CETIC.br (<http://www.cetic.br/>) – 2006.

COFEn – Conselho Federal de Enfermagem. RESOLUÇÃO COFEN Nº 0441/2013, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em http://www.cofen.gov.br/resolucao-cofen-no-4412013_19664.html

COFEn – Conselho Federal de Enfermagem. RESOLUÇÃO COFEN Nº 0509/2016, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em http://www.cofen.gov.br/resolucao-cofen-no-05092016-2_39205.html

IFAL - Observatório Socioeconômico e Educacional, 2013.

IFAL - Portaria nº 424/GR, de 15 de abril de 2010. Atualização das Normas de Organização Didática. IFAL - Projeto Político Pedagógico Institucional, 2014.

IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- Censo, 2010. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Nacional por amostra de domicílio, 2012.